

PK

CEDI - P. I. B.  
DATA 01, 06, 86  
COD PK D16

PROJETO PARAKANA  
RELATORIO DE ATIVIDADES  
PRIMEIRA ETAPA  
JULHO - 1978



## Relatório de Atividades do Projeto Parakanã - Primeira Etapa

### Introdução

O Projeto Parakanã, elaborado para desenvolver atividades atinentes à transferência das comunidades indígenas Parakanã, esteve com seus trabalhos voltados para o grupo residente na Reserva de Pucurui, aliás como estava previsto. Tal se deve a premência de tempo, já que esta área será atingida pelas águas da Hidrelétrica de Tucurui no segundo semestre do próximo ano, conforme cronograma estabelecido por essa Empresa. Deste modo, foram realizadas até o presente ações que possibilitem a implantação do citado Projeto, o que implica, pois, no estabelecimento de infra-estrutura que venha a amenizar o impacto de mais uma transferência com este grupo tribal recém-contatado. Assim, podemos dividir este primeiro período em duas fases distintas: a primeira destinada a trabalhos de ordem burocrática, tais como licitações que cobrissem parte dos bens requisitados pelo Projeto. Isto, juntamente, com a prestação de contas de suprimentos que nos foram fornecidos, nos impossibilitou de dirigirmo-nos à área indígena antes de meados do mês de maio do corrente ano. Permanecemos, então, entre as localidades de Brasília e Belem, mais tempo do que havíamos previsto.

A segunda fase podemos denominá-la como sendo de campo, propriamente dita. Estávamos, então, atuando



diretamente com a comunidade e em viagens de reconhecimento à área do Rio Cajazeiras, mais precisamente no chamado Igarapé do Meio, junto ao local "Poção dos Caboclos". Pudemos, assim, observar situações de real interesse ao Projeto Parakanã, tanto no que concerne a própria transferência dos índios da Reserva de Pucurui, como avaliar os resquícios relacionados às transferências anteriores e que ainda persistem no grupo.

Por outro lado, não nos foi possível o deslocamento à Reserva Parakanã face não só ao pouco tempo em que estivemos em campo, e que preferimos dedicá-lo ao máximo àquele grupo / Parakanã, mas também por se encontrarem os índios sitiados nesta área situação mais favorável quanto a Hidrelétrica de Tucurui, já que a sua inundação esta prevista para 1982.



3

Comunidade Parakanã - Posto Indígena Pucurui

O grupo Parakanã que hoje reside no Terceiro Acampamento, Posto Indígena Pucurui, parte integrante da Reserva de Pucurui, tem diante de si momentos dos mais decisivos, e não estaríamos sendo em nada alarmistas se adicionarmos o adjetivo dramático - a situação que os envolve. Assim, se por um lado podemos dizer que um novo horizonte começa a se delinear à comunidade Parakanã, por outro, podemos também afirmar que jamais um horizonte se lhes revelou tão duvidoso. E se a isto devemos, como já é de conhecimento público, a construção da Hidrelétrica de Eucurui, observamos, porém, que a transferência imposta a este grupo indígena não pode de forma alguma ser entendida como um momento isolado, ou até mesmo único para estes índios. Esta claro, pois, que se as coisas no geral se encontram relacionadas entre si, formando um contexto mais amplo, no que se refere a esta comunidade não acontece diferente. Desse modo, a situação atual dos Parakanã só podera ser inteligível à medida em que a relacionarmos aos fatos passados, a começar do próprio contato com elementos do órgão protetor oficial, ocorrido entre janeiro e março de 1976. A partir deste momento tivemos este grupo subjugado à vontade daqueles elementos, que arbitrariamente o transferiu de local por duas vezes, entre fins daquele ano e inícios do seguinte <sup>1</sup>. Tal fato contribuiu, não só para uma sensível perda de

1 - Projeto Parakanã, texto mimeografado.



de 27,5% (vinte e sete e meio por cento) da população, mas também para a permanência de um estado de apatia face a toda a mudança na ordem ambiental da comunidade, como ainda a toda sorte de epidemias a que foram lançados os Parakanã, tais como malária, gripe, disenteria. Além disso, a ausência de um trabalho que visasse a amenização do impacto de tais problemas não foi realizado pela administração regional do órgão protetor, culminando em situação de extrema dependência do Posto Indígena, inclusive no que diz respeito à alimentação.

Há de se lembrar mais uma vez que tal fato favorece aos "responsáveis" pela comunidade, pois que têm atuado dentro de uma linha paternalista, em detrimento ao grupo indígena.

Por outro lado, um dos objetivos a que se destina o Projeto Parakanã é, não só a transferência da comunidade, mas também proporcionar a estes índios condições para que eles estabeleçam as diretrizes do traslado e a sua autodeterminação. Contudo, as condições atuais para a transferência dos Parakanã não são das mais favoráveis, o que do nosso ponto de vista é amplamente justificável, embora não tenha sido esta a situação encontrada por nós anteriormente. Aliás, o grupo se mantém bastante inflexível em permanecer na Reserva de Pucuruí. Entretanto, e como dissemos não foi esse o quadro que encontramos entre os meses de agosto e setembro de 1977, quando nos entrevistamos com a comunidade. Observamos, então, que a pretensão do grupo era o seu retorno ao Rio Anapu,



local de contato, o mais breve possível e apresentavam como justificativa para isto a riqueza de alimentos naquela região. Isto já foi salientado por nós, quando da elaboração do Projeto Karakanã. Ora, se tal era a convicção dos índios em voltar ao Rio Anapú, por que hoje mantem reticentes em sua transferencia? Cremos que poderíamos apresentar como resposta dois caminhos que atuam, inclusive, como reforço um do outro. O primeiro, seria o dos acontecimentos registrados durante o contato, e que, conforme já salientamos, sofreram os Parakanã de um mal que denominamos de interferência paternalista - autoritária. Foram eles transferidos por duas vezes seguidas sem que sequer a chance de opinar lhes tivesse sido oferecida. Assim, quando já no Terceiro Acampamento, era notória a insatisfação do grupo com o local. Entretanto, quando ao final do de 1977 soube-se do massacre de um grupo Parakanã, ainda isolado, por um grupo Xikrin, sub-grupo Kayapó, nas matas do Rio Bacajá, isto serviu para desencorajar os Parakanã do Terceiro Acampamento sobre qualquer possibilidade de retorno ao Rio Anapú, ou mesmo de mudança para outra área qualquer. Deste modo é passível de percepção que:

Massacre

- a) os Parakanã não se encontrando satisfeitos no local que lhes foi destinado, arbitrariamente, pela 2ª Delegacia Regional da F.U.N.A.O. dali só não saíram devido a problemas da depopulação alcançada com o contato, como também ao precário estado de saúde em que se encontravam e, por outro lado, porque a deficiente alimentação a que foram submetidos, e até hoje se encontram sem a feitura de roças, já os obrigava



a depender do Posto Indigena;

b) a possibilidade de mudança que surge, entretanto, não é bem recebida pelo proprio grupo face ao massacre Xikrin, tornando-os temerários de uma nova transferencia, mesmo que fosse para o seu local de origem, o Rio Anapu.

Assim, quer-nos parecer que as duas alternativas se complementam e entendemos a negativa Parakanã em se transferirem como uma resistênciã passiva e ou pacifica, já que que não buscam por si proprios apontar outros lugares para onde / quisessem se transferir.

Entendemos ainda que o massacre Xikrin deve ser visto como uma falha grosseira e imperdoável da administração regional da Fundação Nacional do Indio. Ora, era de se supor que a partir do momento em que se soube do aparecimento dos Parakanã na Reserva Xikrin do Rio Bacajá, mais precisamente na roça indigena e ali tivessem ferido à flechada um indio Kayapó, medidas preventivas viessem a ser imediatamente tomadas no sentido de amenizar o ânimo Kayapó, ou mesmo impedir qualquer ação mais violenta. Para tanto, deveriam ser chamadas pessoas que conhecem não só a lingua Kayapó, mas também aquelas que por convivência ou estudo adquiriram relevantes conhecimentos do universo Xikrin. Assim, e apenas para lembrar-mos alguns nomes podemos citar o Sr. Alceu Massara que trabalhou por longo tempo como chefe do Posto Indigena Xikrin do Rio Cateté, ou até mesmo a Profa. Dra. Lux Vidal que tem sua tese de doutoramento sobre este sub-grupo Kayapó. No que diz respeito ao chefe



do Posto Indígena do Rio Bacajá, Sr. Jose Batista, fomos informados pelo sertanista Osmundo dos Anjos<sup>2</sup> de que aquele senhor nada fez para ao menos tentar conter o grupo indígena do Rio Bacajá.

Assim, e segundo consta, 16 (dezesseis) Parakanã foram mortos com espingardas de cartucho, sendo que outros 8 (oito), aproximadamente, foram presos pelos Xikrin. Não se sabe ao certo o numero de indios de que aquele grupo se compunha, mas acredita-se que havia entre 40 (quarenta) e 50 (cinquenta) pessoas, entre as quais grande parte ficou bastante ferida, de acordo com informações prestadas pelos proprios Xikrin ao Sr. Osmundo dos Anjos. Dos 8 (oito) aprisionados pelos Xikrin, um morreu em Altamira quando foram retirados, em fevereiro do corrente ano, da Reserva Bacajá e encaminhados a Reserva de Pucurui, Terceiro Acampamento. Chegaram à aldeia Parakanã 7 (sete) sobreviventes, dos quais, segundo nos informou a atendente de enfermagem Eliça Carreira, 4 (quatro) morreram durante caçadas em companhia dos Parakanã locais. Existem, portanto, junto a esta comunidade 3 (tres) sobreviventes do massacre Xikrin dos quais 2 (dois) são ainda pequenos e se encontram entre 5 (cinco) e 10 (dez) anos, e uma unica india adulta que pode ser enquadrada numa faixa etária entre 20 (vinte) e 25 (vinte e cinco) anos de idade.

*Negativa a  
transpêncie.*

Pois bem, com isso foi, então, descartada a possibilidade do Rio Anapu, - pelo menos por enquanto, tendo nós apresentado ao grupo dois outros locais: o Rio Cajazeiras, local 2- O Sr. Osmundo dos Anjos foi quem chefêou a averiguação sobre o massacre, que fica a 7 (sete) dias de viagem da aldeia Xikrin.



habitado por este mesmo grupo Parakanã durante muito tempo, e a Reserva Parakanã. Tais lugares foram-lhes apresentados visto não nos fornecerem eles a escolha de outra área, como dissemos acima. Quanto à primeira ainda se mostram bastante reticentes, apesar de afirmarem ser um bom local.

X No tocante a Reserva Parakanã afirmam que gostariam de ir simplesmente passear, mas se negam a uma mudança em definitivo. É bom lembrar ainda que o grupo da Reserva Parakanã é cisão deste que se encontra no Terceiro Acampamento. Toda via, devido a urgência de tempo, face a primeira inundação estar prevista para 1979, e também por estar a época para a formação das roças se aproximando, há necessidade de realizarmos trabalho paralelo de convencer ao grupo Parakanã em sua transferência. Desta forma, pretendemos atuar de modo a fornecer a estes índios local, ao menos, propício ao seu modo de viver, não só no que diz respeito à própria subsistência, mas também à posse do território e conseqüentemente uma segurança maior à sua identidade étnica. Assim, acreditamos ser bastante viável a hipótese do Rio Cajazeiras, que unida à Reserva Parakanã formaria um único território indígena deste grupo de língua Tupi.

Realizamos, para isto, uma breve viagem de averiguação na área do Rio Cajazeiras que teve sua interdição resguardada pela Fundação Nacional do Índio,<sup>3</sup> no ano de 1973, para a atração deste mesmo grupo que se encontra na Reserva de Pucurui. Encontramos, pois, em companhia do servidor Raimundo Alves Batista, 3 - em anexo ao relatório enviamos cópia xerox dos termos do Edital de Convocação, apresentado pelo I.N.C.R.A., como também dos ofícios enviados pela F.U.N.A.I., reiterando o resguardo da área.



9

local que acreditamos ofereça os requisitos necessários ao "modus vivendi" Parakanã. Além de possuir uma boa reserva de castanhas, a região é muito rica no tocante a subsistência, visto que animais / como a anta, o queixada, a paca, etc., existem em grande abundância assim como a traira, o surubim, a piranha, o jau, etc., A coleta de jaboti, mel, frutos, etc., satisfazem ao lado da caça e da pesca a dieta alimentar Parakanã.

*Área solicitada*

X A área solicitada pela Fundação Nacional do Índio em sua administração regional e que engloba os Rios Cajazeiras ou da Esquerda, do Meio, da Direita, possui como limites:

- LESTE - do ponto conhecido como Boa Esperança, situado no chamado Rio do Meio e se prolongando em linha reta até encontrar a margem direita de quem sobe o Rio da Esquerda, num ponto / conhecido como Buenos Aires, e à margem esquerda de quem sobe o Rio da Direita, no ponto conhecido como Arapari;
- SUL - a margem direita de quem sobe o Rio da Esquerda até encontrar com suas cabeceiras;
- NORTE - a margem esquerda de quem sobe o Rio da Direita até encontrar com suas cabeceiras;
- OESTE - a linha reta que une as cabeceiras dos Rios da Direita, do Meio, da Esquerda.

Contudo, apesar da solicitação feita pela administração regional da Fundação Nacional do Índio, data de 10 de dezembro de 1973, através do ofício nº 112/ADV/, em respos



resposta ao Edital de Convocação, apresentado pelo I.N.C.R.A. e publicado no jornal " O Liberal ", da cidade de Belem, a região do Rio Cajazeiras foi deixada ao abandono a partir de 1974/5, o que / contribuiu para a existencia de posseiros no Rio do Meio e de fazendeiros nos Rios da Esquerda e da Direita, como tivemos oportunidade de presenciar, e que são os seguintes:

- Sr. Gregório Ramos - situado à margem esquerda do Rio do Meio, no local chamado Boa Esperança;
- Sr. Manoel Ferreira Sobrinho - acima do sr. Gregório Ramos e situado à margem direita do igarapé;
- Sr. ( fulano de tal ) conhecido por " Pernambuco " - acima do Sr. Manoel Ferreira Sobrinho, situado à margem direita do igarapé do Meio;
- Sr. Manoel Cassiano da Silva - situado à margem esquerda do igarapé do Meio e é o ultimo morador antes de se encontrar o chamado "Poção dos Caboclos", local dos contatos dos Parakanã e as frentes de penetração da Fundação Nacional do Indio, entre os anos de 1972 a 1974.

Quanto aos rios da Direita e da Esquerda, obtivemos informações através de um ex-piloto de popa da Fundação Nacional do Indio, de nome Faustino, de que em ambos os rios as áreas indigenas se encontram com vários posseiros e principalmente / fazendeiros. Entre os posseiros ficamos conhecendo os Srs. Raimundo Pires, que com seus tres irmãos Lauro Pires da Silva, Afonso Pires da Silva, Leoncio Pires da Silva, possuem quatro posses às margens do Rio da Direita. Entretanto, não viajamos pelos rios da Direita e da

Esquerda, o que pretendemos fazer em nossa volta ao campo.

Assim, e permanecendo a região do Rio Cajazeiras como de interesse da comunidade indígena Parakanã, mormente agora face ao problema criado com a Hidrelétrica de Tucuruí, se faz premente e em caráter de urgência a ocupação real da área pela Fundação Nacional do Índio, se se quiser preservar ainda uma parte do território de perambulação deste grupo Tupi. Além disso, é bom frisar, que outro grupo Parakanã perambula pelas matas do Rio Bacajá, Rio Negro, e Aguas Claras e também o chamado Rio Branco de Cima, onde acredita o sertanista João de Carvalho<sup>3</sup>, se encontrem estes Parakanã ainda não contatados. Ademais, as informações obtidas sugerem que haja possibilidade de um retorno destes índios ao Rio Cajazeiras, face serem eles parte de grupo que hoje se encontra no Terceiro Acampamento.

Por outro lado, ressaltamos a hipótese de se utilizar o limite sudoeste da Reserva Parakanã à área do Rio Cajazeiras aqui discriminada, como sendo, talvez, a mais viável para esta comunidade indígena. Baseamo-nos no que foi exposto acima.



Notas Etnográficas

1978  
 A população Parakanã da Reserva de Pucurá é composta atualmente de 31 (trinta e um) indivíduos, dos quais 13 (treze) são do sexo feminino e 18 (dezoito) pertencem ao sexo masculino. A comunidade reside em uma única casa, já não mais tradicional pois que foi feita a mando do ex-chefe da Ajudancia de Marabá. Esta dividida internamente em sete compartimentos abertos / aos quais identificamos como grupos domésticos, mantendo entre si intensas relações de trocas de bens e alimentos. As uniões matrimoniais se fazem tanto entre primos cruzados como do tipo avuncular, possuindo como regra de residencia a patrilocalidade ou ainda a neolocalidade.

No que se refere a ergologia existem algumas diferenças com respeito aos trançados em palha de babaçu. Tais diferenças se relacionam, não a materia-prima ou mesmo ao modo de confecção, mas sim ao resultado obtido. A cestaria dos Parakanã do Terceiro Acampamento pode ser considerada mais flexível do que a dos Parakanã da Reserva, Talvez isto se deva ao local de onde são retiradas as palhas-de-babaçu.

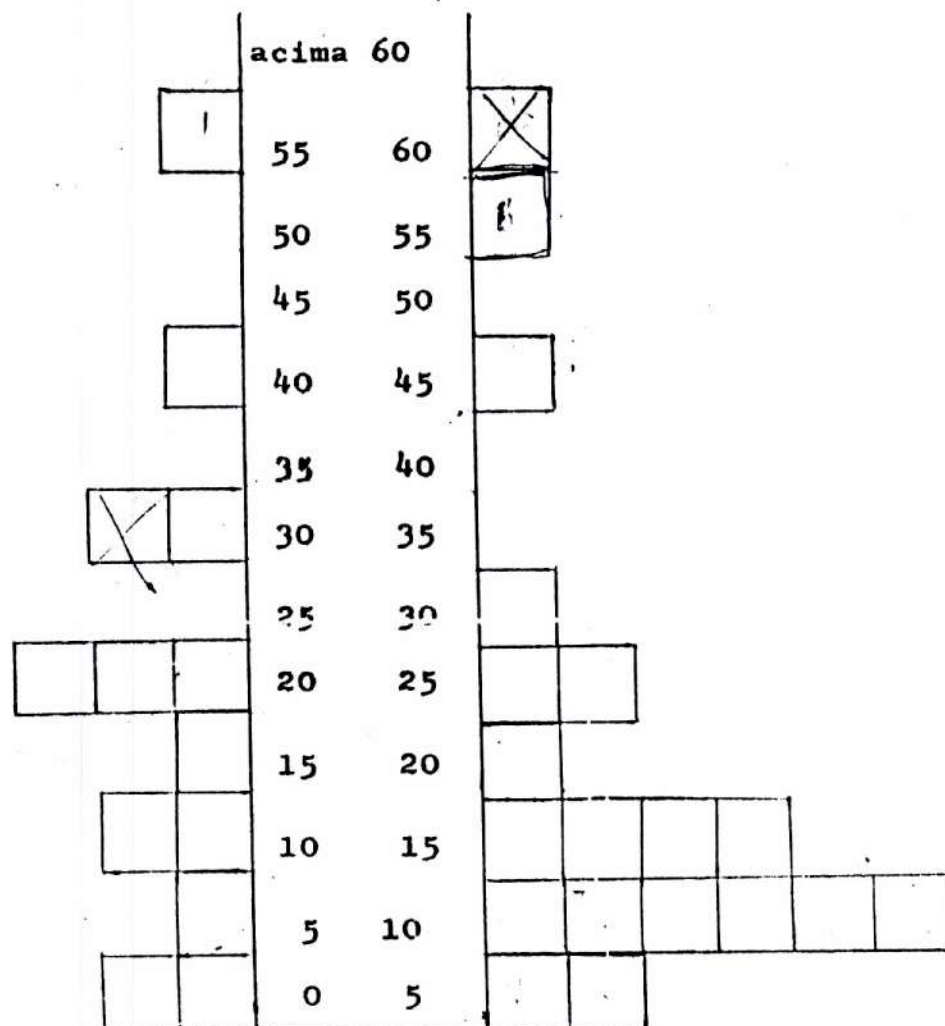
Gráfico Populacional do Terceiro Acampamento

Mulheres

Homens

Total = <sup>13</sup>~~12~~

Total = 18



Obs. - Fica inutilizada a faixa etária entre 55 (cinquenta e cinco) e 60 ( sessenta) anos para homem, pois os Parakanã do Terceiro Acampamento não apresentam nenhum representante neste intervalo, sendo que deve ser preenchido com um representante na faixa etária de 50 a 55 anos.



Outros Informes

Durante nossa permanência no Terceiro Acampamento fomos sabedores de dois fatos bastante desagradáveis, ocorridos um no próprio Terceiro Acampamento, ao qual tivemos oportunidade de presenciar, e o outro na Reserva Parakanã, que nos foi relatada pelo intérprete Puraquê Assurini. O primeiro deles / diz respeito a uma visita feita àquela área indígena por funcionários do Projeto Serraria, que pertence a própria Fundação Nacional do Índio. Diversos membros dessa unidade, em companhia de familiares, resolveram aproveitar um dia de domingo para realizar um verdadeiro " Pick-Nik " no território Parakanã, levando, inclusive, artefatos de pesca como a tarrafa e aguardente marca 51. Pois bem, como se isto não bastasse, entregaram aos elementos da comunidade peças de roupas como camisas e camisetas, retiradas do corpo na mesma hora e trocando-as por jaboti, flechas, panelas de barro, numa visível demonstração de como doenças podem ser transmitidas a todo um grupo indígena e o que é pior por elementos que integram o quadro de funcionários da própria Fundação Nacional do Índio. Enviamos, neste teor, correspondência ao Sr. Gerson Alves, Diretor do Departamento Geral de Operações deste instituição, solicitando-lhe providências cabíveis e imediatas.

O segundo fato aconteceu na Reserva Parakanã e nos foi relatado pelo intérprete Puraquê Assurini, podendo ser considerado tão nocivo quanto o primeiro. Ocorreu em meados do

ano passado, após termo-nos retirado dessa área indígena. Trata-se de mais um problema de relações sexuais entre um servidor da Fundação Nacional do Índio, de nome Esmeraldo, e que hoje serve na Frente de Penetração chefiada pelo sertanista João de Carvalho, e a índia TEI. Conta-nos Puraquê que o citado servidor convidou a índia para ir morar no Posto Indígena com ele e que durante uma madrugada o índio AWATIA, necessitando de remédios foi procurar o intérprete a fim de que o medicasse. Foram ambos a enfermaria do Posto Indígena, e que também serve de dormitório encongrando a índia TEI e o Sr. Esmeraldo, sendo que aquela estava se preparando para sair da rede e retornar à aldeia. Puraquê Assurini comunicou, então, o fato ao chefe daquele Posto Indígena, quando do retorno deste à área Parakanã, mas o mesmo segundo o intérprete, nada fez para apurar o acontecido. Dirigiu-se, pois, o índio Assurini à Ajudância de Marabá não tendo recebido do responsável local, Sr. Alvaro Maia, sequer a atenção para este fato.

Com isso, cumpre-nos, pois, a tarefa de vir à Fundação Nacional do Índio, quer em sua administração regional, quer em sua representação central, não só comunicar tais fatos, mas solicitar em caráter de urgência uma ação mais positiva da mesma, para que as comunidades indígenas não venham a sofrer e cada vez mais a ação perniciosa de elementos irresponsáveis.



### Conclusão e Proposições

Inicialmente, podemos afirmar que o Projeto Parakanã se desenvolve, até o presente, dentro dos / trâmites normais, e os percalços ocorridos devem ser entendidos como atinentes a qualquer trabalhos dessa natureza. Assim, salvo algum excesso de ordem burocrática, nossas atividades têm tido um percurso razoável. Quanto aos trabalhos de campo, consideramos a mudança de posição pelo grupo Parakanã do Terceiro Acampamento, com relação a uma nova transferência, algo plenamente justificável, como já afirmamos no desenrolar deste relatório e também situação de extrema / delicadeza, pois que se torna necessário uma ação mais hábil no sentido de conduzir não só o processo da própria transferência, mas / também de permitir aos Parakanã uma maior tranquilidade. Por outro lado, acreditamos que o problema Parakanã deva ser visto pela Fundação Nacional do Índio como um alerta, para que transferências absurdas como as já mencionadas, não tornem mais a acontecer. Além do mais, vale ressaltar que o Projeto Parakanã não tem seu início a partir dele próprio, e se resente hoje do reflexo das ações passadas.

No que se refere às proposições, para uma nova etapa de trabalho, apresentamos a seguir, alguns tópicos que consideramos da máxima importância a fim de que o Projeto Parakanã não sofra continuidade de solução;


a - que seja ressarcida à comunidade Parakanã, situada na Reserva do Pucurui, o território resguardado através da solicitação da adm

nistração regional da Fundação Nacional do Índio, no ano de 1973, referente a área do Rio Cajazeiras, discriminada na folha 9 (nove) deste relatório;

- b) que seja a área acima unida à Reserva Parakanã em seu limite / sudoeste, formando, assim, um único território indígena;
- c) que a parte a ser inundada pela Eletronorte, na Reserva Parakanã, entre os igarapés Bacuri e Pucurui, seja mantida como território de interesse da comunidade indígena, sem no entanto, ser mantida como parte integrante da Reserva Parakanã, que deverá continuar a ter / como um de seus limites, o leste, a rodovia Transamazônica em seu novo traçado;
- d) que seja decretada a interdição da área de perambulação dos índios Parakanã ainda isolados, entre os igarapés Bacajá, Rio Negro, Aguas Claras, Rio Branco de Cima, onde se encontram os vestígios destes e de grupos indígenas, provavelmente, Assutini, também isolados.

Assim, e embora trabalhos paralelos continuem a ser realizados, se faz mister e em caráter de urgência que os itens acima venham a ser assegurados o mais rapidamente possível, para a própria estabilidade da comunidade Parakanã.

Belém, 15 de agosto, 1978

  
- Antonio Carlos Magalhães  
Coordenador Projeto Parakanã



ANEXO IV

PROJETO    PARAKANA  
RELATÓRIO    DE    ATIVIDADES  
SEGUNDA                    ETAPA  
O U T U B R O    -    1 9 7 8

## Relatório de Atividades Projeto Parakanã - Segunda Etapa

O Projeto Parakanã desenvolveu até o presente, em sua segunda etapa de atividades, trabalhos voltados quase que exclusivamente para dois pontos, que durante este período, agosto a outubro, consideramos básicos:

- a- sobrevoos em locais que possibilitem a delimitação da provável área a ser ocupada pelas comunidades indígenas Parakanã, e seu consequente memorial descritivo;
- b- a feitura de requisitos nas comunidades indígenas propriamente ditas, como nas áreas contidas dentro do território estabelecido através dos sobrevoos.

Alem disso, e como já frisamos em nosso primeiro relato, as atividades atinentes às questões burocráticas e administrativas tomaram grande parte de nosso tempo.

Assim sendo, efetuamos diversos sobrevoos desde a área do Rio Cajazeiras, km. 65 da rodovia Transamazônica, até o igarapé Bucurui, km. 155 desta mesma rodovia e um dos limites da atual Reserva Parakanã. Tomamos, então, como ponto de partida os locais já salientados por nós em nosso primeiro relatório: sitio BUENOS AIRES, no rio da Esquerda; sitio BOA ESPERANÇA, no rio do Meio; sitio ARAPARI, no rio da Direita, que se situam a aproximadamente sessenta quilômetros da citada rodovia. Outro ponto de nossa ligação para estabelecermos a nova área vem a ser a picada aberta pela LASA Engenharia, entre os igarapés Bacuri e Pucurui, em território da Reserva Parakanã, e que servirá para a remodelação do traçado da rodovia Transamazônica. Aliás, segundo radiograma enviado ao Departamento Geral de Operações da Fundação Nacional do Índio pela 2ª Delegacia Regional sediada em Belém do Pará, a instante perpendicular para o novo traçado da

*Prop. de Bucurui*



referida estrada passará a trinta quilômetros da mesma, significando, pois, a perda de 60% ( sessenta por cento ) de território Parakanã, entre a inundação e a remodelação no trajeto da Transamazônica. O pice aberte para o novo traçado desta rodovia está localizado a aproximadamente quinze quilômetros da atual aldeia Parakanã, no igarapé Lentra.

Precuramos, então, unir as pontes encontradas na área Cajazeiras a este traçado da nova Transamazônica, objetivando, pois, um único território indígena às comunidades Parakanã, como, inclusive, foi estabelecido em relatório anterior. Já em companhia de sr. Ronaldo Quirino, membro do Departamento Geral de Patrimônio Indígena, elaboramos um pré-memorial descritivo da área percorrida por nós durante os sobrevoos. Estabelecemos, então, como pontos básicos as três localidades da área Cajazeiras, os igarapés Bacuri e Pucurui, limites da atual Reserva Parakanã, e este traçado da possível nova Transamazônica. Contudo, frisamos veementemente que tal memorial necessita de observações mais acuradas e jamais deve ser tomado como definitivo.

Enviamos do Posto Indígena Pucurui, entre meados de final de mes de setembro, radiograma à Fundação Nacional de Índia, em Brasília, no sentido de nosser enviado um topógrafo, como também o retorno de um helicóptero que atuava na cidade de Tucurui, através da Elettronorte, a fim de providenciarmos uma delimitação mais precisa e até mesmo em caráter definitivo de um novo território Parakanã. Voltamos a enviar um novo radiograma, datado de 18 de outubro de corrente, visto que em resposta àquele não podíamos contar com o aparelho em dias

espaçados, como era nossa intenção. "este modo, somente após efetuarmos tais sobrevoos com a presença de um profissional especializado é que poderemos fornecer a precisa delimitação de uma nova área Parakanã, que esperamos esteja pronta até o final do corrente mes.

O pré-memorial, entretanto, tem sua razão de ser visto a urgência com que se realiza o Projeto Parakanã, contribuindo, pois, para que se tenha uma idéia mais clara da região que abrange esta possível área a ser delimitada. E, além disso, possibilitar que o território compreendido entre o Rio Cajazeiras e o Igarapé Bacuri seja decretado em interdição para estudos do Projeto Parakanã, e da consequente transferência das comunidades indígenas Parakanã.

O pré-memorial descritivo tem como limites:

**NORTE** - partindo-se de ponte nº 1, de coordenadas aproximadas ....., situado na intersecção de Igarapé Pucurui com a Rodovia Transamazônica, segue-se a referida rodovia no sentido Altamira/Marabá até a intersecção com o Igarapé Bacuri, ponte de nº 2, de coordenadas aproximadas .....

**LESTE** - deste ponto nº 2 segue-se por uma linha reta e seca com rumo aproximado de 24º30' SW, até à margem esquerda do Rio da Direita, próximo ao local denominado de ARAPARI, ponte de nº 3 de coordenadas aproximadas....., daí segue-se por outra linha reta e seca no sentido geral S<sub>45</sub>1 até atingir a margem esquerda do Rio de Meio, próximo ao local denominado BOA ESPERANÇA, ponte de nº 4 de coordenadas aproximadas.....; daí segue-se por outra



linha reta e seca com rumo geral SUL onde encontra-se o ponto de nº 5, de coordenadas aproximadas..., situado junto à margem esquerda de Rio da Esquerda, próximo ao local denominado BUENOS AIRES;

SUL - deste ponto de nº 5 margeia-se o Rio da Esquerda, à montante, em sua margem direita até encontrar a sua cabeceira mais alta, ponte de nº 6, de coordenadas aproximadas...; daí segue-se por uma linha reta e seca com rumo aproximado de  $36^{\circ}30'$  NW até encontrar a cabeceira mais alta do Rio do Meio, ponte de nº 7, de coordenadas aproximadas....;

OESTE - deste ponto nº 7 segue-se em outra linha reta e seca com rumo aproximado de  $65^{\circ}30'$  NE até atingir a cabeceira principal do Rio da Direita, ponto de nº 8 de coordenadas aproximadas...; daí segue-se o Rio da Direita à jusante pela margem esquerda até a confluência com um igarapé sem denominação, afluente de sua margem esquerda, ponto de nº 9, de coordenadas aproximadas...; daí segue-se o igarapé sem denominação no sentido à montante até a sua mais alta cabeceira, ponte de nº 10, de coordenadas aproximadas...; daí segue-se por uma linha reta e seca com rumo aproximado de  $86^{\circ}00'$  SE até atingir a cabeceira mais alta do igarapé Pucurui, ponte de nº 11, de coordenadas aproximadas....; deste ponto segue-se o Igarapé Pucurui no sentido à jusante, pela sua margem direita até a interseção com a Redovia Transamazônica, ponto inicial de presente descritivo.

Já em relação a feitura de roças, organizamos duas equipes de trabalho que visam ao reconhecimento e averiguação das áreas sobrevoadas, mermente o local denominado "Peção dos Caboclos", no Rio do Meio, área Cajazeiras, como também um lugar próximo ao Igarapé Bacuri, na Reserva Parakanã. Tais locais servirão como ponte de apoio / aos possíveis aldeamentos decorrentes das transferências.

A equipe que se deslocou à área Cajazeiras, sob a responsabilidade do sr. Raimundo Alves Batista, membro do quadro de funcionários da 2ª Delegacia Regional da Fundação Nacional do Índio, em Belém do Pará, se encontra naquela localidade pouco mais de dois meses. Seu objetivo é a abertura de roçado e plantio, abrangendo a aproximadamente duas quadras<sup>1</sup>. Isto feito resta-lhe ainda a averiguação do Igarapé Cajazeirinha, afluente do Rio do Meio, devendo, pois, abrir uma picada deste Igarapé até o chamado "Peção dos Caboclos", onde está sendo realizada a roça. Distante a aproximadamente oito ou dez quilômetros do "Peção dos Caboclos", o Cajazeirinha tem sua razão de ser, visto possuir água corrente durante todo o ano e talvez, se a comunidade o desejar, possa lhe servir para futuro aldeamento. Além disso, deve ainda a equipe observar as condições apresentadas pelo solo para a construção de campo de pouso. Tais atividades, de acordo com o estabelecido, devem estar terminadas até meados do mês de dezembro, caso não ocorram imprevistos.

Na que tange a área do Igarapé Bacuri, os trabalhos que ali se desenvolvem, tal como o anterior, visam

*Peças*  
1 - uma quadra, segundo informação local, corresponde a vinte e cinco braças em quadra, o que equivaleria a um total de aproximadamente 500 (quinhentos) metros quadrados.



a observação e averiguação de local objetivando também a um possível aldeamento por parte da comunidade indígena Parakanã da Reserva Pucurui. A equipe que para lá se deslocou, a cargo do sr. Marcio Gonçalves, igualmente funcionário da 2ª Delegacia Regional da Fundação Nacional do Índio, é formada por cinco elementos, contratados pelo Projeto Parakanã. Inicialmente, o sr. Marcio Gonçalves deslocou-se àquela área em companhia de elementos da comunidade Parakanã do Igarapé Lentra, tendo, então, encontrado como local propício às atividades a serem desenvolvidas o Igarapé TINGA-TINGA, denominação Parakanã. Este Igarapé, afluente do Igarapé Bacuri, se localiza há um dia e meio de viagem a pé do atual Posto Indígena da Reserva Parakanã, e / reúne, segundo informaram os Parakanã, boas condições de pesca e de água corrente durante o período de verão local. Esta equipe vem realizando também trabalhos de roçada e plantio, além da abertura de uma picada, unindo o referido local ao atual Posto Indígena, visando uma comunicação mais fácil.

Deste modo, acreditamos que ambos os locais venham a oferecer a possibilidade de opção à comunidade Parakanã da Reserva Pucurui, embora voltemos a afirmar, semente o grupo indígena é quem poderá decidir pelo local a ser escolhido. O que pretendemos é, pois, dar ao grupo Parakanã e maior número possível de opções, já que ele não nos mostrou nenhuma, e, como também, ainda se mantém reticente quanto a transferência, conforme tivemos oportunidade de afirmar em relatório anterior. Este é um trabalho demorado e não é nossa intenção apressá-lo mais do que em tempo exige.

Per outro lado, o trabalho de feitura de roças não se restringiu a apenas estas duas áreas. Ao contrário, simultaneamente àquelas estão sendo criadas condições para a realização de roças em ambas as aldeias Parakanã, Reserva Parakanã e Reserva Pucurui. Isto se deve ao fato de que quando assumimos a coordenação do Projeto Parakanã e plantio em ambas as comunidades se encontraram totalmente desativado. Sabendo que sabemos que os Parakanã tradicionalmente cultivam alguns tubérculos, como cará, inhame, batata-doce, e obviamente a mandioca, perguntamos ao índio MUTIAPEWA, da Reserva Parakanã, e por que de eles se encontraram em tal situação, sem uma única roça, tendo-nos respondido que isto se deveu ao fato de o ex-chefe daquele Posto Indígena ter pretendido, no ano passado, a feitura de uma roça coletiva. Particularmente, não sabemos contrário ao fato em si; entretanto, não deve prevalecer tal idéia, quando a comunidade se dedica tradicionalmente a atividade agrícola de modo outro. Sabe-se que os Parakanã e grande parte das comunidades indígenas possuem roças pequenas, sendo este trabalho organizado, por exemplo, por grupos familiares nucleares ou extensos. Pois bem, é aqui que se encontra o problema. O ex-chefe deste Posto Indígena procurou motivar a roça coletiva a qual o grupo Parakanã não está habituado, em detrimento das pequenas roças tradicionais, cultivadas em grupo familiar. Com isto o que resultou foi uma comunidade inteira quase à míngua, sem cultivo nem de uma, nem de outra forma. Encontramos, pois, o grupo Parakanã com ausência total de alimentação, mermente a da farinha de mandioca. Assim, tivemos por vezes de adquirir tal produto para a comunidade, o que é um verdadeiro absurdo já que isto acarreta toda uma forma paternalista de agir. Em uma de /



nessas viagens a Reserva Parakanã deparamos na redovia Transamazônica com um grupo de pessoas dessa comunidade, entre os quais: MAXAROA, WA, TIBAA, KUJARATOA, TEIAPEEN, que se dirigiam a casa de um celeno do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária para "comprar" farinha de mandioca.

Precuramos, então, uma mudança da situação que presenciemos, e, quando o sr. Marcio Gençalves, até então servindo naquele Posto Indígena, chamou dez índios para a limpeza de uma área e plantar arroz, simplesmente apareceram vinte e sete, numa clara demonstração da insatisfação do grupo para com a situação até então reinante. Além disso, resolvemos não mais adquirirmos a farinha de mandioca, mas sim, optamos pela aquisição de cultivos de mandioca por colônias do I.N.C.R.A., situadas próximas à Reserva Parakanã. Assim, semanal ou quinzenalmente, através de transporte cedido pelas Centrais Elétricas do Norte do Brasil, Eletrenorte, temos recolhido quantidade razoável de produto, e estimulando, por outro lado a manutenção do modo de preparar a farinha tradicionalmente / efetuado pelas mulheres Parakanã. Procedemos da mesma forma em relação a banana, e ultimamente estamos providenciando a aquisição de roçados de cará e inhame.

Já na Reserva de Pucuruí, embora procedamos da mesma forma, a ausência das raças tradicionais se devem a outros fatores salientados por nós em relatórios anteriores.

Desta forma, o trabalho desenvolvido pelo Projeto Parakanã, em sua segunda etapa de atividades, obedece a uma fase preparatória de todo o processo de transferência, como se pode observar. Ademais, tem-se buscado nesta fase inicial, e sempre que possível, uma avaliação das atividades realizadas, procurando, assim, uma atuação mais segura e que nos possibilite nas etapas subsequentes sem causar maiores / transtornos às comunidades Parakanã.



Prerrogativas de Convênio

Conforme Convênio estabelecido entre a Fundação Nacional do Índio e as Centrais Elétricas de Norte do Brasil, Eletronorte, através de reunião entre ambas em Brasília, em julho de 1978, para desenvolvimento do Projeto Parakanã, observamos na qualidade de coordenador deste, a necessidade não só de se manter tal Convênio, mas de prorrogá-lo por maior espaço de tempo, a bem dizer até o final de todas as atividades a ele relacionadas.

Como é de conhecimento público o Projeto Parakanã foi elaborado tendo em vista a transferência de comunidades indígenas PARAKANÃ, / situadas na Reserva de Pucurui e na Reserva Parakanã, que serão atingidas pela inundação provocada com a construção daquela / Hidrelétrica. Face a isto estamos trabalhando desde o início deste ano no referido Projeto, tendo já desenvolvido algumas atividades que se relacionam a fase preparatória de todo o processo de transferência. Entretanto, o cronograma por nós elaborado, quando da apresentação do Projeto Parakanã, sofreu sensíveis modificações, não só devido a dificuldades encontradas / tais como de ordem burocrática e administrativa, mas também de caráter funcional ou ainda pela própria resistência do grupo / indígena, mormente o da Reserva de Pucurui, em aceitar uma nova transferência.\* Assim, se anteriormente havíamos proposto o ano corrente como o tempo suficiente para a transmutação do grupo

*resistência  
grupo*

indígena Parakanã da Reserva de Pucuri, e o ano seguinte para a do grupo da Reserva Parakanã, podemos hoje afirmar que ambas as comunidades só poderão ter suas transferências efetuadas de 1980 em diante, devendo os trabalhos de instalação e de assistência se prolongar ainda por dois mais, dando-se por findo / todo este processo no ano de 1982.

O corrente ano, no entanto, e graças a tal Convênio, permitiu-nos a avaliação dos trabalhos até agora desenvolvidos, que como dissemos acima se prendem mais a fase de preparação, tais como escolha e averiguação de possíveis locais, atividades agrícolas, bem como um trabalho de diálogo constante com a comunidade Parakanã.

Por outro lado, e em sende o Convênio prorregado, gostaríamos de ver incluídos alguns itens que se nos fazem dos mais necessários e que contribuirão sobremaneira para o bom andamento do Projeto Parakanã. Assim temos que:

- a) o Convênio entre a Fundação Nacional do Índio e as Centrais Elétricas do Norte do Brasil seja mantido até o final do ano de 1982, sendo que o cronograma físico-financeiro será apresentado àquela Empresa Mista ao término do mês de outubro de cada ano;
- b) o Convênio se estenda às áreas de saúde, medicina e odontologia, tendo como local de apoio e hospital dessa Empresa situada no município de Tucuruí, para os casos que se fizerem necessários;



- c) seja providenciada a contratação de uma enfermeira com curso superior, que deverá prestar os seguintes serviços: orientar o trabalho do atendente de enfermagem nas aldeias referentes ao aspecto saúde; encaminhar elementos de ambas as comunidades que necessitarem de tratamento no município de Tucuruí; providenciar as aquisições que se fizerem necessárias no desenrolar do Projeto Parakanã; Tais medidas visam deste modo evitar constantes deslocamentos à cidade de Tucuruí, quer dos componentes de nossa equipe de trabalho, quer do coordenador do Projeto Parakanã;
- d) seja providenciado local para a permanência de elementos ligados ao Projeto Parakanã, bem como aos das comunidades indígenas em tratamento no município de Tucuruí. Este local deve conter alguns requisitos que consideramos de maior importância, tais como: área de dois a três mil metros quadrados, pois desta forma teríamos condições de realizar plantio da dieta alimentar Parakanã, como por exemplo: cará, inhame, milho, mandioca, etc. Tal área não deve se situar próxima à vila de Tucuruí a fim de evitar a presença de elementos estranhos e curiosos;
- e) seja mantido por espaço quadrimestral, durante quinze dias consecutivos e em seis horas de trabalho diário, um helicóptero, pois que em muito nos auxilia, reduzindo em grande medida o tempo gasto nas operações a serem efetuadas bem como em sobrevoos que por certo ainda terão de ser feitos;
- f) seja-nos fornecido dois rádios transceptores para atuarem nas áreas em que estamos trabalhando e as quais não possuem comunicação alguma. Assim, a área Cajazeiras e a área Bacuri

ficam à mercê das épocas de inverno local, quando ocorrem as chuvas, para qualquer contato mais rápido, de dois a três dias, permanecendo na época de verão totalmente isoladas;

g) seja colocada à disposição do Projeto Parakanã uma caminhonete marca Chevrolet, tipo C\_10, de seis cilindros, pois que tal veículo possibilita o transporte de carga e locomoção de passageiros, facilitando enormemente o contato com o município de Tucuruí e outros, se necessários.

Estes são, pois, alguns itens que consideramos / dos mais importantes e que em meio a tantas dificuldades inerentes ao próprio meio ambiente, nos possibilitariam no mínimo desenvolver um trabalho sem grandes imprevistos e, conseqüentemente, mais sistemático.

Belém, 05 de novembro de 1978

Antonio Carlos Magalhães L. dos Santos  
Coordenador Projeto Parakanã



ANEXO IV

- Cópias DGPC e IGP  
em 30/1/78

CEDI - P. I. B.  
DATA 01, 06, 86  
COD. PK D15

PROJETO PARAKANÃ

TRANSFERENCIA DAS COMUNIDADES

DO POSTO INDIGENA PUCURUI

E

RESERVA PARAKANÃ

Elaboração:

*Antonio Carlos Magalhães Lourenço dos Santos*  
ANTONIO CARLOS MAGALHÃES LOURENÇO DOS SANTOS  
Antropólogo

dezembro 1977

*Parakanã*  
Objetivos -

- a) Em virtude da construção da Hidrelétrica de Tucuruí, no rio Tocantins, e da conseqüente remodelação no traçado da rodovia Transamazônica, desde o igarapé Cajazeiras ( quilometro 66 ), até o igarapé Pucuruí ( quilometro 155 ), aproximadamente, se faz necessario a transferencia do local em que habitam as comunidades indigenas PARAKANÃ, uma situada no Posto Indigena Pucuruí e a outra na Reserva Parakanã, junto ao igarapé Lontra.
- b) Assegurar, através de decreto do exmo. sr. Presidente da FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO, Gal. Ismarth Araujo de Oliveira, a interdição das areas que serão destinadas a estes grupos indigenas, bem como as existentes no igarapé Cajazeiras e no igarapé Ipixuna, de onde se tem noticias da perambulação de mais dois grupos PARAKANÃ.
- c) Assegurar aos indios PARAKANÃ, de ambas comunidades, a posse definitiva de suas terras, desenvolvendo as ações necessarias para a sua delimitação e demarcação.
- d) Proporcionar melhores condições de adaptação dos grupos à situação de contato, através da mudança na orientação das atividades do Posto Indigena, relativas ao relacionamento com o grupo tribal, destacando-se a construção da aldeia, feitura das roças, comercialização do artesanato e da castanha-do-para, a não ingerencia em assuntos internos das comunidades indigenas.

*1/13/66*  
*FUNAI*

*4*



*Revisado*

- e) Dar continuidade as pesquisa antropológica já iniciada, cujos resultados deverão orientar a atuação da FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO junto aos grupos tribais citados.

Introdução

Em nossa viagem aos grupos indígenas PARAKANÃ, nos meses de agosto-setembro de 1977, demos continuidade à pesquisa antropológica sobre a organização social destes índios filiados ao tronco linguístico Tupi. Entretanto, outro também foi nosso objetivo como ficou demonstrado em contrato de prestação de serviços de nº 064/77, firmado entre a FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO e a nossa pessoa, que nos designa como coordenador de trabalhos a se realizarem em áreas indígenas PARAKANÃ, sob a jurisdição da 2ª Delegacia Regional da FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO ( FUNAI ). Percorremos, então, as áreas do Posto Indígena Pucurui e a da Reserva Parakanã, ambas situadas junto à rodovia Transamazônica. Além dos contatos com as referidas comunidades onde observamos problemas bastante / serios que mencionaremos mais tarde, mantivemos rápido encontro com o Dr. Osório, engenheiro da Hidroeletrica de Tucurui - ELETRONORTE - em Tucurui, para saber das condições de permanência ou não dos PARAKANÃ em suas respectivas áreas, face a construção da represa de Tucurui e da consequente remodelação no traçado da citada rodovia. Afora isto, era nossa intenção visitar o acampamento indígena ARAWETE para tomarmos conhecimento com estes índios da possível existência de um outro grupo / PARAKANÃ, ainda não contatado, junto ao igarapé Ipixuna e que já lhes fizeram serios ataques, conforme nos informaram elementos da FUNAI em Altamira. Para esta localidade nos deslocamos, mas face a impossibilidade de transporte e a escassez de tempo, isto não pode ser realizado, assim como por estas mesmas razões não nos foi possível percorrer o Rio Anapu, local de moradia do grupo PARAKANÃ que hoje se encontra no Posto Indígena Pucurui.

O presente relatório inclui, portanto, as atividades que de um modo ou de outro se relacionem à transferência das duas comunidades PARAKANÃ.



O Projeto Tucuruí, que representa a construção da Hidrelétrica de Tucuruí, já vem sendo planejado há no mínimo quatro ou cinco anos, logo após, portanto, da abertura da rodovia Transamazônica. Por ocasião desta mesma obra que ficou conhecida como a de "integração nacional", os grupos indígenas que habitavam a região tiveram seus territórios cortados pela estrada, ficando também sem o amparo adequado do órgão protetor oficial.

Os PARAKANÁ que hoje estão localizados entre os quilômetros 115 ( cento e quinze ) e 155 ( cento e cinquenta e cinco ) da Transamazônica foram contatados pelas Frentes de Atração da FUNAI entre os anos de 1970/71, como já é de conhecimento público. Foi-lhes, então, em 1971, por decreto do então presidente deste órgão, criada e demarcada a Reserva Parakanã e ali se encontram, próximo ao igarapé Lontra. Passado algum tempo, foi efetuado contato entre outra Frente de Atração e um outro grupo PARAKANÁ, em 1976, junto ao rio Anapu, nas proximidades de Altamira. Consolidado o contato, este grupo indígena foi transferido de seu local de origem para o então chamado 3º Acampamento, hoje Posto Indígena Pucuruí, parte integrante da Reserva Pucuruí. Entretanto, e como a planificação da Barragem já alcançava maiores detalhes, foi instalada pela própria FUNAI, na Reserva Pucuruí, um projeto de serraria que visava a exploração da madeira, entre elas o mogno. Foram feitas então, três aberturas na mata, partindo de uma estrada que leva do ramal que une a Transamazônica à cidade de Tucuruí, até a sede do Posto Indígena Pucuruí; uma dessas aberturas para a extração da madeira se situa a pouco mais de um quilômetro da aldeia, que por sua vez está a aproximadamente 250 ( duzentos e cinquenta metros ) metros da sede daquele Posto Indígena. Tal situação apresenta, portanto, alguns pontos a serem observados. Primeiramente, já era sabido que a construção da Hidrelétrica de Tucuruí representaria uma transformação drástica no ambiente local e que obra de tal envergadura, de projeção nacional, e até mesmo intercontinental, implicaria em sérios transtornos às populações indígenas localizadas na região. Era, assim, de se esperar que fosse



elaborado um plano de trabalho, detalhado e cuidadoso, que visasse minimizar os desastros e, é óbvio, maximizar esforços no sentido de que o impacto de tal obra se constituísse no menor possível às populações tribais. Ao contrário, deu-se / mostras de um trabalho impulsivo, visando quando muito uma saída a problemas imediatos, criados por funcionários do próprio / órgão protetor, sem preocupação com soluções mais estaveis e proficuas. Este foi o caso quando se autorizou a transferencia de todo um grupo indigena localizado há dias de viagem da area para a qual foram trazidos. Criou-se, simultaneamente, o Projeto Serraria - FUNAI, que interfere visivelmente no modo de viver / dos PARAKANÃ do Posto Indigena Pucurui, contribuindo de forma decisiva para o escasseamento da fauna e flora local, que são de suma importancia para a sobrevivencia desses índios que tem na caça e coleta a fonte principal de alimentação.

Nó que diz respeito a Reserva Parakanã do igarapé Lontra a situação difere, embora parte de seu território também será invadido pelas aguas da Barragem, bem como pela remodelação no traçado da rodovia Transamazônica. Entretanto, / como a area tradicional de moradia destes PARAKANÃ está nesta / região e por haver alem de um dos limites da Reserva terras da UNIÃO, a transferencia destes índios devera ser menos trabalhosa mas exigindo, por certo, um planejamento cuidadoso.

Assim, não foi realizado até o momento nenhum estudo que possibilitasse uma avaliação segura da situação que envolve a ambas comunidades PARAKANÃ. Alem disso, a / propria discussão do problema, se é que houve, não foram chamados antropologos que, obviamente, poderiam ter fornecido contribuições dada a propria formação científica e humanistica de que são portadores,

Dessa forma, tão-somente agora é que nos foi solicitado pelo exmo. sr. Presidente da FUNAI, Gal. Ismarth Araujo de Oliveira, a elaboração de um projeto de trabalho com as comunidades indigenas PARAKANÃ que serão afetadas com a inundação de seus respectivos territorios pela Hidreletrica de Tucurui e com a conseqente remodelação da Transamazônica, e que acompanhassemos



*Arquitetura*

ao mesmo. Portanto, o projeto que ora nos propomos elaborar deve ser analisado tendo em vista toda uma situação anterior à qual não tivemos acesso, não havendo conseqüentemente participação na infra-estrutura em que a mesma se norteou.

Assim, o projeto desenvolver-se-á em duas etapas:

a) inicialmente, trata-se da recuperação de uma comunidade de 29 ( vinte e nove ) pessoas, localizada no Posto Indígena Pucurui, que inconscientes do que se lhes passa hoje vivem o amanhã na esperança de encontrar uma segurança mínima, relacionada a sua própria sobrevivência;

b) em segundo lugar, será promover junto a comunidade PARAKANÁ do igarapé Lontra um trabalho que vise não somente a transferência de um grupo tribal, mas sim a manutenção de sua identidade étnica e de sua autodeterminação.

Situação Atual dos PARAKANÁ do Posto Indígena Pucurui

Inicialmente, nós dirigimos ao Posto Indígena Pucurui, onde se encontra desde meados do primeiro semestre deste ano o grupo contatado pela FUNAI em março de 1976, no rio Anapu. Como já dissemos na introdução, este grupo foi transferido de seu local de origem pela Frente de Atração responsável pelo contato, tendo-se alegado para isto uma forte epidemia de malária entre os índios. No entanto, segundo apuramos junto a esta comunidade, os índios não estavam contaminados e só posteriormente ao encontro com os funcionários da FUNAI é que a malária foi disseminada entre eles. Aliás, este é um fato que carece de maiores explicações. Conforme entrevistas que mantivemos com elementos componentes daquela Frente de Atração em Altamira, a situação de saúde da maior parte destes indivíduos já era bastante precária quando travaram contato com o grupo PARAKANÁ. Entretanto, o que era de se esperar, isto é, o retorno da Frente de Atração antes da concretização do contato não ocorreu, permanecendo a equipe na mata até o encontro final. Ora desgastada pela situação que se criou, sem alimentação adequada e com a saúde sensivelmente debilitada, a própria Frente de Atração optou por um estorno, chamando o agrupamento indígena a acompanhá-los. Este, por sua vez, com a saúde agora depauperada tornou-se dependente dos poucos recursos de que aquela dispunha. Por outro lado, é preciso lembrar que uma situação dessas era favorável sobremaneira à Frente de Atração, visto que o importante era a efetivação do contato com o grupo tribal e o mais breve possível torna-lo de conhecimento público, acarreando prestígio ao sertanista responsável. Cria-se, dessa forma, um círculo vicioso que vem se tornando frequente em casos desse tipo. A Frente de Atração se desloca e passa algum tempo à procura de determinado agrupamento indígena, e como tem acontecido no caso dos PARAKANÁ sem uma segura retaguarda quanto a alimentação e medicamentos. Passado certo período e conseguido ou não o contato vão-se esgotando a deficiente alimentação, que consta quase exclusivamente de



farinha, e os remédios. Contudo, como o objetivo é efetuar o contato permanecem na mata mais do que a condição física permite, enfraquecendo-se. Assim, e sob estas condições é que se realiza o encontro com o grupo indígena, contribuindo para a debilitação de saúde da própria comunidade. Desse modo, busca-se uma saída rápida e honrosa para a situação criada, transferindo o grupo de seu lugar tradicional de moradia, para local que, como no caso dos PARAKANÁ, pseudamente representa maior segurança. Concluimos, portanto, que o maior prejudicado acaba sendo a própria comunidade tribal, pois alheia a tudo que lhe cerca tem seu destino, de uma hora para outra, traçado em moldes totalmente aleatórios.

Com isso, o grupo PARAKANÁ do rio Ahapu que, segundo as informações obtidas, era composto, até março de 1976, de quarenta indivíduos, chegou ao Posto Indígena Pucurui com um total de vinte e nove pessoas, o que representa 27,5% de perdas para o grupo. Isto, por sua vez, é dado de real importância em virtude do total numérico ser bastante diminuto e consistindo atualmente de cinco homens, oito mulheres, e dezesseis crianças menores de quinze anos.

Além da transferência em si que foi altamente prejudicial aos PARAKANÁ do rio Ahapu, outro fator que contribuiu para o péssimo estado de saúde destes índios, conforme também já ressaltamos em relatório anterior, foi o local para onde esta comunidade foi despejada, a então Base de Pucurui, lugar dos menos recomendáveis a um grupo indígena recém-contatado.

Hoje, sitiados no Posto Indígena Pucurui, para onde foram transferidos, os PARAKANÁ do rio Ahapu vem passando por problemas seríssimos face não só a construção da Hidrelétrica de Tucurui e a instalação na área do Projeto Serraria/ FUNAI, como também por se encontrarem em local de escassa alimentação. Aliás, tal situação reflete a falta de infraestrutura de trabalho junto às comunidades indígenas. Ora, era de se supor que no mínimo houvesse uma preocupação inicial no senti

sentido de se fazer roças para a subsistencia do grupo a ser transferido; contudo, a derrubada da mata ainda estava sendo realizada agora, no mes de agosto proximo passado, em serviço de empreita pelo sr. Teodoro, do vilarejo de Pucurui. Assim, e como tivemos oportunidade de observar, os pequenos jabotis, rarissimos tatus, e pouquissimos peixes tem sido a fonte de alimentação deste grupo indigena.

No que diz respeito a serraria instalada pela FUNAI nesta area indigena, ela tem contribuido de modo acentuado para o rapido exterminio da fauna e flora local, como ja ressaltamos na introdução deste relato. E tambem é comum o contato dos PARAKANÁ com elementos trabalhadores daquela organização, mas pelo o observado por nós não se trata da culpa de um ou do não conhecimento do outro e sim de despreparo de quem permitiu que tal transferencia se realizasse ou / ainda que tal serraria ali fosse implantada. Trata-se, portanto, da ausencia de uma ação mais concenciosa no trabalho com pessoas que requerem um carinho todo especial.

Entretanto, infelizmente isto é fato ocorrido. O que deve nos interessar de agora em diante é minimizar ao maximo o impacto desastroso desta Frente de Atração e suas sequelas. Dessa forma, o plano de trabalho elaborado por nós visa justamente, através de uma ação integrada com a FUNAI, criar condições para que os PARAKANÁ do rio Anapu possam se autodeterminar. Assim, um trabalho desta envergadura necessita de um planejamento detalhado e realizado em conjunto com a comunidade, e de modo algum deve permitir ações impulsivas.

Ao procurar dar inicio as atividades de coordenador de trabalhos em areas indigenas PARAKANÁ, mantivemos, quando de nossa estada no Posto Indigena Pucurui, entrevistas com elementos deste grupo, visando saber o que estes indios pensavam sobre a sua vinda e permanencia neste local.



Surpresos ficamos quando nos responderam que só vieram por terem sido convidados pela Frente de Atração e porque estavam doentes e com febres da malária que apanharam dos componentes da Frente, e ainda porque estes lhes afirmaram que se não os acompanhassem, eles iriam morrer. Contudo, espanto maior nos causou quando lhes perguntamos se sabiam que muita água iria cobrir o lugar em que estavam e nos responderam que ninguém lhes havia falado nisto. Percebe-se, pois, que à comunidade indígena PARAKANÃ não lhe foi dado o direito de opinar e, o que é mais grave, não lhe foi esclarecido o que se passava. Por outro lado, antes mesmo de nos referirmos a inundação da área Pucurui, os PARAKANÃ nos afirmavam, através de XIARIA, principalmente, que o desejo deles era o de voltar ao rio Anapu o mais breve possível, apresentando como justificativa para isto a abundância de alimentos naquela região. Aliás, não foram uma ou duas vezes que pessoas deste grupo indígena nos afirmaram estarem com fome. Ainda segundo os índios, eles não accitam sob hipótese alguma a sua transferência para a Reserva Parakanã do Igarapé Lontra.

Deste modo, a FUNAI deve se responsabilizar e / interditar a área habitada por este grupo quando no rio Anapu, o mais rapidamente possível, garantindo assim a posse definitiva do território pelos PARAKANÃ do Posto Indígena Pucurui. Isto é urgente e necessário para o bom desenvolvimento do trabalho, bem como para que esta comunidade não se torne mais uma em extinção.

Alem disso, a transferência deve obedecer a determinadas fases e somente levada a cabo quando houver sido decretada a interdição da área, como também a existência de condições básicas para maior segurança do grupo no local. Contudo, o tempo de duração para o citado trabalho não pode ser rígido e sua previsão irá se relacionar com o desenvolver das atividades. Assim, uma simples suposição nos faz prever a duração de aproximadamente um ano, a partir de janeiro de 1978, para que os PARAKANÃ do Posto Indígena Pucurui possam ser levados de volta ao seu local de origem, no rio Anapu, em definitivo.



Situação Atual dos PARAKANÁ da Reserva Parakanã

O território PARAKANÁ, situado entre os quilômetros 115 ( cento e quinze ) e 155 ( cento e cinquenta e cinco ) da rodovia Transamazônica e que compreende a Reserva Parakanã, criada pelo decreto nº 68. 913 de 18 de julho de 1971 terá grande parte de sua área coberta pelas águas do Reservatório de Tucuruí, bem como pela remodelação no traçado daquela rodovia. Segundo o Dr. Severino de Melo Jardim, geólogo responsável pelo Departamento de Estudos e Projetos da Hidrelétrica de Tucuruí - ELETRONORTE - a inundação obedeceu a cota 76 ( setenta e seis ), incluída a margem de segurança. Já a / consequente remodelação no traçado da rodovia Transamazônica, conforme as informações obtidas junto ao Escritório de Engenharia - L.A.S.A. - sediado no Rio de Janeiro, através do Dr. Milton Gadelha, a cota fixada será de 80 ( oitenta ) também incluída a margem de segurança. Assim, temos que o território PARAKANÁ será ocupado com tais obras até as proximidades de onde se encontra hoje a aldeia indígena. Distando esta da margem atual da estrada aproximadamente 18 ( dezoito ) quilômetros, podemos considerar portanto que mais ou menos 45% da Reserva serão interditados, / visto que a mesma possui 40 ( quarenta ) quilômetros de frente por 40 ( quarenta ) quilômetros de fundos.

Quando de nossa estada na Reserva conversamos com os índios, os quais nos deram a preferência de se transferirem para junto das cabeceiras do igarapé Bacuri, local de boa caça e pesca, segundo nos informaram, e um dos limites do atual território. Assim, e com base no Estatuto do Índio, é de responsabilidade da FUNAI a preservação do patrimônio indígena e para isso deve requisitar a reposição da área ocupada, interditando, o mais breve possível, e no mínimo o equivalente coberto pelas águas, das terras situadas além do limite norte da Reserva, o qual compreende a linha reta entre as cabeceiras dos



igarapés Bacuri e Pucurui, a fim de que sejam evitados futuros problemas. Aliás, convém lembrar que também esta comunidade / não estava a par da inundação que seu território ira sofrer.

Segundo conseguimos apurar junto ao Instituto Nacional de Reforma Agraria, em Marabá, não há plano algum, por enquanto, de colonização na area a que nos referimos; contudo, acham elementos deste órgão ser possível a presença de posseiros. Dessa forma, se faz necessario primeiramente uma viagem previa ao local a ser interdito, visando a verificação da presença ou não dos mesmos e em caso afirmativo encaminhar ao I.N.C.R.A para que sejam removidos a uma outra / area. Entretanto, deve-lhes ser dada a possibilidade de colheitas até o final ano vindouro, no caso de haver roças formadas. Segundo ponto a ser destacado, não menos importante, e de premenção absoluta diz respeito a efetiva demarcação do novo território PARAKANÁ, em limites naturais, assegurando, deste modo, a posse definitiva da Reserva pelos indios. O terceiro item ressaltado por nós, e do mesmo quilate dos anteriores, se refere a um levantamento detalhado dos prejuizos que atingirão a comunidade com a construção da Hidreletrica de Tucurui. Assim, caminhos de caça, roças, coletas, como também os castanhais e babaçuais, estes tão importantes e de utilidade variada para os PARAKANÁ devem ser devidamente avaliados, assim como os açazais, fonte de alimento durante boa parte do ano.

Estes tres itens, a verificação da presença ou não de posseiros, a demarcação do novo território, e o levantamento das riquezas existentes na area que será inundada, se constituem em uma primeira etapa de todo o processo de transferencia dos PARAKANÁ do igarapé Lentra e que devera acontecer durante o ano de 1978, em deslocamentos esparsos que faremos da area do rio Anapu. Paralelamente a isto podera ir sendo feita / pela comunidade PARAKANÁ da Reserva a escolha do local para a nova aldeia, bem como a limpeza e preparação do terreno para a

a feitura de suas novas roças.

Desse modo, e após tal levantamento preliminar é que sugerimos a transferência em definitivo do grupo indígena da Reserva Parakanã, podendo ocorrer durante o ano de 1979, quando estará terminada a dos PARAKANÃ do Posto Indígena Puçurui, salvo desejo em contrario da comunidade. Assim, cremos poder orientar as duas transmutações em tempo habil e sem atropelos, visto que a inundação esta prevista para o ano de 1980, segundo a propria ELETRONORTE, Cremos, portanto, que desta forma, asseguramos aos indios de ambas as comunidades o minimo real de seus direitos.



## Infra Estrutura para a Implantação do Projeto

### 1.1 - Organização do Trabalho :

Tendo em vista a finalidade do Projeto que visa a transferencia de duas comunidades indigenas PARAKANÃ, projetou-se a contratação de um antropologo, para o periodo de duração do mesmo, cabendo-lhe a orientação e coordenação daquele. A execução do Projeto sera efetuada através da estrutura administrativa da FUNAI, compreendendo:

Departamento Geral de Planejamento Comunitario/ DGPC, ao qual estara vinculado o antropologo durante a duração do Projeto; Segunda Delegacia Regional/ 2ª DR.; Ajudancia de Altamira; Posto Indigena Pucurui; Ajudancia de Marabá; Posto Indigena Parakanã ( Reserva Parakanã ).

O trabalho de assistencia medica às comunidades a serem transferidas sera realizado pela Equipe Volante de Saude, da Segunda Delegacia Regional, ficando a seu criterio o tempo de permanencia junto às comunidades. Cabe-lhe entretanto, orientar ao auxiliar de enfermagem para a preservação de praticas curativas tradicionais dos PARAKANÃ.

O Projeto propõe que com base no Estatuto do Indio seja a ELETRONORTE responsabilizada pela transmutação das comunidades PARAKANÃ, cabendo-lhe prestação de serviços que contribuam para o desenvolvimento do Projeto, tais como: a cessão de helicoptero para a transferencia dos indios do Posto Indigena Pucurui para o rio Anapu, bem como a realização de viagens mensais até este rio para a entrega de suprimentos necessários ao desenvolvimento do Projeto. Cabera ainda a ELETRONORTE a cessão e envio de mantimentos tais como cereais, tuberculos, leite em pó, merenda escolar, para a subsistencia dos grupos PARAKANÃ, quando de suas respectivas transferencias face a impossibilidade de não poder contar com roças durante este periodo.

## 1.2. Orientação e Coordenação do Projeto

A orientação e coordenação do Projeto estará a cargo do antropólogo ANTONIO CARLOS MAGALHÃES L. DOS SANTOS, a quem compete:

- coordenar as atividades do pessoal ligado ao Projeto
- controlar a execução do Projeto, assegurando a implantação do que está nele contido;
- manter contatos com entidades ou órgãos, públicos ou particulares, interessados ou de interesse ao Projeto;
- definir prioridades administrativas, tendo em vista a adequação da execução do Projeto ao que está programado;
- propor alterações quando necessárias e de acordo com as reivindicações dos índios;
- orientar as atividades do Posto Indígena e do Projeto quanto às decisões relativas à execução deste;
- movimentar valores e ordenar despesas previstas no Projeto
- através da estrutura administrativa enviar relatórios trimestrais aos órgãos da FUNAI interessados no andamento do Projeto.

Ao Auxiliar Técnico Indigenista (Chefe de Posto) compete:

- participar da execução do Projeto nas atividades que a ele forem atribuídas pela coordenação;
- participar de debates e reuniões de trabalho;
- receber, aplicar, e prestar contas de suprimentos que lhe forem destinados;
- receber da coordenação treinamento específico visando o respeito as normas tradicionais do modo de viver do grupo indígena;
- executar todas as outras atribuições normais a um Chefe de Posto.



### 1.3. Equipamento

Tendo em vista os objetivos do Projeto se faz necessário para a transferência dos PARAKANÃ do rio Anapu a criação de infra-estrutura que permita àquela comunidade toda a segurança desejável, não só quanto ao aspecto saúde, mas também em tudo que se relacione a um apoio logístico para a permanência em definitivo desses índios em seu local de origem. Assim, à instalação de um Posto Indígena e da Enfermaria com farmácia padrão são necessários equipamentos que incluímos no cronograma físico-financeiro.

### 1.4. Outras Atividades

Serão desenvolvidas atividades paralelas que possibilitem uma maior compreensão da cultura PARAKANÃ e, portanto, que contribuam para a autodeterminação dessas / comunidades. Assim, a pesquisa sobre a organização social desses índios terá continuidade a ser dada pelo antropólogo, como / também lhe cabera a orientação na comercialização do artesanato indígena, já que esta, tal como a distribuição da renda auferida devem estar em acordo com a estrutura social tradicional.

Durante o desenrolar deste Projeto será efetuada trabalho visando a comercialização da castanha-do-para que sob a orientação do antropólogo fara passar à comunidade PARAKANÃ a manipulação do produto.

Cronograma de Atividades Relacionadas à Transferência dos Índios PARAKANÃ ( ano 1978 )

1º Trimestre de 1978

- Janeiro:

a) implantação do Projeto PARAKANÃ;  
 b) a FUNAI deve declarar até o final deste mês a interdição da área ocupada pelos PARAKANÃ no rio Anapu, bem como a das terras situadas além do limite norte da Reserva PARAKANÃ;

c) liberação da verba correspondente ao 1º trimestre de 1978 para:

- aquisição de bens permanentes para a instalação da sede do Posto Indígena e da Enfermaria com farmácia padrão, na área do rio Anapu.

- aquisição de bens de consumo que possibilitem o desempenho das atividades neste período;

- serviços a terceiros que visam a atender casos de emergência.

d) contato com a ELETRONORTE a ser realizado pelo antropólogo, para serviços junto as comunidades PARAKANÃ;

e) contato com o I.N.C.R.A. a ser realizado pelo antropólogo, objetivando dados concretos sobre a área a ser interditada.

- Fevereiro:

a) aquisição de bens permanentes e de consumo

b) continuação dos contatos com a ELETRONORTE

c) continuação dos contatos com o I.N.C.R.A.



- Março:

a) ida à área do rio Anapu acompanhado por equipe representativa da FUNAI para a realização de conhecimento e demarcação do território indígena;

b) deslocamento do Posto Indígena Pucurui de dois índios PARAKANÃ para servirem de guia na demarcação da área por eles percorrida;

c) criação do Posto Indígena do Rio Anapu e designação do Chefe de Posto, bem como do Auxiliar de Enfermagem, que deverão acompanhar a equipe;

d) designação de um trabalhador braçal para auxiliar na edificação da sede do Posto e da Enfermaria;

e) transporte de bens permanentes e de consumo já adquiridos;

f) construção de campo de pouso, pois que o único meio de acesso, a via fluvial, só é transitável durante o período das chuvas;

### 2º Trimestre de 1978

De agora até o último trimestre o planejamento das atividades a serem desenvolvidas será efetuado para o trimestre face a imprevisibilidade de uma atuação rígida. Assim, os trabalhos a serem realizados são:

a) continuação dos serviços iniciados no mês anterior e que ainda não foram concluídos. Iniciar os serviços de reconhecimento e demarcação de território na Reserva Parakanã, devendo a mesma equipe representativa da FUNAI, composta de geógrafo, topógrafo, agrônomo, se deslocar para esta área. O antropólogo responsável acompanhara a equipe, retornando em seguida ao Posto Indígena do rio Anapu;

b) liberação da verba para o 2º trimestre de 1978, até os primeiros quinze dias de abril, para a aquisição de bens permanentes e de consumo, bem como para os serviços de terceiros;

c) transferência da comunidade PARAKANÁ do Posto Indígena Pucurui para o Posto Indígena do rio Anapu;

d) construção da nova aldeia a ser edificada pela comunidade PARAKANÁ ;

e) deslocamento da Equipe Volante de Saúde da 2ª D.R. quando da transferência da comunidade indígena para o rio Anapu e com ela permanecer até o momento que considerar necessário;

f) derrubada da mata e preparo do / terreno para a feitura de roças pela comunidade.

### 3º Trimestre de 1978

a) continuação dos serviços iniciados e ainda não concluídos;

b) liberação da verba para o 3º trimestre de 1978 até os primeiros quinze dias de julho, para a aquisição de bens permanentes e de consumo e pagamento de serviços de terceiros;

c) deslocamento do antropólogo responsável para a Reserva Parakaná, a fim de realizar levantamento dos prejuízos ocasionados pela inundação do território.

d) retorno do antropólogo ao rio Anapu para continuidade dos trabalhos naquela área.

### 4º Trimestre de 1978

a) continuação dos serviços iniciados e conclusão dos mesmos;

b) liberação da verba para o 4º trimestre de 1978 até os primeiros quinze dias de mês de outubro, para a aquisição e transporte de bens permanentes e de consumo, assim como para pagamento de serviços de terceiros;



*Levi*

c) finda a transferencia do grupo PARAKANÃ do Posto Indigen a Tucurui para o rio Anapu, daremos continuidade ao projeto de transferencia dos PARAKANÃ da / Reserva, iniciado no 2º trimestre com a delimitação da nova area. Incluem-se nesta segunda fase as atividades referentes ao projeto para a coleta e comercialização da castanha-do-para a ser elaborado em campo;

d) deslocamento do antropologo responsavel da area do rio Anapu para a Reserva Parakanã a fim de reiniciar os trabalhos citados no item d do quarto trimestre;

e) deslocamento do antropologo para as localidades de Tucurui e Marabá para coleta de dados referentes ao transporte e comercialização da castanha-do-para. Feito isto se deslocara o antropologo para Belem e Brasilia a fim de manter contatos com autoridades da FUNAI.

*Levi*

## 2. Aspectos Economicos Financeiros

### 2.1. Introdução

Desde que a transferencia da comunidade PARAKANÃ do Posto Indigena Pucurui para o seu local de origem, no rio Anapu, implicará na criação de um novo Posto Indigena e toda a infra estrutura que isto acarreta, compreendendo gastos com a sua instalação e equipamentos e materiais a serem nele utilizados, o Projeto assumira tais despesas. Ao assumir o controle do fluxo financeiro global objetiva-se a coerencia entre os propósitos do Projeto e sua execução.

Os equipamentos necessarios para a instalação do Posto Indigena e consequentemente a realização do Projeto visam possibilitar desde seu início condições de trabalho adequadas. Como ja afirmamos neste trabalho, a necessidade da aquisição de um barco à comunidade PARAKANÃ este relacionada a unica via de acesso, a fluvial, entre a area indigena e a localidade de Altamira; voltamos a considerar que esta via de acesso só é possivel durante o periodo das chuvas e daí a necessidade de ser tambem construido um campo de pouso.

O material incluído na categoria de permanente destina-se à instalação do Posto Indigena e da Enfermaria, assim como os utensilios de casa e construção / incluídos na categoria de consumo.

As fitas para gravação, filmes, filmes fotograficos e suas respectivas revelações, destinam-se ao registro etnografico do Projeto a ser desenvolvido, como tambem a pesquisa desenvolvida pelo antropologo.

A linha de medicamentos da CEME, embora extremamente util, não supriria todas as necessidades, razão pela qual solicitamos medicamentos mais nobres procurando, na medida do possivel contornar os problemas de saude.

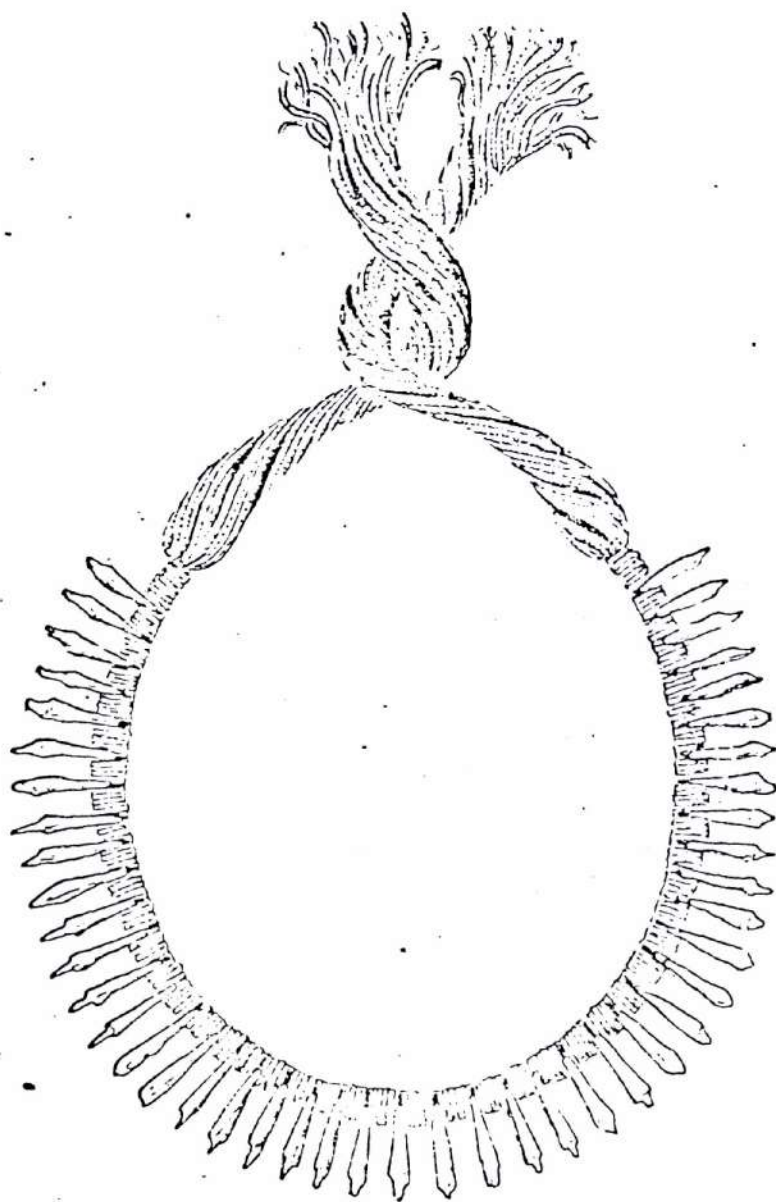


CEDI - P. I. B.  
DATA 03 / 06 / 86  
COD. PK D 2.5

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDÍO - FUNAI

DEPARTAMENTO GERAL DE PLANEJAMENTO COMUNITÁRIO

# I ENCONTRO PARAKANÃ



LOCAL: TUCURUI - PARÁ

Período: 15 a 19 de dezembro de 1980

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

PARTICIPANTES ENCONTRO PARAKANÃ

TÉCNICOS DA FUNAI

- Prof. Ivan Zanoni Hausen - Diretor do DGPC
- Sílvia Regina Tafuri - Antropóloga
- Eliaor Grangeon de Siqueira - Engenheiro Agrônomo
- Antônio Severino Botelho - Economista
- Iselva Nadir Kern - Auxiliar de Programador Educacional
- Maria Barreto de Figueiredo - Enfermeira
- Lúcia Helena Soares de Mello - Antropóloga
- Dolores Cornélia Pierson - Socióloga
- José Eduardo Marzagão - Tradutor
- Oswaldo Dumolin - Topógrafo
- Mircia Helena de Paulo Fonseca - Socióloga
- Paulo César Silva de Abreu - Delegado Regional
- Dr. Lauro Lino Faro - Médico da EVS
- João Evangelista de Carvalho - Sertanista
- Maria Alves Leal de Oliveira - Ajudante Marabá
- Marianinho - Sertanista - Igarapé Lontra
- Felipe - Sertanista
- Jason - Chefe do PI Pucuruí
- Fernando - Chefe do PI Parakanã
- Célia - Enfermeira da área
- Luis Moreira - Aux. Sertanista



OUTRAS INSTITUIÇÕES

DE BRASÍLIA

- Dr. Oto Nascimento - ELETRONORTE
- FLORESTO CEZARI VAZ GUTERRES

DE FLORIANÓPOLIS

- Prof. Silvio Coelho dos Santos - Universidade Federal de Santa Catarina
- Prof. Ane Leise Nacke - Assistente Univ. Fed. Santa Catarina

DE CURITIBA

- Profa. Cecília Maria Vieira Helm - Universidade Federal do Paraná

DE TUCURUÍ

- José Inácio - Engenheiro Agrônomo - ELETRONORTE
- Dr. Gerson - Engenheiro Civil - ELETRONORTE

DE BELÉM

- Prof. Expedito Arnaud - Museu Goeldi
- Prof. Antônio Carlos Magalhães - Museu Goeldi
- Dr. Pinheiro - Instituto Evandro Chagas
- Dr. José Maria - Hospital Barros Barreto
- Major Santana - COMARA
- Bel. José Orlando Paula Arrifano - Secretaria de Segurança Pública - Pará
- Secretaria de Saúde Pública - 1 representante
- Prof. David Vieira Gueiros - Museu Goeldi

GETAT -> .....

IYPA ->

SÃO PAULO

- LUX VIDAL - USP.

MOD.: 115 ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA  
- CLAUDIO SERRA

## USINA HIDRELÉTRICA TUCURUI

## 1. INTRODUÇÃO

A ELETRONORTE é uma subsidiária de âmbito regional das Centrais Elétricas Brasileiras S/A - ELETROBRÁS, com uma área de atuação que abrange os estados do Pará, Amazonas, Maranhão e Acre, os Territórios Federais de Rondônia, Roraima e Amapá e parte dos estados de Mato Grosso e Goiás, numa extensão geográfica equivalente a 58% do território nacional, correspondente à região Norte e parte da Região Centro-Oeste.

Segundo os inventários que a ELETRONORTE vem desenvolvendo, já é possível indicar o potencial de algumas bacias da sua área de atuação:

Rios Itiquira e Correntes - 80 MW, Trombetas/Erepecuru-Jatapu/Uatumã - 4.600 MW, Rio Cotingo - 550 MW, Rio Jamari - 260 MW, Rio Xingu 20.000 MW e Rios Tocantins/Araguaia - 25.000 MW. Nessa última bacia, próximo à pequena cidade de Tucuruí, a 300 km em linha reta de Belém, constrói-se a Usina Hidrelétrica de Tucuruí.

Tucuruí pode ser atingida por estradas de rodagem a partir da Rodovia Transamazônica, por via fluvial pelos barcos que navegam no Rio Tocantins e por via aérea. Para assegurar o tráfego aéreo, foi construído pela ELETRONORTE um aeroporto, com pista asfaltada, de 2 km de extensão por 45m de largura, capaz de operar aeronaves de grande porte, dotado de moderno equipamento de sinalização e proteção ao voo.

A energia gerada pela UHE - Tucuruí, deverá ser predominantemente absorvida pelos complexos para exploração de recursos minerais no interior amazônico, tais como a bauxita, nas regiões dos rios Trombetas e Capim, e minério de ferro da Serra dos Carajás, além do envio de energia para outras regiões.



## 2. RESUMO HISTÓRICO

Em função de recomendações contidas no Relatório Final do Comitê Coordenador dos Recursos Energéticos da Amazônia - ENERAM, de 1970, a ELETROBRÁS retomou, em 1972, os estudos iniciados por aquele Comitê, visando o levantamento sistemático do potencial hidrenergético da bacia hidrográfica do rio Tocantins, para a definição de projetos hidrelétricos que pudessem atender ao mercado de energia elétrica, representado por possíveis cargas industriais de vulto (empreendimentos eletro-metalúrgicos), pela demanda da região Norte (Polo Belém do Pará), e suplementação à Região Nordeste.

Em junho de 1973, foi criada a Centrais Elétricas do Norte do Brasil S.A. - ELETRONORTE, subsidiária da ELETROBRÁS, tendo por finalidade a realização de estudos, projetos, construção e operação de usinas hidrelétricas e sistemas associados de transmissão, na região amazônica.

A ELETRONORTE então, levando a termo os trabalhos iniciados em 1972, realizou o Inventário Hidrelétrico da Bacia do Rio Tocantins, sendo eleita a UHE de Tucuruí, para atender o mercado acima delimitado (ver desenhos 1 e 2).

## 3. O RIO TOCANTINS E SEUS AFLUENTES

O Rio Tocantins é formado pelos rios Almas e Maranhão, cujas cabeceiras localizam-se no Planalto Central de Goiás, a mais de 1.000m de altitude. Após sua formação, a cerca de 400m de altitude, desce o Rio Tocantins por um curso de aproximadamente 2.100 km até a cota do nível do mar, onde chega nas proximidades da cidade de Belém do Pará.

Os principais afluentes do Tocantins, estão na sua margem esquerda. São os rios Araguaia e Itacaiunas, que afluem ao Tocantins, quando este se encontra já abaixo de 100m de altitude, formando o

chamado Baixo Tocantins. Devido à forma alongada no sentido sul-norte da bacia do Tocantins, e tendo seus tributários pela direita, direção predominantemente leste-oeste, ficaram suas bacias limitadas, o que conduziu esses rios a pouca representação quando comparados ao principal. Destacam-se por esta margem direita os rios Bagagem, Tocantinzinho, Paranã, Manoel Alves da Natividade, Balsas, Sono, Manoel Alves Grande e Farinha. A área da bacia do Tocantins é de aproximadamente 770.000 km<sup>2</sup>, sendo 50% correspondentes à bacia do seu afluente Araguaia.

O Rio Tocantins possui inúmeras corredeiras em seu curso, que dificultam, ou mesmo impedem a navegação. A criação de barragens neste rio terá como consequência a submersão destes acidentes e assim, possibilitar sua navegabilidade franta, pela colocação de eclusas.

#### 4. DADOS GERAIS

A Usina foi concebida para sua implantação em duas etapas, com uma potência total instalada de oito milhões de quilowatts, cabendo à primeira etapa quatro milhões de quilowatts, distribuídos em doze grupos geradores de 330.000 quilowatts cada, acrescidos de duas unidades auxiliares de 25.000 quilowatts. Isso significa que Tucuruí, com uma taxa de equivalência de 50 mil barris diários de petróleo, por cada milhão de quilowatts de potência instalada, traduz-se por uma produção diária de quatrocentos mil barris, quando tiver atingido sua potência final.

A Usina é formada por um conjunto de estruturas de, praticamente 9.000 m de comprimento, compreendendo:

- . Barragem de Terra da Margem Direita
- . Barragem de Terra - Enrocamento do Leito do Rio
- . Muro de Transição Direito



- . Vertedouro
- . Tomada d'Água
- . Casa de Força
- ... Área de Montagem
- . Muro de Transição Esquerdo
- . Barragem de Terra da Margem Esquerda (ver desenho nº 3)

Como característica particular da Usina, destaca-se o vertedouro, com capacidade de descarga de 100.000 m<sup>3</sup> por segundo, o maior existente atualmente no mundo.

Agregado à Usina, será construído pela Portobrás, um sistema de transposição do desnível criado pela barragem, constituído por duas eclusas e um canal intermediário de navegação. (Ver desenho nº 3).

Esse sistema permitirá a navegação entre Belém e Marabá, tendo uma capacidade nominal de 220 milhões de toneladas por ano, nos dois sentidos, em chatas de 4.000 toneladas, formando comboios de até 32.000 toneladas.

As obras da Usina e o Sistema de Transposição têm os seguintes volumes:

**U S I N A**

|                             |                           |
|-----------------------------|---------------------------|
| . Aterros Compactados ..... | 45.300.000 m <sup>3</sup> |
| . Enrocamentos .....        | 19.000.000 m <sup>3</sup> |
| . Escavação em Rocha .....  | 21.200.000 m <sup>3</sup> |
| . Escavação Comum .....     | 34.800.000 m <sup>3</sup> |
| . Concreto .....            | 5.600.000 m <sup>3</sup>  |

**SISTEMA DE TRANSPOSIÇÃO**

|                             |                          |
|-----------------------------|--------------------------|
| . Aterros Compactados ..... | 5.000.000 m <sup>3</sup> |
| . Enrocamentos .....        | 800.000 m <sup>3</sup>   |
| . Escavação em Rocha .....  | 40.000 m <sup>3</sup>    |
| . Escavação Comum .....     | 1.800.000 m <sup>3</sup> |
| . Concreto .....            | 1.350.000 m <sup>3</sup> |

Estes serviços obrigarão que se execute produções de concreto de até 200.000 m<sup>3</sup> por mês, e a execução de aterros compactados/enrocamentos de até 2.200.000 m<sup>3</sup> por mês.

Para sua execução foi exigida a instalação de um grande Canteiro Industrial, para possibilitar as elevadas produções requeridas, a manutenção adequada do parque de máquinas pesadas de construção e as complexas operações de suprimento e movimentação de materiais na Obra, inclusive com um cais flutuante de concreto, com capacidade de movimentar 42.000 t/mês de carga geral, e outro especial, para cargas de peso unitário de até 250 t, destinado à movimentação do equipamento eletromecânico permanente da Usina.

O contingente humano necessário atingirá, na fase mais intensa dos serviços, um total de 25.000 empregados, além de seus familiares, sendo indispensável assegurar condições mínimas para a fixação dessas pessoas no local da Obra, o que não se poderia fazer somente com a cidade de Tucuruí, onde se aloja, apenas, parcela dessa população.

Foram construídas Vilas Residenciais para 45.000 pessoas, dotadas de adequada infra-estrutura e de equipamento urbano, para possibilitar padrões satisfatórios de saúde, educação, moradia e lazer à população.

O escoamento de energia gerado em Tucuruí, se dará através de dois troncos principais de transmissão.

O primeiro se estenderá através de Marabá e Imperatriz, destinando-se ao suprimento dos polos industriais de Carajás e São Luiz, bem como, o suprimento à Chesf para a região nordeste do País.

O segundo, em direção a Belém, para atendimento dessa cidade e seu complexo industrial.



## 5. DADOS ESPECÍFICOS

### U S I N A

#### HIDROLOGIA

|                                    |                         |
|------------------------------------|-------------------------|
| . Bacia Hidrográfica               | 770.000 km <sup>2</sup> |
| . Precipitação Total Anual em 1979 | 2.092,2 mm              |
| . Precipitação em Janeiro 1979     | 320,7 mm                |
| . Precipitação em julho 1979       | 7,6 mm                  |

#### RESERVATÓRIO

|                                  |                           |
|----------------------------------|---------------------------|
| . Área do Reservatório           | 2.160 km <sup>2</sup>     |
| . Comprimento                    | 200 km                    |
| . Volume Acumulado               | 43 bilhões m <sup>3</sup> |
| . Volume Útil                    | 23 bilhões m <sup>3</sup> |
| . Nível do Reservatório - Normal | 72 m                      |
| . Nível do Reservatório - Máximo | 74 m                      |
| . Nível do Reservatório - Mínimo | 58 m                      |

#### QUEDA LÍQUIDA

|              |         |
|--------------|---------|
| . Máxima     | 67,20 m |
| . De Projeto | 60,80 m |
| . Mínima     | 51,40 m |

#### DESCARGAS

|                 |                           |
|-----------------|---------------------------|
| . Média         | 9.208 m <sup>3</sup> /s   |
| . Mínima        | 1.511 m <sup>3</sup> /s   |
| . Máxima        | 68.400 m <sup>3</sup> /s  |
| . De Desvio     | 56.000 m <sup>3</sup> /s  |
| . Do Vertedouro | 100.000 m <sup>3</sup> /s |

---

UHE - TUCURUI

POTÊNCIA FIRME

|                                  |          |
|----------------------------------|----------|
| . Reservatório Próprio           | 2.160 MW |
| . Regularização Total a Montante | 4.240 MW |

POTÊNCIA INSTALADA

|                    |          |
|--------------------|----------|
| . Primeira Etapa   | 4.000 MW |
| . Instalação Final | 7.960 MW |

ENERGIA FIRME

|                                      |                |
|--------------------------------------|----------------|
| . Isolada                            | 18.500 GWh/ano |
| . Com Regularização Total a Montante | 36.815 GWh/ano |

INÍCIO DE OPERAÇÃO DOS GRUPOS

|                          |       |
|--------------------------|-------|
| . 1º - Grupo Auxiliar I  | 11/83 |
| . 2º - Grupo I           | 12/83 |
| . 3º - Grupo Auxiliar II | 03/84 |
| . 4º - Grupo II          | 04/84 |
| . 5º - Grupo III         | 07/84 |
| . 6º - Grupo IV          | 10/84 |
| . 7º - Grupo V           | 01/85 |
| . 8º - Grupo VI          | 04/85 |
| . 9º - Grupo VII         | 07/85 |
| . 10º - Grupo VIII       | 10/85 |

BARRAGEM DE TERRA E/OU ENROCAMENTO

Barragem de Terra da Margem Direita:

|                         |         |
|-------------------------|---------|
| . Tipo                  | Zoneada |
| . Cota do Coroamento    | 78 m    |
| . Comprimento da Crista | 2.611 m |
| . Altura Máxima         | 85 m    |



Barragem de Enrocamento do Canal Central:

|                         |         |
|-------------------------|---------|
| . Tipo                  | Mista   |
| . Cota do Coroamento    | 78 m    |
| . Comprimento da Crista | 1.261 m |
| . Altura Máxima         | 85 m    |

Barragem em "Y" da Margem Direita:

|                         |         |
|-------------------------|---------|
| . Tipo                  | Zoneada |
| . Cota do Coroamento    | 78 m    |
| . Comprimento da Crista | 2.330 m |
| . Altura Máxima         | 85 m    |

DIQUES

Dique do Mojú - Margem Direita:

|                         |         |
|-------------------------|---------|
| . Tipo                  | Zoneada |
| . Cota do Coroamento    | 78 m    |
| . Comprimento da Crista | 3.500 m |
| . Altura Máxima         | 10 m    |

E S T R U T U R A S

VERTEDOIRO

|                       |                           |
|-----------------------|---------------------------|
| . Número de Blocos    | 22                        |
| . Altura Máxima       | 85 m                      |
| . Comprimento         | 575 m                     |
| . Descarga de Projeto | 100.000 m <sup>3</sup> /s |

Comportas: Fabricante: Badoni A.L.B.:

|                       |             |
|-----------------------|-------------|
| . Número de Comportas | 23          |
| . Tipo de Comportas   | De Segmento |

UHE - TUCURUI

- . Vão Livre 20 m
- . Altura Livre 21 m
- . Descarga Máxima por Comporta 4.250 m<sup>3</sup>/s
- . Raio Externo do Parâmetro 20 m
- . Cota da Soleira 51,51 m
- . Velocidade de Içamento 0,3 m/min
- . Velocidade de Fechamento 0,3 m/min

Adufas de Desvio: Fabricante B.S.I. Equip. Hidromec. S/A:

- . Número de Adufas 40
- . Dimensões 6,50 X 13,00 m
- . Cota da Soleira -3 m
- . Tipo da Comporta Plana
- . Vazão Máxima por Adufa 1.400 m<sup>3</sup>/s

Stop-Log: Fabricante: Badoni A.T.B.:

- . Cota da Soleira 51,98 m
- . Vão Livre 20 m
- . Altura Livre (um elemento) 3,42 m
- . Número de Elementos por Abertura 06

Pórtico: Fabricante: Bardella S/A:

- . Quantidade 01
- . Capacidade 250/50 t
- . Curso Vertical do Gancho 84 m
- . Velocidade Máxima de Levantamento do Gancho 1 a 1,1 m/min
- . Velocidade Mínima de Levantamento do Gancho 0,1 a 0,2 m/min

Caminho de Rolamento

- . Distância entre Eixos 10 m
- . Comprimento Total 583 m



. Cota do Topo dos Trilhos 76,04 m

TOMADA D'ÁGUA PRINCIPAL

. Número de Blocos 12  
 . Comprimento 366 m  
 . Cota do Coroamento 76 m

Comportas: Fabricante: Badoni A.T.B.:

. Número de Comportas 12  
 . Vão Livre 9 m  
 . Altura Livre 13,75 m  
 . Cota da Soleira 27 m  
 . Vazão Máxima pela Comporta 600 m<sup>3</sup>/s

Guincho de Içamento:

. Sem Equilíbrio de Pressão 0,05 m/min  
 . Com Equilíbrio de Pressão 1 m/min

Velocidade de Fechamento:

. Normal 3 m/min  
 . De Emergência 10 m/min

Stop-Log: Fabricante: Badoni A.T.B.:

. Cota da Soleira 27 m  
 . Vão Livre 10,50 m  
 . Altura Livre 14,60 m  
 . Número de Elementos por Abertura 06

Pórtico: Fabricante: Bardella S/A:

. Quantidade 01

UHE - TUCURUI

- . Capacidade 250/50 t
- . Cota Superior do Gancho Principal 85,50 m
- . Curso Vertical do Gancho Auxiliar 58 m
- . Curso Vertical do Gancho Principal 37 m

Máquina Limpa Grades: Fabricante: Bardella S/A:

- . Capacidade do Guincho 3 t
- . Curso Vertical do Rastelo 62 m
- . Capacidade do Rastelo 3 m<sup>3</sup>

TOMADA D'ÁGUA AUXILIAR

- . Número de Blocos 01
- . Comprimento 33,70 m
- . Cota do Coroamento 76 m

Comportas: Fabricante: Badoni A.T.B.:

- . Número de Comportas 02
- . Cota da Soleira 40 m
- . Vão Livre 3,15 m
- . Altura Livre 3,15 m
- . Vazão Máxima pela Comporta 40 m<sup>3</sup>/s

Stop-Log: Fabricante: Badoni A.T.B.:

- . Cota da Soleira 27 m
- . Vão Livre 10,50 m
- . Altura Livre 14,60 m
- . Número de Elementos por Abertura 06
- . Grades - Ishibras 12

CASA DE FORÇA PRINCIPAL

- . Número de Blocos 12



143  
/

---

UHE - TUCURUI

- . Comprimento 31,6 m
- . Altura Máxima 34,39 m

Turbina Principal: Fabricante: Mec. Pesada/Neyrpic:

- . Quantidade 8 + 4
- . Tipo Francis
- . Diâmetro da Roda 8,10 m
- . Potência Máxima Nominal 369 MW
- . Rotação Nominal 81,8 r.p.m.
- . Queda Líquida (potência de 369 MW) 67,6 m
- . Descarga Máxima (potência de 369 MW) 599 m<sup>3</sup>/s
- . Peso da Turbina 1.696 t
- . Empuxo Hidráulico Máximo 1.100 t

Geradores Principais: Fabricante: General Electric/Brown Boveri/Alstom Atlantic:

- . Quantidade 8 + 4
- . Potência Nominal 350 MVA
- . Tensão Nominal 13,8 kV
- . Corrente Nominal 14.643 A
- . Frequência 60 Hz
- . Tensão de Excitação Nominal 474 V (88 polos)
- . Fator de Potência 0,95 atrasado
- . GD<sup>2</sup> 133.000 t/m<sup>2</sup>
- . Peso de cada Gerador 1.586 t
- . Peso do Rotor 924 t

Transformadores: Fabricantes: ASEA/Brown Boveri

- . Quantidade 13 un
- . Capacidade Nominal 350 MVA
- . Tensão 13,8/550 kV

UHE - TUCURUI

|                    |                    |
|--------------------|--------------------|
| . Potência Nominal | 332/378 MVA        |
| . Nível de Impulso | 110/1550 kV        |
| . Tipo de Ligação  | Estrela-Triangular |
| . Peso Total       | 279 t              |
| . Frequência       | 60 Hz              |

Condutos Forçados Principais: Fornecedores: Badoni A.T.B:

|                               |          |
|-------------------------------|----------|
| . Número de Condutos          | 12       |
| . Número de Anéis por Conduto | 31       |
| . Peso de Cada Conduto        | 552 t    |
| . Diâmetro Interno            | 10,40 m  |
| . Comprimento Desenvolvido    | 67,124 m |

Ponte Rolante Principal: Fabricante: PHB do Brasil:

|   |                  |
|---|------------------|
| . Quantidade  | 02               |
| . Capacidade  | 550/60 t         |
| . Curso Vertical do Gancho Principal                      | 24 m             |
| . Limite Superior do Gancho Principal                     | 24,50 m          |
| . Velocidade de Levantamento do Gancho Principal (Máxima) | 0,8 a 0,9 m/min  |
| . Velocidade de Levantamento do Gancho Principal (Mínima) | 0,07 a 0,1 m/min |
| . Curso Vertical do Gancho Auxiliar                       | 37 m             |
| . Limite Superior do Gancho Auxiliar                      | 26 m             |
| . Velocidade de Levantamento do Gancho Principal (Máxima) | 3,5 a 4 m/min    |
| . Velocidade de Levantamento do Gancho Auxiliar (Mínima)  | 0,35 a 0,5 m/min |
| . Capacidade de Talha Elétrica                            | 5 t              |

Ponte Rolante Auxiliar: Fabricante: Zanini S/A:

|                                       |      |
|---------------------------------------|------|
| . Quantidade                          | 02   |
| . Capacidade                          | 30 t |
| . Curso Vertical do Gancho Principal  | 22 m |
| . Limite Superior do Gancho Principal | 20 m |



---

 UHE - TUCURUI
 

---

. Curso Vertical do Gancho Auxiliar 22 m

Caminho de Rolamento:

. Distância entre Eixos 22,40 m

Pórtico do Tubo de Sucção: Fabricante: Sermec S/A:

. Quantidade 01  
 . Capacidade 30 t  
 . Curso Vertical da Viga Pescadora 48 m

Caminho de Rolamento:

. Distância entre Eixos 3,20 m

Stop-Log do Tubo de Sucção: Fabricante: Sermec S/A:

. Número de Elementos por Abertura 03  
 . Cotã da Soleira -20,80 m  
 . Vão Livre -7,40 m  
 . Altura Livre -9,40 m

Grupos Auxiliares: Fabricante: Zanini S.A./Coemsa:

. Quantidade 02  
 . Potência Nominal 20,5 MW

Pontes Rolantes: Fabricante: Zanini S/A:

. Quantidade 01  
 . Capacidade 10 t  
 . Curso Vertical 15 m

Caminho de Rolamento:

. Distância entre Eixos 11,40 m

---

Condutos Forçados Auxiliares: Fornecedor: Badoni A.T.B.:

|                               |         |
|-------------------------------|---------|
| . Número de Condutos          | 02      |
| . Número de Anéis por Conduto | 04      |
| . Peso de Cada Conduto        | 32 t    |
| . Diâmetro Interno            | 2,90 m  |
| . Comprimento Desenvolvido    | 39,92 m |

BARRAGEM DE GRAVIDADE

|                    |       |
|--------------------|-------|
| . Número de Blocos | 04    |
| . Comprimento      | 120 m |
| . Coroamento       | 76 m  |

ÁREA DE MONTAGEM

|                    |       |
|--------------------|-------|
| . Número de Blocos | 04    |
| . Comprimento      | 130 m |

MURO GUIA DO CANAL DE FUGA

|                    |           |
|--------------------|-----------|
| . Número de Blocos | 08        |
| . Comprimento      | 144,255 m |

CANAL DE FUGA I

|                 |          |
|-----------------|----------|
| . Extensão      | 1.100 m  |
| . Largura       | 200 m    |
| . Cota de Fundo | -15,50 m |

MURO DE TRANSIÇÃO DA ENSECADDEIRA "C"

|                                    |           |
|------------------------------------|-----------|
| . Número de Blocos                 | 06        |
| . Comprimento                      | 141,114 m |
| . Cota do Coroamento (Bloco 1 a 5) | 15 m      |
| . Cota do Coroamento (Bloco 6)     | 15 e 37 m |



MURO GUIA ESQUERDO

|                                     |         |
|-------------------------------------|---------|
| . Número de Blocos                  | 06      |
| . Comprimento                       | 96,62 m |
| . Cota do Coroamento (Blocos 1 e 2) | 22,00 m |
| . Cota do Coroamento (Blocos 3 a 6) | 22,00 m |

BACIA DE DISSIPACÃO

|                            |          |
|----------------------------|----------|
| . Comprimento do Fundo     | 530,90 m |
| . Largura da Base de Fundo | 101,00 m |
| . Cota de Fundo            | -40 m    |

MURO DE CONTENÇÃO DIREITO

|                                |         |
|--------------------------------|---------|
| . Número de Blocos             | 03      |
| . Comprimento                  | 60,00 m |
| . Cota do Coroamento (Bloco 1) | 10 m    |
| . Cota do Coroamento (Bloco 2) | 11 m    |
| . Cota do Coroamento (Bloco 3) | 12 m    |

MURO DE TRANSIÇÃO DIREITO

|                      |          |
|----------------------|----------|
| . Número de Blocos   | 02       |
| . Comprimento        | 69,016 m |
| . Cota do Coroamento | Variável |

MURO GUIA DIREITO

|                                     |          |
|-------------------------------------|----------|
| . Número de Blocos                  | 05       |
| . Comprimento                       | 141,01 m |
| . Cota do Coroamento (Blocos 1 a 4) | 25 m     |
| . Cota do Coroamento (Bloco 5)      | -5 m     |

6. CARACTERÍSTICAS DA OBRA

CANTEIRO INDUSTRIAL

SISTEMA DE BRITAGEM

Sistema Primário:

|                               |           |
|-------------------------------|-----------|
| . Britador Pegson             | 01        |
| . Britador Telsmith 50" X 60" | 02        |
| . Produção Nominal            | 2.450 t/h |
| . Produção Efetiva            | 1.676 t/h |

Sistema Secundário e Terciário:

Estações 4A + 4B + 4C:

|  |    |
|--|----|
| . Rebritadores 6614 S                  | 02 |
| . Rebritador Faço 12040                | 01 |
| . Peneiras Telsmith VK 7' X 16" EHD    | 02 |
| . Peneiras Telsmith VK EHD 5' X 12" DD | 01 |

Estações 5A + 5B + 5C:

|                                    |    |
|------------------------------------|----|
| . Rebritador Faço 760              | 01 |
| . Rebritador 66 FC                 | 01 |
| . Rebritador 48 S                  | 01 |
| . Peneiras Telsmith VK 7' X 20" DD | 03 |

Estações 6A + 6B + 6C:

|   |           |
|---|-----------|
| . Peneiras Telsmith VK 7' X 20" TD                  | 04        |
| . Peneiras Telsmith VK 6' X 16" TD                  | 01        |
| . Classificadores Heliciodais Telsmith 42" X 28' SS | 02        |
| . Classificador Heliciodal Telsmith 36" X 20' SS    | 01        |
| . Produção Nominal                                  | 1.810 t/h |
| . Produção Efetiva                                  | 1.240 t/h |



20  
/

SISTEMA DE REFRIGERAÇÃO

Galeria de Refrigeração de Agregados:

|                    |           |
|--------------------|-----------|
| . Agregado Graúdo  | 1.032 t/h |
| . Água             | 688 t/h   |
| . Capacidade Total | 1.700 t/h |

FÁBRICA DE GELO

|                                  |             |
|----------------------------------|-------------|
| . Máquinas de Gelo Sabros V-310A | 16          |
| . Capacidade por Unidade         | 600 kg/h    |
| . Capacidade Total               | 9.600 Kg/h  |
| . Máquina de Gelo North Star 60  | 08          |
| . Capacidade por Unidade         | 1.000 Kg/h  |
| . Capacidade Total               | 8.000 Kg/h  |
| . Capacidade Total do Conjunto   | 17.600 Kg/h |
| . Depósito de Gelo               | 01          |
| . Capacidade de Armazenamento    | 200 t       |

SISTEMA DE CASCALHO E AREIA

|  |         |
|--|---------|
| . Produção Nominal Areia para Concreto | 430 t/h |
| . Produção Nominal Areia para Filtros  | 344 t/h |
| . Produção Nominal Cascalho            | 86 t/h  |
| . Produção Total do Sistema            | 860 t/h |

SISTEMA DE TRANSPORTE E AREIA

|                                 |      |
|---------------------------------|------|
| . Quantidade de Transportadores | 08   |
| . Extensão                      | 2 km |

SILUS DE AGLOMERANTES

Cimento:

|                       |    |
|-----------------------|----|
| . Quantidade de Silos | 16 |
|-----------------------|----|

- . Capacidade por Unidade 1.130 m<sup>3</sup>
- . Capacidade Total do Conjunto 18.080 m<sup>3</sup>

Pozolana:

- . Quantidade de Silos 04
- . Capacidade por Unidade 1.130 m<sup>3</sup>
- . Capacidade do Conjunto 4.520 m<sup>3</sup>

SISTEMA DE CENTRAIS DE CONCRETO

- . Número de Centrais 04
- . Tipo Johnson 750 Rex Bin
- . Número de Betoneiras por Central 04
- . Capacidade de cada Betoneira 3 m<sup>3</sup>
- . Capacidade de cada Central 240 m<sup>3</sup>/h

PÁTIO DE ARMAÇÃO

Estocagem de Ferro Bruto:

- . Número de Box para Estocagem 44
- . Capacidade de cada Box 210 t
- . Capacidade Total de Estocagem 9.240 t

Medida de Corte:

- . Número de Linhas 02
- . Tipo Automática
- . Marca Cador Peddinghaus
- . Produção Mensal 5.720 t

Linha de Solda:

- . Número de Máquinas 02
- . Tipo A9 9/120
- . Marca Schlatter



- . Produção por Máquina 14.000 soldas/mês
- . Produção Mensal da Linha 28.000 soldas/mês

SISTEMA DE AR COMPRIMIDO

Compressores Atlas Copco ZR-5A:

- . Quantidades 04
- . Tipo Estacionário
- . Capacidade pcm por Unidade 2.939 p.c.m.
- . Capacidade Total do Conjunto 8.572 p.c.m.

Compressores Atlas Copco ZR-5B:

- . Quantidade 04
- . Tipo Estacionário
- . Capacidade pcm por Unidade 3.170 p.c.m.
- . Capacidade Total do Conjunto 12.680 p.c.m.

Compressores G. Denver:

- . Quantidade 05
- . Tipo Estacionário
- . Capacidade pcm por Unidade 1.780 p.c.m.
- . Capacidade Total do Conjunto 8.900 p.c.m.

Compressores ER-9:

- . Quantidade 03
- . Tipo Estacionário
- . Capacidade pcm por Unidade 3.330 p.c.m.
- . Capacidade Total do Conjunto 9.990 p.c.m.
- . Capacidade Total do Sistema 41.142 p.c.m.

EQUIPAMENTO LANÇAMENTO DE CONCRETO

- . Guindastes Grande Porte 07 un

- . Guindaste Médio Porte 04
- . Guindaste Pequeno Porte 33
- . Transportadores 65

EQUIPAMENTO TERRA E ROCHA

- . Tratores 78
- . Escavadeiras e Carregadeiras 49
- . Caminhão Fora de Estrada 93
- . Vagões sobre Pneus 32
- . Escavo-Carregadeiras (Loaders) 04

VILAS RESIDENCIAIS

VILA RESIDENCIAL PIONEIRA

- . Área de Implantação 135.425 m<sup>2</sup>
- . Residências 124 un
- . Habitantes 594 hab

CENTRO CÔMUNITÁRIO

- . Casa de Visitas 01 un
- . Clube Recreativo 01 un
- . Escola Maternal e Jardim de Infância 01 un
- . Grupo Escolar 01 un

VILA RESIDENCIAL PERMANENTE

- . Área de Implantação 2.832.000 m<sup>2</sup>
- . Área de Expansão 770.000 m<sup>2</sup>
- . Total de Residências 3.335 un
- . Total de Alojamentos 01 un
- . Total de Habitantes 16.075 hab

Centro -Comunitário

|  |       |
|--|-------|
| . Hotel HT-A                           | 01 un |
| . Hotel HT-B                           | 01 un |
| . Central Telefônica                   | 01 un |
| . Cine Teatro                          | 01 un |
| . Restaurante e Churrascaria           | 01 un |
| . Clube Recreativo e Esportivo         | 02 un |
| . Templo Ecumênico                     | 01 un |
| . Centro Comercial                     | 01 un |
| . Comércio Setorial                    | 05 un |
| . Estação Rodoviária                   | 01 un |
| . Administração de Vila Residencial    | 01 un |
| . Grupo Escolar 1º Grau                | 03 un |
| . Escola de 1º e 2º Graus              | 01 un |
| . Escola Maternal e Jardim de Infância | 05 un |
| . Supermercado                         | 01 un |
| . Hospital                             | 01 un |

VILA RESIDENCIAL TEMPORÁRIA I

|                        |                        |
|------------------------|------------------------|
| . Área de Implantação  | 710.000 m <sup>2</sup> |
| . Total de Residências | 1.168 un               |
| . Total de Alojamentos | 70 un                  |
| . Total de Habitantes  | 12.014 hab             |

Centro Comunitário

|  |       |
|--|-------|
| . Escola de 1º Grau                    | 01 un |
| . Escola Maternal e Jardim de Infância | 02 un |
| . Hospital                             | 01 un |
| . Centro Comercial                     | 01 un |
| . Supermercado                         | 01 un |
| . Cine Teatro                          | 01 un |



25

---

UHE - TUCURUI

|                      |       |
|----------------------|-------|
| . Corpo de Bombeiros | 01 un |
| . Cozinha Central    | 01 un |
| . Lavanderia         | 01 un |
| . Centro Esportivo   | 01 un |

VILA RESIDENCIAL TEMPORÁRIA II

|                        |                          |
|------------------------|--------------------------|
| . Área de Implantação  | 1.079.210 m <sup>2</sup> |
| . Total de Residências | 1.776 un                 |
| . Total de Alojamentos | 14 un                    |
| . Total de Habitantes  | 10.299 hab               |

Centro Comunitário

|  |       |
|--|-------|
| . Grupo Escolar                        | 01 un |
| . Escola Maternal e Jardim de Infância | 02 un |
| . Igreja                               | 01 un |
| . Supermercado                         | 01 un |
| . Administração e Ambulatório          | 01 un |
| . Centro Comercial                     | 01 un |

CENTRAL TERMELETRICA

Grupos Geradores:

Turbina a Gás:

|                         |         |
|-------------------------|---------|
| . Quantidade            | 02      |
| . Potência por Unidade  | 11,5 MW |
| . Potência por Conjunto | 23 MW   |

Grupos Diesel:

|                        |        |
|------------------------|--------|
| . Quantidade           | 08     |
| . Marca                | G.M.   |
| . Potência por Unidade | 2,5 MW |
| . Potência do Conjunto | 20 MW  |

. Potência Final 43 MW

DIVERSOS

PONTE ROLANTE DO PORTO FLUVIAL: FABRICANTE: ZANINI S/A:

|                        |        |
|------------------------|--------|
| . Quantidade           | 01     |
| . Tipo                 | Diesel |
| . Fabricante           | G.M.   |
| . Potência por Unidade | 2,5 MW |
| . Potência do Conjunto | 20 MW  |
| . Potência Final       | 43 MW  |

Caminho de Rolamento:

|                         |       |
|-------------------------|-------|
| . Distância entre Eixos | 15 m  |
| . Comprimento Total     | -29 m |
| . Capacidade            | 250 t |

SISTEMA DE TRANSMISSÃO ASSOCIADO

LINHAS DE TRANSMISSÃO

L. T. Tucuruí/Vila do Conde:

|                            |        |
|----------------------------|--------|
| . Tensão                   | 500 kV |
| . Número de Circuito       | 03     |
| . Comprimento por Circuito | 280 km |

L. T. Vila do Conde/Belém:

|                            |        |
|----------------------------|--------|
| . Tensão                   | 230 kV |
| . Número de Circuito       | 02     |
| . Comprimento por Circuito | 70 km  |

L. T. Tucuruí/Marabá/Imperatriz:

- . Tensão 500 kV
- . Número de Circuitos 02
- . Comprimento 383 km

SUBESTAÇÕES

Subestação Seccionadora Tucuruí:

- . Tipo do Arranjo Disjuntor e meio
- . Entrada de Linhas 06
- . Saída de Linhas 4 + (2 futuras)
- . Tensão 500/69/13,8 kV
- . Capacidade Instalada 150 MVA

Subestação de Marabá:

- . Tipo de Arranjo Disjuntor e meio
- . Entrada de Linhas 02
- . Saída de Linhas 02
- . Tensão 500/230/69 kV
- . Capacidade Instalada 493 MVA

Subestação de Vila do Conde:

- . Tipo de Arranjo Disjuntor e meio
- . Entrada de Linhas 02
- . Saída de Linhas 04
- . Tensão 500/230/69 kV
- . Capacidade Instalada 1853 MVA

Subestação de Guamá (Belém):

- . Tipo de Arranjo Barra dupla
- . Entrada de Linhas 04



UHE - TUCURUÍ

- . Saída de Linhas 02
- . Tensão 230/69 kV
- . Capacidade Instalada 300 MVA

Subestação de Utinga (Belém):

- . Tipo de Arranjo Barra Dupla
- . Entrada da Linhas 02
- . Saída de Linhas 02
- . Tensão 230/69 kV
- . Capacidade Instalada 300 MVA

Subestação de Miramar (Belém):

- . Tipo de Arranjo Barra Dupla
- . Entrada de Linhas 02
- . Saída de Linhas 02
- . Tensão 230/69 kV
- . Capacidade Instalada 150 MVA

COMISSÃO III

1.III - EDUCAÇÃO

- Aprendizado oral do Português.
- Transmissão de noção de novos valores.
- Educação para o consumo de bens industrializados.
- Educação Sanitária.
- Vigilância da área.
- Valor do dinheiro.

2.III - PARTICIPANTES

1. Antropóloga LUX VIDAL (Dirigente)
2. Antropóloga CECÍLIA V. HELM
3. Aux. Program. Educ. IDELVA N. KERN
4. Chefe P. I. Lontra FERNANDO
5. ANELISE NACKE

COMISSÃO IV

1.IV - SAÚDE

- Levantamento geral do estado de saúde do grupo.
- Discussão do Plano de Saúde Parakanã.
- Viabilização das ações de Saúde.
- Prática em medicina tradicional da tribo e ocidental.
- Educação sanitária - evitar exposição ao contágio na hora do banho (Malária).
- Reconhecimento da idoneidade da enfermeira.
- Serviços de saúde dos Postos Indígenas junto aos órgãos da saúde regionais (Posto de Notificação).
- Educação da equipe de campo.

2.IV - PARTICIPANTES

1. Professor EXPEDITO ARNAUD (Dirigente)
2. Médico Dr. LAURO
3. Médico Dr. RUY ST. CLAIRE
4. Enfermeira MARIA BARRETO
5. Enfermeira CÉLIA
6. Ajudante MARA LEAL



COMISSÃO V1.V - Recuperação

- Motivação para retomada das atividades básicas da comunidade (Apatia).
- Irreversibilidade do processo de aculturação.
- Não aceleração do referido processo.
- Busca da conciliação, adequação das duas culturas.
- Perfil profissiográfico da equipe de campo (treinamento para lidar com a problemática Parakanã - Agentes de Mudança).
- Tendências da sociedade envolvente.

2.V - Participantes

1. Major SANTANA (Dirigente)
2. Antropóloga LÚCIA HELENA
3. Antropólogo A.C. MAGALHÃES
4. Sertanista J. CARVALHO
5. Aux. Sertanista LUIZ MOREIRA

COMISSÃO I

1.I - RELOCAÇÃO DAS SEDES

- Presença de posseiros/invasores.
- Eleição de áreas para roças.
- Eleição de local para as moradias e instalações comunitárias.
- Eleição de local para as instalações de Unidades Administrativas e Assistencial.
- Desmatamentos - Plantio - Colheita.
- Acessos internos.
- Acessos para escoamento de produção.

2.I - PARTICIPANTES

1. Profª. SÍLVIO COELHO DOS SANTOS (Dirigente)
2. Engenheiro Agrônomo JOSÉ INÁCIO
3. Antropóloga SILVIA REGINA TAFURI
4. Bel. JOSÉ ORLANDO
5. Antropóloga HILDEGARD M. RICK
6. MARIANINHO - Aux. Sertanista
7. FERNANDO - Chefe P.I. Pucuruí
8. Topógrafo OSWALDO

COMISSÃO II

1.II - ECONOMIA

- Organização da produção de alimentos para a subsistência .
- Incremento à produção de alimentos tradicionais.
- Introdução de novas culturas para complementação da dieta alimentar.
- Aprimoramento das técnicas tradicionais de cultivo (para obter mais produtividade).
- Organização da produção e comercialização da castanha.
- Forma de produção (individual/coletiva).
- Forma de participação (pré-cooperativa/cooperativa).
- Forma de remuneração (em dinheiro).
- Acesso aos bens de consumo (pré-cooperativa).
- Estudo de demais produtos comercializáveis.

2.II - PARTICIPANTES

- 1.Engenheiro JOÃO BASÍLIO (Dirigente)
- 2.Eng.Agrônomo ALAOR
- 3.Economista BOTELHO
- 4.Sertanista FELIPE
- 5.Chefe P.I.Pucuruí JAZON



AGENDA PARA O DIA 16.

M A N H Ã

8:00 as 9:00 hs.-GETAT - Dr. João Batista.

9:15 as 11:00hs.-Universidade Federal de Santa Catarina

Dr. Silvio Coelho dos Santos

. Profa. Anelise Nacke

Profa. Cecília Vieira Helm.

11:15 as 12:00hs.- A disposição da Coordenação.

T A R D E

Das 14:00 as 18:30 hs.- PROBLEMÁTICA PARAKANÃ.

1.- João Carvalho - Sertanista.

2.- Antonio Carlos Magalhães-Museu Goeldi.

3.- Fernando Henrique Fernandez - Chefe do P.I. Parakanã.

4. -Jazon Lobo Neto - Chefe do P.I. Pucuruí.

5.- Lucia Helena Soares de Melo - Antrop.DGPC.  
Oswaldo Dumolin - Topografo DGPI.

6.- Hildegard Maria de Castro Rick - Antrop.DGPI.

- AGENDA PARA O DIA 17/12/80 -

M A N H Ã

-RELATOS-

- 08:00 hs às 08:30 hs - HILDEGARD MARIA DE CASTRO - Antropóloga D.G.P.C.
- 08:30 hs às 09:15 hs - JOÃO EVANGELISTA DE CARVALHO - Sertanista
- 09:30 hs às 10:15 hs - ANTONIO CARLOS MAGALHÃES - Antropólogo Museu Goeldi
- 10:30 hs às 11:15 hs - LÚCIA HELENA SOARES DE MELO - Antropóloga D.G.P.C.

T A R D E

-RELATOS-

- 14:00 hs às 14:30 hs - JAZON LOBO NETO - Chefe P.I.Pucuruí
- 14:30 hs às 15:00 hs - FERNANDO HENRIQUE FERNANDEZ - Chefe P.I.Parakanã
- 15:15 hs às 15:45 hs - CÉLIA
- 16:00 hs às 16:45 hs - Profª. EXPEDITO ARNAUD
- 17:00 hs às 17:45 hs - Profa. LUX BOELITZ VIDAL
- 18:00 hs às 18:30 hs - Distribuição Comissões

N O I T E

- 20:00 hs às 22:00 hs - Reunião preliminar Comissões
- 20:00 hs às 22:00 hs - Redação recomendações gerais sobre BARRAGENS (Universidade Federal de Santa Catarina)

E N C O N T R O . P A R A K A N Ã

MESA DIRETORA

|  | RAMAIS  |
|--|---------|
| Professor ZANONI                             | 26      |
| Socióloga DOLORES (Coordenadora)             | 43      |
| Economista BOTELHO (Secretaria)              | 40      |
| Agrônomo ALAOR (Auditório)                   | 40      |
| Enfermeira MARIA BARRETO (Assistente)        | 43      |
| Tradutor MARZAGÃO (Transporte/Facilidades)   | 51      |
| Administrador FILOMENO (Ligação ELETRONORTE) | 20 e 21 |
| Funcionária MARINA (Datilografia/Secretaria) | 20 e 21 |
| Funcionária OLINDA (Datilografia/Secretaria) | 20 e 21 |




SOBRE A QUESTÃO DE BARRAGENS

O aproveitamento do potencial energético das bacias fluviais do país, com vistas a propiciar fontes internas de energia, provocará consequências diretas e indiretas para as populações indígenas que se localizam nas áreas atingidas pela construção dos barramentos e consequente formação dos reservatórios.

As preocupações quanto a essas consequências já foram alvo de diversos estudos, reuniões e seminários, os quais destacaram:

- A) - Os direitos inalienáveis dos indígenas sobre as áreas que ocupam;
- B) - A conveniência de somente utilizar áreas indígenas quando não ocorrer outra opção;
- C) - A necessidade de considerar os efeitos diretos e indiretos a que estarão sujeitos os indígenas, a partir do momento em que se iniciam os estudos preliminares para a definição dos barramentos;
- D) - A necessidade de garantir às populações indígenas atingidas, indenização justa de seus prejuízos, tendo por base, primeiro o resguardo das terras que necessitam para sobreviver - indenização em terra - e pagamento das benfeitorias, bens naturais e custos sociais existentes e dos prejuízos indiretos, considerando a vontade e interesse da população indígena (Art.20 da Lei 6.001);
- E) - A necessidade de realizar estudos antropológicos junto às populações tribais atingidas pelos projetos de construção de barramentos objetivando detectar os prejuízos que sofrerão de ordem direta e indireta;
- F) - A necessidade de acompanhamento permanente do Projeto em implantação por equipe de antropólogos com o objetivo de detectar consequências não previstas nos estudos iniciais;
- G) - A conveniência de reivindicar condições para as populações tribais atingidas por Projetos de Hidrelétricas se tornarem participantes do empreendimento, através da outorga para o grupo indígena de uma alíquota sobre o potencial de energia gerada visando garantia de sobrevivência às futuras gerações;

  
 Fl.01

./.

No que se refere as responsabilidades que cometem à FUNAI em decorrência da implantação acelerada desses barramentos, e considerando o fato de tais construções estarem, no caso da Amazônia, relacionadas com a implantação de grandes complexos de mineração e agro-pecuária, destacamos a necessidade imediata de:

- A) - Articular em nível de FUNAI um grupo interdisciplinar destinado a considerar de modo permanente os diversos projetos de construção de barragens, que estão em andamento ou em vias de definição (em projeto), com vistas a garantir o resguardo dos interesses indígenas;
- B) - Assegurar o imediato estabelecimento de um protocolo de colaboração entre a FUNAI e a ELETRONORTE, referido no item anterior e, ao mesmo tempo, garantir recursos para promover definição de terras, a relocação, indenização e promoção de assistência aos índios;
- C) - Organizar imediatamente um GT interinstitucional destinado a articular as diversas instituições científicas e órgãos executivos, que têm competência ou necessidade de atuar nessa região, alvo breve de grandes mudanças sócio-econômicas, objetivando a articulação de objetivos e assegurando o resguardo das áreas indígenas, enquanto territórios necessários para sua sobrevivência.

No que diz respeito a questão específica dos Parakanã, atingidos pela Hidrelétrica de Tucuruí, recomendamos em conclusão:

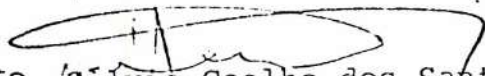
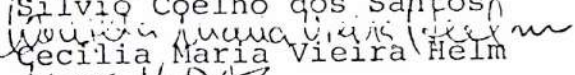
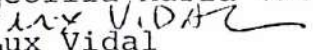
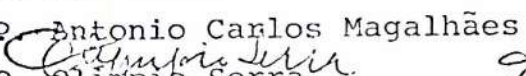
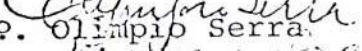
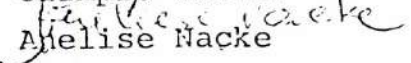
- A) - Que as instituições, INSTITUTO DE PESQUISAS EMÍLIO GOELDI, FUNAI, ELETRONORTE, GETAT, etc, organizem as suas ações através de convênio, acordo ou termo de referência, objetivando a execução dos preceitos legais que asseguram os direitos e resguardam os interesses Parakanã;
- B) - Que essas ações tenham projeção suficientemente inclusiva, abrangendo todas as etapas do trabalho desde as pesquisas necessárias até a plena superação dos problemas decorrentes da barragem;
- C) - Que a decisão a ser buscada de imediato seja a definição de novo território Parakanã; resguardando os direitos históricos que em qualquer oportunidade os Parakanã venham a reclamar;
- D) - Que no processo de localização das novas aldeias seja levada em consideração a vontade expressa dos índios - isto é, os do Pucuruí no igarapé Cajazeiras e, os do Lontra, no igarapé Murici - tal como foi repetidamente explicitado por antropólogos, indigenistas e sertanistas presentes a este Encontro;

*[Handwritten signature]*  
 P. 1.02



- E) - Que a eleição de área não incorra na redução da proposta de reserva formulada pelo Projeto Parakanã, em 1.978 .
- F) - Que se repitam encontros semelhantes ao que ora se encerra, buscando avaliar sucessivas etapas do projeto a ser elaborado pelas instituições que venham a integrar o convênio sugerido no item "A", acima referido;
- G) - Que a Associação Brasileira de Antropologia seja cientificada das medidas pertinentes aos trabalhos decorrentes da execução do convênio interinstitucional aqui sugerido.

Tucuruí -Pa, 18 de Dezembro de 1.980.

  
 Profº. Silvío Coelho dos Santos  
 Profª. Cecília Maria Vieira Helm   
 Profª. Lux Vidal   
 Profº. Antonio Carlos Magalhães   
 Profº. Olímpio Serra   
 Profª. Anelise Nacke 



SOBRE A QUESTÃO DE BARRAGENS

O aproveitamento do potencial energético das bacias fluviais do país, com vistas a propiciar fontes internas de energia, provocará consequências diretas e indiretas para as populações indígenas que se localizam nas áreas atingidas pela construção dos barramentos e consequente formação dos reservatórios.

As preocupações quanto a essas consequências já foram alvo de diversos estudos, reuniões e seminários, os quais destacaram:

- A) - Os direitos inalienáveis dos indígenas sobre as áreas que ocupam;
- B) - A conveniência de somente utilizar áreas indígenas quando não ocorrer outra opção;
- C) - A necessidade de considerar os efeitos diretos e indiretos a que estarão sujeitos os indígenas, a partir do momento em que se iniciam os estudos preliminares para a definição dos barramentos;
- D) - A necessidade de garantir às populações indígenas atingidas, indenização justa de seus prejuízos, tendo por base, primeiro o resguardo das terras que necessitam para sobreviver - indenização em terra - e pagamento das benfeitorias, bens naturais e custos sociais existentes e dos prejuízos indiretos, considerando a vontade e interesse da população indígena (Art. 20 da Lei 6.001);
- E) - A necessidade de realizar estudos antropológicos junto às populações tribais atingidas pelos projetos de construção de barramentos objetivando detectar os prejuízos que sofrerão de ordem direta e indireta;
- F) - A necessidade de acompanhamento permanente do Projeto em implantação por equipe de antropólogos com o objetivo de detectar consequências não previstas nos estudos iniciais;
- G) - A conveniência de reivindicar condições para as populações tribais atingidas por projetos de Hidrelétricas se tornarem participantes do empreendimento, através da outorga para o grupo indígena de uma alíquota sobre o potencial de energia gerada visando garantia de sobrevivência às futuras gerações;

  
11.01

2 -  
41  
.1.

No que se refere as responsabilidades que cometem à FUNAI em decorrência da implantação acelerada desses barramentos, e considerando o fato de tais construções estarem, no caso da Amazônia, relacionadas com a implantação de grandes complexos de mineração e agro-pecuária, destacamos a necessidade imediata de:

- A) - Articular em nível de FUNAI um grupo interdisciplinar destinado a considerar de modo permanente os diversos projetos de construção de barragens, que estão em andamento ou em vias de definição (em projeto), com vistas a garantir o resguardo dos interesses indígenas;
- B) - Assegurar o imediato estabelecimento de um protocolo de colaboração entre a FUNAI e a ELETRONORTE, referido no item anterior e, ao mesmo tempo, garantir recursos para promover definição de terras, a relocação, indenização e promoção de assistência aos índios;
- C) - Organizar imediatamente um GT interinstitucional destinado a articular as diversas instituições científicas e órgãos executivos, que têm competência ou necessidade de atuar nessa região, alvo breve de grandes mudanças sócio-econômicas, objetivando a articulação de objetivos e assegurando o resguardo das áreas indígenas, enquanto territórios necessários para sua sobrevivência.

No que diz respeito a questão específica dos Parakanã, atingidos pela Hidrelétrica de Tucuruí, recomendamos em conclusão:


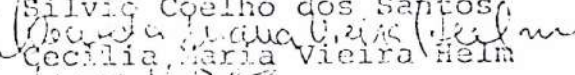
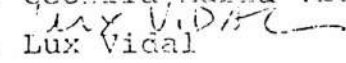
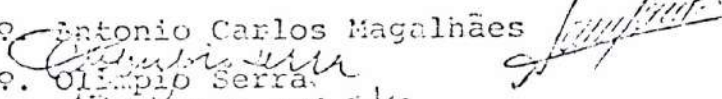
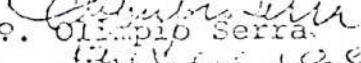
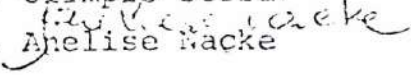
- A) - Que as instituições, INSTITUTO DE PESQUISAS EMÍLIO GOELDI, FUNAI, ELETRONORTE, GETAT, etc, organizem as suas ações através de convênio, acordo ou termo de referência, objetivando a execução dos preceitos legais que asseguram os direitos e resguardam os interesses Parakanã;
- B) - Que essas ações tenham projeção suficientemente inclusiva, abrangendo todas as etapas do trabalho desde as pesquisas necessárias até a plena superação dos problemas decorrentes da barragem;
- C) - Que a decisão a ser buscada de imediato seja a definição de novo território Parakanã; resguardando os direitos históricos que em qualquer oportunidade os Parakanã venham a reclamar;
- D) - Que no processo de localização das novas aldeias seja levada em consideração a vontade expressa dos índios - isto é, os do Pucuruí no igarapé Cajazeiras e, os de Lontra, no igarapé Murici - tal como foi repetidamente explicitado por antropólogos, indigenistas e sertanistas presentes a este Encontro;



1.

- E) - Que a eleição de área não incorra na redução da proposta de reserva formulada pelo Projeto Parakanã, em 1.978 . .
- F) - Que se repitam encontros semelhantes ao que ora se encerra, buscando avaliar sucessivas etapas do projeto a ser elaborado pelas instituições que venham a integrar o convênio sugerido no item "A", acima referido;
- G) - Que a Associação Brasileira de Antropologia seja cientificada das medidas pertinentes aos trabalhos decorrentes da execução do convênio interinstitucional aqui sugerido.

Tucuruí -Pa, 18 de Dezembro de 1.980.

  
 Profº. Silvío Coelho dos Santos  
  
 Profa. Cecília Maria Vieira Helm  
  
 Profa. Lux Vidal  
  
 Profº. Antonio Carlos Magalhães  
  
 Profº. Olímpio Serra  
  
 Profa. Anelise Macke



COMISSÃO I.

2.1 - Relocação das Sedes

A Comissão "Relocação das Sedes" decidiu recomendar os seguintes itens para orientar a promoção da relocação dos Grupos Parakanã:

- 1 - Considerar necessária a relocação dos grupos Parakanã em seu habitat tradicional.
- 2 - Considerar necessária localizar os grupos Parakanã separadamente, de acordo com os interesses de cada grupo e a partir de sua vontade. Sugerimos localizar os índios do Lontra no Igarapé Muruci e os do Pucurí no Igarapé Cajazeiras, tal como foi repetidamente explicitado por antropólogos, indigenistas e sertanistas presentes a esse encontro. Outrossim, sugerimos considerar a proposta feita pela ELETRONORTE, de incorporação a atual área indígena Pucuruí de terras que serão desapropriadas em função de interesse da empresa. A definição final deverá ser feita a partir de consulta aos índios.
- 3 - O que se refere ao detalhamento pertinente ao deslocamento das sedes o GT deverá realizar estudos específicos tendo em vista a impossibilidade de tomada de decisão com as informações ora disponíveis.
- 4 - Considerando as peculiaridades do solo amazônico, no que se refere a formação de roças, além de se ouvir os índios o GT deverá considerar o trabalho formulado pelo engenheiro

44

Agrônomo José Inácio Araujo Silva, representante da ELETRONORTE na presente Comissão e cujo trabalho fica incorporado as estas recomendações.

2.1 - PARTICIPANTES:

1. Profº SÍLVIO COELHO DOS SANTOS (Dirigente)
2. Engenheiro Agrônomo JOSÉ INÁCIO
3. Antropóloga SILVIA REGINA TAFURI
4. Bel. JOSÉ ORLANDO
5. Antropológa HILDEGART M. RICK
6. Aux. Sertanista MARIANINHO
7. Chefe P.I - <sup>Centro</sup> PUCURUI FERNANDO
8. Topógrafo OSVALDO DUMOULIN

45

COMISSÃO II - ECONOMIA

1 - Organização da Produção de Alimentos para a Subsistência

Produção de alimentos de origem vegetal e animal, atendendo os seguintes enfoques:

1.1 - Alimentos Tradicionalmente Utilizados:

1.1.1 - Grãos, raízes e tubérculos:

- Mandioca
- Macaxeira
- Cará
- Batata doce
- Milho duro
- Fava (feijão)
- Inhame
- Amendoim

1.1.2 - Frutíferas:

- Banana
- Laranja
- Limão
- Mamão
- Ananás
- Cupuaçu
- Açaí
- Bacaba
- Bacurí
- Castanha-do-Brasil
- Melancia
- Caju



1.1.3 - Animais domésticos:

- Galinha
- Pato
- Mutum
- Jacú
- Jacamim

1.2 - Alimentos com Possibilidades de Introdução Gradativa.

1.2.1 - Grãos, Raízes e Tubérculos:

- Arroz
- Feijão
- Abóbora
- Taioba

1.2.2 - Frutíferas:

- Pupunha
- Jaca
- Biribá
- Graviola
- Bacaba

1.2.3 - Animais domésticos (criatório).

- Jaboti
- Cateto
- Capivara
- Cotia
- Paca
- Anta

1.3 - Aprimoramento das Técnicas Tradicionais para Obtenção de maior Produtividade:

1.3.1 - Alimentos de origem vegetal:

Orientação técnico - agrônômica para seleção de

sementes, localização das culturas, metodologia de cultivo e sistema prático de produção do solo, garantindo desta forma uma adequada, permanência do empreendimento.

### 1.3.2 - Alimentos de origem animal

Estímulos através de orientação técnico - veterinária de criatórios de animais nativos e/ou exóticos, mais promissores para a região e mais adaptáveis aos hábitos alimentares da Comunidade Indígena.

## 2 - Organização da Produção e Comercialização de Produtos

Como uma primeira etapa, recomenda-se a coleta de castanha-do-Brasil, como fonte de aquisição de bens não produzidos pela Comunidade.

Os aviamentos desses serviços, realizados individual ou coletivamente, serão financiados através de generos de la, necessidades, pela Cantina Reembolsável, após comercialização dos produtos.

Cantina Reembolsável é um sistema Cooperativo, destinado a colocar bens de produção e de consumo à disposição da Comunidade Indígena, para o desenvolvimento dos programas de subsistência e econômicos. Ela representa portanto, a garantia de presença de mercados para os bens produzidos pela Comunidade, evitando os deslocamentos dos produtos e/ou o interesse destes, no contato com os atravessadores ou outros.

Os objetos de artesanato ou de outras fontes de produção, deverão sempre ser comercializados através da Cantina Reembolsável, como a forma de melhor acesso aos bens de produção e consumo, visando o processo educativo gradual e contínuo, do uso da moeda como elemento de troca.

### 3- CONCLUSÃO:

É possível que outros produtos possam ser recomendados para completar a dieta indígena, contudo acreditamos que a introdução dos hábitos de produção sustentada e de consumo dos aqui arrolados venha contribuir para melhorar as atuais condições de vida da Comunidade Indígena PARAKANÃ.

Os sistemas de produção e os produtos mencionados são de adaptação, condução, manutenção e comercialização bastante simples e de fácil assimilação por parte do índio.

A forma de comercialização proposta nos parece mais consetânea com as necessidades atuais dos indígenas, com vistas a uma garantia de permanência dos benefícios esperados pelos programas a serem desenvolvidos. Este sistema, além de atender as solicitações atuais, abre perspectivas bastante promissoras para o desenvolvimento dos programas de subsistência e de comercialização dos produtos.

#### PARTICIPANTES:

1. Engenheiro JOÃO BASÍLIO (Dirigente)
2. Eng. Agrônomo ALAÔR GRANGEON DE SIQUEIRA
3. Economista ANTÔNIO SEVERINO BOTELHO
4. Sertanista FELIPE ARAGÃO DA COSTA
5. Chefe P-I - Pucurúi JAZON LOBO NETO
6. Eng. Agrônomo GUIDO RANZANI



Educação está sendo entendida aqui como um processo global de preparação dos indivíduos para viverem em suas sociedades.

As sociedades indígenas como qualquer outra sociedade dispõem de mecanismos educativos próprios que empreendem esse mesmo processo. Assim um programa de educação imposto a partir da situação de contato deve levar em conta esta especificidade.

A própria situação de contato gera novas de interagir que exigem por sua vez a busca de soluções que permitam salvaguardar os processos tradicionais de educação proporcionando os meios de adaptação a realidade modificada pelo contato.

É preciso deixar claro que as peculiaridades decorrentes do contato exigem a capacitação das pessoas que irão atuar nas áreas indígenas, para que se sensibilizem e se tornem aptas ao desempenho dessa ação global.

Um programa de educação voltado para os Parakanã deve levar em conta:

- A) - Que se trata de um grupo recentemente contatado e que sofre as consequências geradas pela construção da rodovia Transamazônica e da Hidrelétrica de Tucuruí;
- B) - Que o grupo está dividido em dois aldeamentos com experiência diversa, vivenciando situações específicas;
- C) - Que o grupo é monolíngue;

Em vista dessas considerações, recomenda-se:

- 1) - Que se realize o mais rapidamente possível um Encontro de profissionais experimentados em Educação Indígena, para a elaboração do Programa de Educação dos Parakanã.
- 2) - Que imediatamente após esse Encontro se promova a capacitação de toda a equipe que irá atuar na área, para execução do programa acima referido;

Tucuruí-Pa, 18 de Dezembro de 1.980.

*Lux Vidal*  
Lux Vidal

*Idelva Nadir Kern*  
Idelva Nadir Kern

*Luiz Moreira Silva*  
Luiz Moreira Silva

*Cecília Maria Vieira Helm*  
Cecília Maria Vieira Helm

*Anelise Nacke*  
Anelise Nacke

*Olympio Serra*  
Olympio Serra

SUGESTÕES PARA A RECUPERAÇÃO DA COMUNIDADE INDÍGENA  
PARAKANÃ.

O grupo encarregado de discutir os aspectos concernentes a recuperação do grupo indígena em questão, após coligir dados obtidos no decorrer das reuniões do 1º Encontro Parakanã, sugere que sejam levadas em considerações as seguintes medidas:

- 1 - Desenvolvimento coerente do processo de remanejamento, de modo a assegurar a posse da terra o mais breve possível, não apenas devido ao imperativo representado pela Hidrelétrica de Tucuruí, mas também visando sustar o clima de instabilidade e concomitante ansiedade pelo qual passa a Comunidade indígena.
- 2 - Informar e solicitar a cooperação dos órgãos federais, estaduais e municipais que atuam nesta micro-região, sobre a escolha da área referente ao futuro remanejamento do grupo, no sentido de que os mesmos, sejam engajados juntamente com a FUNAI no decorrer do desenvolvimento do processo de demarcação da área indígena.
- 3 - Considerar pessoas que por força do tipo de relacionamento mantido com o grupo, criaram vínculos afetivos, os quais se acham inseridos dentro da categoria motivação. A fim de que a mesma seja reavivada, sugerimos que pessoas como o Sr. João de Carvalho, sertanista que contactou o grupo, seja engajado na operação remanejamento, por considerarmos ser de extrema importância sua atuação junto ao grupo.
- 4 - Não estímulo ao abandono das atividades tradicionais desenvolvidas pelo grupo.

- 5 - Desenvolvimento de um processo de aprendizagem referente a utilização de bens, que pertecem a nossa sociedade e já são de conhecimento do grupo, sem que no entanto haja a introdução de novos, caracterizando dessa maneira a aceleração das etapas relativas ao processo de aculturação.
- 6 - Evitar descontinuidade com relação a atuação da FUNAI em vários níveis para com o grupo.
- 7 - Concientização da realidade indígena por parte dos segmentos pertencentes a sociedade envolvente.
- 8 - Promover a orientação dos membros do Posto Indígena por meio de reuniões, publicações e transmissão de informações sobre a realidade indígena Parakanã, objetivando atualizar suas ações junto ao Grupo.

PARTICIPANTES:

- Airton Marques de Santana -MAJ. ENGº (Dirigente)
- Lúcia Helena Soares de Mello - ANTROPÓLOGA
- Antônio Carlos Magalhães - ANTROPÓLOGO
- João Evangelista de Carvalho - SERTANISTA

*[Handwritten signatures and notes]*  
1961



## A HIDRELÉTRICA

# TUCURUI URGENTE

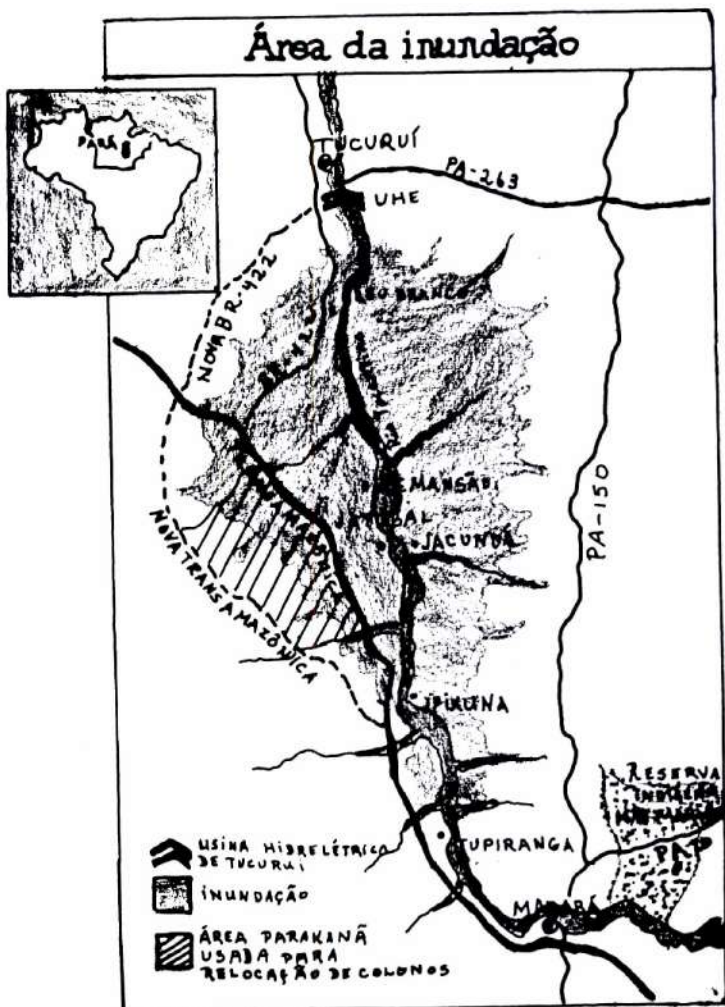
Em 1972, as Centrais Elétricas Brasileiras S.A./ELETROBRÁS retomaram os estudos dos recursos hídricos da Bacia do Tocantins realizados em 1964 pelo Bureau of Reclamation, e outros realizados, em 1968 e em 1972, pelo Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis/DNPVN, hoje Portobrás, e pelo Comitê Coordenador de Recursos Energéticos da Amazônia/ENERAM. Estes estudos visavam avaliar os recursos hidroenergéticos da Bacia do Rio Tocantins para atender aos empreendimentos eletro-metalúrgicos a serem implantados na região, à demanda da cidade de Belém, e possibilitar a interligação com o sistema da Companhia Hidroelétrica do Rio São Francisco/CHESF, no Nordeste.

Assim é que a ELETRONORTE foi criada em 1973 como subsidiária da Eletrobrás, recebendo desta a incumbência de dar continuidade aos estudos em andamento, mas, principalmente, selecionar um aproveitamento hidrelétrico no Baixo Tocantins e com o objetivo específico de atender a:

- ALUNORTE - extração de bauxita e sua transformação em alumina
- ALBRÁS - transformação de alumina em alumínio metálico
- Distrito Industrial de Barcarena
- Projeto Ferro-Carajás - inclusive a eletrificação da Estrada de Ferro - Carajás-Itaqui
- e, com o excedente de energia, atender a cidade de Belém e possíveis carências do Nordeste.

É, pois, com este objetivo que estão sendo inundados 246 mil ha. (v. mapa), o que significa dizer:

- 9 localidades pertencentes a 3 municípios diferentes (Tucuruí, Jacundá e Itupiranga)
- 2 Reservas Indígenas, a Reserva Parakanã e a Reserva Pucurí
- 250 km de rodovias, sendo 150 km da rodovia Transamazônica
- 13 garimpos de diamantes, uma ocorrência de ouro e calcário
- 13,4 milhões de metros cúbicos de madeiras nobres.



## OS EXPROPRIADOS



Na região amazônica a sudeste do Pará, está em fase final de construção, pelas Centrais Elétricas do Norte do Brasil S.A./ELETRONORTE; a Barragem e Usina Hidrelétrica de Tucuruí que transformará uma parte do Rio Tocantins no maior lago do Brasil em volume de água.

A Bacia do Rio Tocantins tem uma área aproximada de 767 mil Km<sup>2</sup> e abrange os estados de Goiás, Mato Grosso, Maranhão e Pará. O potencial energético explorável deste rio está estimado em aproximadamente 18 milhões de kw e deverá ser totalmente utilizado através de 6 barramentos dos quais Tucuruí é o último e concentra cerca de 40% deste potencial. A Usina Hidrelétrica de Tucuruí terá uma capacidade instalada de 3 milhões e 960 mil kw em sua primeira etapa, a qual deverá ter início em novembro de 1984; e 8 milhões de kw em sua segunda fase.

Sem mencionar os efeitos diretos e indiretos que a construção de tal obra vem provocando quer em relação ao desmatamento, para o qual se chegou a utilizar o trágico "agente laranja", quer em relação à flora e à fauna, quer em face dos riscos de salinização da água que abastece a cidade de Belém, são 4.000 famílias e uma nação indígena - Parakanã - compulsoriamente retiradas de suas terras.

Em 1975, a ELETRONORTE realiza o seu primeiro inventário de população a ser relocada - Estudos Sócio-Econômicos, Desapropriações e Relocações. A partir de então, apenas em 1978 é iniciado o cadastramento da população urbana e rural habitante à área de formação do reservatório, época em que esta Empresa anuncia que as indenizações a serem feitas a posteriori terão como base este cadastramento. Isto implicou em uma proibição à continuidade das plantações ou de qualquer outra atividade econômica que viesse a alterar aquele levantamento. A promessa, então, era de indenização e de reassentamento imediatos.





Sem plantar, em clima de tensão face a espera indefinida, às 4.000 famílias aguardaram até 1980, quando foram iniciadas as indenizações sendo que estas, que consideraram apenas as benfeitorias existentes, não levaram em conta os dois anos de trabalho não realizado. **TODOS PERDERAM AS SUAS TERRAS.**

Sem terra, com indenização irrisória, sem condições para mudança, em 1981 inicia-se, então, um processo de reivindicação junto à ELETRONORTE, onde não se exige nada além do que a reposição de sua condição de vida anterior:

- lote rural com 100ha com casa e poços
- estradas de acesso
- infra-estrutura nas áreas urbanas

Este era o mínimo exigido por quem teve de, sem consulta prévia, "ceder" suas terras, suas casas, suas plantações, vendo desorganizar-se a sua rede de vizinhança, suas tradições, enfim, seus mecanismos de sobrevivência física e cultural. Gente, diga-se de passagem, que, em sua maioria, acreditou no "futuro da Amazônia", nos Projetos de Colonização, e está a pelo menos 15 anos na área esperando as benesses da Transamazônica. Duas faraônicas obras traçam seu destino.



Vieram, em sua maior parte do Nordeste, em função da Transamazônica e saem por causa de Tucuruí. E mais, surpresos com a mudança total nos planos de governo em menos de cinco anos.

Frente à pressão organizada pelos expropriados a partir de 1982, a ELETRONORTE apenas reconstruiu as vilas urbanas, embora não lhes tenha proporcionado água ou pasmem, energia elétrica. E, no que se refere à população rural, chegou ao cúmulo de:

1. não realizar as benfeitorias existentes anteriormente nos lotes, como poço com água, desmatamento, estradas vicinais, etc.
2. não proporcionar condições de sobrevivência até a época da colheita.

E, o GETAT (Grupo Executivo de Terra do Araguaia-Tocantins), órgão encarregado do reassentamento:

- reduziu o módulo rural previsto no ESTATUTO DA TERRA para esta região de 100ha para sua metade, isto é, 50ha.
- reassentou a população em áreas sabidamente inundáveis.
- reassentou a população, nada menos do que 706 das famílias, na Reserva Indígena Parakanã.

Deste fato derive o impasse. A população rural expropriada não tem como reiniciar a sua atividade econômica normal, ou melhor, não tem ao menos onde se instalar. Neste momento, a maior parte não foi indenizada, outra parcela espera pela reposição das benfeitorias anteriormente existentes em seus lotes, outra parte teme a inundação de suas terras, e no que se refere à relocação em terra indígena, reconhecem o direito legal, líquido e justo, do povo Parakanã ao reivindicar o local de seu aldeamento anterior, como também a Demarcação da Área Parakanã eleita em 1978.

Os expropriados de Tucuruí mantêm-se unidos, em Assembléia Permanente, sendo que centenas de famílias encontram-se há 45 dias acampados na cidade de Tucuruí. Buscam apenas meios para continuar sobrevivendo. Ao mesmo tempo uma comissão de colonos e representantes indígenas tentam junto à ELETRONORTE, Ministério das Minas e Energia, GETAT, FUNAI e outros órgãos, em Brasília, providências urgentes. Resistem, e, principalmente, estão unidos — índios e não-índios — na defesa de que o "bem-comum" esteja paudado, de fato, no interesse do povo que constrói uma sociedade pluriétnica e democrática.

## OS PARAKANÃ

Os índios Parakanã pertencem a família lingüística Tupi e habitam tradicionalmente a região entre os Rios Tocantins e Xingú, mais precisamente às imediações dos Rios Cajazeiras, Pacajazinho, Bacuri, Pucuruí, Anapú. Em tempos mais recentes, isto é, desde os princípios deste século parte dos Parakanã estenderam a sua área de perambulação até os Rios Tapirapé, Bacajá, São José, Bom Jardim.

O primeiro grupo Parakanã foi contatado por funcionários da Fundação Nacional do Índio/FUNAI ao início da década de 70, mais propriamente em março de 1971, quando a Rodovia Transamazônica já atravessava o seu território de perambulação. Este grupo era composto, então, por cerca de 200 índios, dos quais apenas 92 conseguiram sobreviver logo após o primeiro ano de contato. Registrava-se aqui uma perda populacional de 54%. Em julho de 1971, a FUNAI estabeleceu a criação da Reserva Indígena Parakanã, através do Decreto n. 68.913, a qual foi demarcada em 1975 com um total de 189.681ha. Com isto, este órgão reduzia em muito a área tradicional destes Tupi, deixando de lado importantes pontos geográficos para a compreensão da ocupação sócio-espacial destes índios. A gripe e a malária, além da gonorréia, transmitida esta tanto por trabalhadores da Estrada os quais tinham livre acesso ao aldeamento Parakanã, como pelos próprios funcionários da FUNAI, fizeram com que a população indígena Parakanã fosse ainda mais reduzida no ano de 1972, caindo para 82 pessoas o seu efetivo populacional. Enquanto isto, a blenorragia deixara cegueira em oito pessoas, sendo uma bilateral.



Estabelecia-se, pois, com o contato destes Parakanã, uma das experiências mais trágicas do indigenismo brasileiro. Com o passar dos anos, e embora esta população Parakanã venha conseguindo se recuperar (somam hoje cerca de 138 índios), as ingerências externas determinadas principalmente pela criação de Projetos Econômicos do Estado, continuaram a persistir causando transferências e adiando até hoje o reconhecimento do território indígena. Assim é que, desde o contato até o ano de 1973, estes índios foram obrigados a mudar o local de seu aldeamento por três vezes, quando, então, foram levados para a margem direita do Igarapé Lontra. A aldeia Paranati, sede atual dos Parakanã, se constitui na 6a. transferência desde o 1o. contato com nossa sociedade. Entre 1976/1977 as frequentes idas até a Transamazônica contribuíram para que estes índios viessem a contrair uma nova epidemia — a de poliomielite —, a qual deixou sequelas em seis pessoas. Além disso, foram eles proibidos de enterrar os seus mortos no interior de suas casas, uma prática tradicional para alguns povos indígenas.





Em janeiro de 1976, uma outra parte do povo Parakanã foi contatada pela FUNAI às proximidades do Rio Anapú, após este órgão ter efetuado alguns contatos, nos anos de 1972 a 1974, na região do Rio Cajazeiras. A FUNAI, em sua 2a. Delegacia Regional, sediada em Belém, resolveu, então, transferir estes Parakanã do Rio Anapú, para as terras da Base Avançada de Pucuruí, local de apoio logístico às frentes de penetração do órgão. Permaneceram, pois, estes índios de outubro de 1976 a fevereiro de 1977 junto à sede daquela Base, em estreito contato com a população regional habitante à Vila de Pucuruí. Foram meses de intenso estado de depauperamento físico com gripe, malária, desintéria. Dos 40 Parakanã contatados no início de 1976 somente 29 chegaram àquela Base, com uma perda populacional na ordem de 27,7%. Em fevereiro de 1977, a FUNAI criou, então, a Reserva Indígena Pucuruí, para onde foram transferidos estes Parakanã e a qual se situava à margem esquerda do ramal de interligação entre a antiga Transamazônica e a cidade de Tucuruí (BR-422).

Ainda aqui o destino destes Parakanã não foi diferente do do grupo anterior. Transferidos do Rio Anapú, onde habitavam em área rica em caça, pesca, coleta, para a Reserva Pucuruí, um lugar onde tudo já era escasso, e doentes, estes índios não conseguiram, até o final daquele ano, reconstruir o seu aldeamento, residindo na própria sede do Posto Indígena. Ainda no final de 1977, a FUNAI autorizara a extinção da Base Avançada de Pucuruí, substituindo-a pela criação

de um Projeto Serraria Tucuruí/FUNAI, o qual tinha por objetivo extrair de ambas as Reservas Indígenas – a Parakanã e a Pucuruí – toda a madeira nobre, a fim de evitar a sua perda com a inundação pelo Reservatório da Barragem de Tucuruí. Retardando a sua ação junto à Reserva Parakanã para um período posterior, o Projeto Serraria centrou a sua atuação devastadora à Reserva Pucuruí.

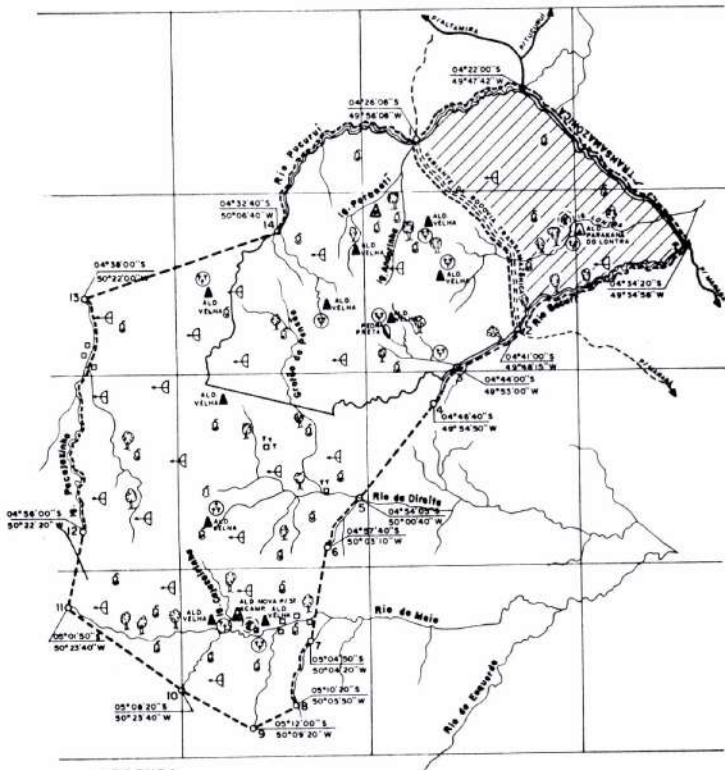
E devastador o foi não só na extração vegetal, com o desmatamento alcançando a menos de um quilômetro da aldeia Parakanã, mas também com os funcionários desse Projeto a adentrar os diminutos 23 mil ha. da Reserva Pucuruí e a rarear ainda mais a fauna e a flora local, reduzindo sobremaneira, a fonte alimentar destes índios. Era um tempo não só de transferências mal sucedidas e de doenças, mas também de fome. Ao início de 1978, quando já era pública, desde 1976, a construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí e que o lago a ser formado pelo seu reservatório viria a atingir a ambas as Reservas dos índios Parakanã, a FUNAI autorizara a criação de um projeto antropológico que assessorasse a uma nova transferência destes Tupi.

Foi, então, criado o Projeto Parakanã, em convênio estabelecido entre a FUNAI e a ELETRONORTE, que de seus quatro anos previstos de duração sobreviveu a apenas um. Foi, desta feita, possível realizar dois trabalhos importantes: eleger em conjunto com o Povo Parakanã um novo território para a Reserva Indígena destes índios, e reduzir a taxa de mortalidade deste povo. O ano de 1978 terminou com a eleição da nova Reserva Parakanã, a qual recuperou em parte o território que espelha a ocupação sócio-espacial deste povo, e que mantém como de seu interesse, a uma futura atividade de piscicultura, a parte inundável da Reserva Indígena Parakanã de 1975 (v. mapa). A eleição deste novo território está assentada em conformidade à Lei 6.001/73, que dispõe sobre o ESTATUTO DO ÍNDIO, tendo sido o



MINISTÉRIO DO INTERIOR

Fundação Nacional do Índio  
RESERVA INDÍGENA PARAKANÃ  
MUNICÍPIO DE ITUPIRANGA E JACUNDÁ - PA



LEGENDA

- RESERVA INDÍGENA PARAKANÃ  
Área aproximada: 318.000 ha  
Perímetro aproximado: 245 Km
- RESERVA INDÍGENA PARAKANÃ DEMARCADA EM 1975  
Área aproximada: 189.881 ha  
Perímetro aproximado: 248 Km
- ÁREA DE PISCICULTURA DOS PARAKANÃ (parte do reservatório demarcado em 75)  
Área aproximada: 84.000 ha  
Perímetro aproximado: 120 Km
- ALDEIA PARAKANÃ DO CONTRA
- ALDEAMENTO PARAKANÃ - IBI PARAKATÍ
- ALDEAMENTO PARAKANÃ - MANUQUEWANA

INCRA informado, em 1978, acerca de sua delimitação. No entanto, a própria FUNAI mantinha ainda interesses comerciais na extração vegetal em ambas as Reservas Indígenas – Parakanã e Pucuruí – ao extinguir o Projeto Serraria Tucuruí/FUNAI e a arrendar à CAPEMI Agropecuária estas áreas. A atuação tanto do Projeto Serraria da FUNAI, como da CAPEMI, se constituíram, de fato, em um desastre único, e os Parakanã jamais conseguiram obter qualquer forma de benefício com a extração de madeira em seus territórios.

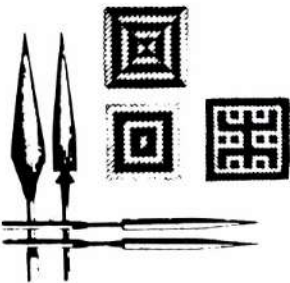
Em 1980, a FUNAI fez outro estudo, o qual não atendia às mínimas exigências legais para uma nova eleição territorial, tendo em seguida abandonado. Já em 1981, a 2a. Delegacia Regional da FUNAI, ainda que não abandonando em parte a proposta da área eleita em 1978 resolveu abdicar da parte inundável da Reserva Indígena Parakanã, (agora chamada Gleba Parakanã), demarcada em 1975, para o assentamento de parcela da população regional também expropriada pelo Reservatório de Tucuruí. Tal acordo jamais foi ratificado pela FUNAI em Brasília, sendo portanto, ilegal e inconstitucional. Entretanto, o GETAT e a ELETRONORTE acabaram por utilizar a Gleba Parakanã para o assentamento de 706 famílias. Tal fato sequer foi comunicado ao povo Parakanã, o qual exige este território.





# REIVINDICAÇÕES

Índios e não-índios expropriados exigem:



## PARA OS PARAKANÃ

- a demarcação imediata da Reserva Indígena Parakanã, conforme os limites propostos por este povo em 1978.

## PARA OS COLONOS

- lotes rurais de 100ha., com casa, poço com água, e desmatamento em áreas não inundáveis;
- abertura de estradas vicinais;
- titulação dos lotes urbanos e rurais, com as suas respectivas benfeitorias;
- energia elétrica e água para as vilas urbanas;
- pagamento de dois anos de perda da produção agrícola;
- retirada imediata das 706 famílias da Gleba Parakanã, fornecendo transporte, alimentação, hospedagem e atendimento médico;
- indenização das benfeitorias realizadas na Gleba Parakanã;
- reassentamento das 706 famílias na BR-422.



# A UNIÃO FAZ A FORÇA

COLABORE COM OS EXPROPRIADOS DE TUCURUI, ENVIANDO UM TELEGRAMA A:

- Presidência da República – Palácio do Planalto – Brasília, DF.
- Deputado Mário Juruna e Comissão do Índio – Câmarados Deputados – Brasília, DF
- Ministério do Interior – Ministro Mário Andreazza – Esplanada dos Ministérios – Brasília, DF.
- Ministério das Minas e Energia – Ministro César Cals – Esplanada dos Ministérios – Brasília, DF.
- Ministério Extraordinário de Assuntos Fundiários – MEAF – Ministro Danilo Venturini – Palácio do Planalto – Brasília, DF.
- Fundação Nacional do Índio – FUNAI – Presidente: Nelson Marabuto – CIA Trecho 4 – Lote 750 – Brasília, DF
- ELETROBRÁS – FAN – Ed. Petrobrás - 4o. andar – Brasília - DF. e deputados do seu Estado.

### SUGESTÃO DE TEXTO PARA O TELEGRAMA

“Indignado com a relocação da Área Reservatório Usina Tucuruí/Pará exijo sua providência urgente no sentido de atender às reivindicações dos expropriados e, inclusive, a Demarcação da Reserva Indígena Parakanã, conforme limites 1978.”



CIMI Norte II – CPT Norte II – CONTAG  
Cx. P. 1454 – 66.000 – Belém – Pará  
Outubro, 1984



TUCURUI: EXPROPRIADOS X ELETRONORTE

Raimundo Gomez da Cruz Neto \*

MARABÁ

---

Em nome do desenvolvimento e em busca da implantação do processo de entreguismo dos recursos naturais renováveis e não renováveis da Amazônia, o "governo" brasileiro tem dado aval a grandes grupos nacionais e internacionais a promoverem de maneira opressiva, verdadeira mutilação de populações inteiras de povos indígenas e de pequenos agricultores amazônidas precedentes de várias gerações, o que tem tornado várias regiões num palco de contrastes, conflitos pela posse da terra e de transformação de vida cabocla, mansa e fácil, em estado de tensão e miséria.

Com a construção da Hidrelétrica de Tucuruí, que teve sua data de inauguração marcada para 22 de novembro último, desde 1977 a Eletronorte vem convocando os moradores ribeirinhos e não ribeirinhos, mas que serão afetados com a formação do grande lago de 2.430 km<sup>2</sup>, bem maior que o lago de Itaipu a participar de um episódio que, por menos cruel que seja, deixará um número significativo de vítimas e sequelas que jamais deixarão de ser reconhecidas, pela ferocidade da opressão que as formou.

São em torno de 4.000 famílias moradoras de 22 vilas, povoados, loteamentos rurais e ao longo de rodovias federais. A Transamazônica foi construída por este mesmo "governo" que perdura desde 64 e que resolveu colocar sob as águas um trecho de mais de 150 km, levando ao estado de miséria os colonos que ali foram assentados pelo INCRA nos anos 73 e 74, na ilusão de que poderiam construir seus futuros; agora terão a triste sorte, já traçada nos gabinetes refrigerados, de serem assentados em outras terras para começar tudo de novo, até que saia sob suas cabeças um novo "projeto". Ficarão ainda sob as águas 13 garimpos de diamante, uma ocorrência de ouro e calcário 13,4 milhões de metros cúbicos de madeiras nobres, três reservas indígenas - Parakanã, Tucuruí e área Gavião da Montanha -, além da força de trabalho acumulada à terra por várias gerações e as tradições do povo da região, que sequer foram levadas, em algum momento, em consideração.



## A DESAPROPRIAÇÃO

A partir de 1976 a Eletronorte formou equipes de técnicos para realizar o cadastramento das benfeitorias existentes na área de formação do grande lago e avisar aos ocupantes e proprietários que, a partir do momento que fosse concluído o levantamento na referida ocupação ou propriedade, o ocupante ou proprietário não teria mais o direito de efetuar qualquer tipo de melhoria na área, pois a partir daquele instante a área passaria a ser de "interesse da Eletronorte" e que, posteriormente, as pessoas seriam indenizadas. Durante este trabalho era feito o "acompanhamento social", que era de criar ilusões em cima do que as pessoas iriam receber como indenizações. Colocações de um fiscal da empresa, Roberto: "nada dona Maria, não é isso não, olha, só o dinheiro da indenização que vai prá vocês, vai dá pra comprar uma casa boa dentro da cidade e vai dar de educar os filhos de vocês, o resto da vida vocês vão ficar comendo deste dinheiro".

Estas indenizações eram calculadas com o auxílio de tabelas de preços elaboradas por técnicos do Estado: Dr. José Maria Conduru (do Ministério da Agricultura), Dr. Eurico Pinheiro (Prof. da Faculdade de Ciências Agrárias do Pará), Dr. Ítalo Falesi (na época Secretário de Agricultura do Estado) e Dr. Walmir Hugo dos Santos (na época Delegado do Ministério da Agricultura no Estado do Pará); era a demonstração do Estado como mediador e muitas vezes agente ativo no processo de espoliação do povo da região.

Vejamos a tabela de preços para laranjeiras em vigor em 26.09.82, segundo o jornal "A Provincia do Pará": até 01 ano, Cr\$ .. 123,00; 1 a 2 anos, Cr\$ 174,84; de 2 a 3 anos, Cr\$ 247,88; de 3 a 4 anos, Cr\$ 364,24; de 4 a 6 anos, Cr\$ 509,94 e de 6 a 8 anos, Cr\$ ... 728,00. Pelo preço pago a uma laranjeira de 6 a 8 anos, em franca produção (em média de 1.500 laranjas) dava direito a comprar apenas 15 laranjas na cidade de Tucuruí. Daí a necessidade de uma revisão de todo o processo utilizado para avaliação das benfeitorias dos agricultores expropriados.

O processo de expropriação era feito sob um estado repressivo, com abuso de poder, pelo Grupo Executivo de Terras do Araguaia Tocantins - GETAT, ligado diretamente à Secretaria Geral do Conselho de Segurança Nacional-SG/CSN, Unidade Executiva de Tucuruí, que tinha na sua direção o Médico Veterinário João Batista Gomes, o que nos é mostrado por um termo de embargo dirigido por este executor ao Sr. Otacílio Nunes Ferreira, de 12.08.81. Teor do termo de embargo: "Esclarecemos que a situação de V.Sa., ora EMBARGADO será ESTUDA



DA COM ATENÇÃO PELO GETAT, objetivando caso V.Sa. MEREÇA, a DESTINAÇÃO DE UM LOTE DE TERRA na área de jurisdição do GETAT" (grifo nosso). "O não atendimento a esta determinação, implicará na tomada de medidas mais enérgicas por parte do GETAT". A área do embargo trata-se de um Lote 06, Gleba 40 localizado na Transamazônica, km 140, que foi entregue ao colono no início dos anos 70, quando do início do falido projeto de colonização proposto pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária-INCRA.

Os expropriados eram proibidos de plantar nas suas áreas após o levantamento feito pela empresa e os embargos feitos pelo GETAT, muitas vezes negados, mas confirmados pelo teor de seus documentos na época, contrariando o que a Eletronorte diz hoje; vejamos o teor de um embargo: "Através do presente, fica V.Sa. cientificado da PROIBIÇÃO imposta pelo GETAT no sentido de se efetuar serviços de ROÇADA, BROQUE, DERRUBADA, ou ABERTURA DE PICADAS nesta ÁREA DE PROPRIEDADE DO GOVERNO FEDERAL".

#### O REMANEJAMENTO

A partir de 1979 iniciaram os primeiros remanejamentos, atingindo os moradores da "estrada da Funai", acesso à reserva Parakanã, Remansão, Breu Branco, estrada de ferro Tocantins e adjacências. Durante o processo de remanejamento não eram levados em consideração as peculiaridades dos locais onde as pessoas residiam nem dos locais para onde seriam enxotados, o que levou muitas pessoas a perder tudo o que tinham, até a noção de existência, diante de enormes contradições em relação às adversidades dos locais. Como cita dona Maria de Nazaré, remanejada do Remansão para o loteamento do rio Moju: "Aqui tudo-quanto é difícil, é coisa que nunca me dei bem, a terra não é boa ... aqui trabalha a morrer e nada tem... a água, falta é morrer puxando água do poço... lá tinha muita água, era beira de brejo, beira do Tocantins, açazal, muito peixe, tudo em quanto".

As pessoas eram obrigadas a deixar suas localidades com casa, pastagens, sítios, estradas, transportes na porta, terras boas para plantar e escolas, além das tradições religiosas e comunitárias, mantidas por várias gerações, para ocupar terras de matas virgens, sem ter sequer abertura para fazer uma casa. Os técnicos da empresa prometiam às pessoas que tudo lhes seria dado na área para onde seriam colocados: casa, estrada, transporte e nove meses de ajuda em alimentos. Na verdade ocorria o contrário. Outras famílias foram colocadas em cima de caminhões, um ato característico de sequestro, porque não sabiam para onde iam; quando chegavam ao local onde seria o seu novo habitat eram despejadas, para o reinício de uma nova vida de luta e mi-



séria.

Muitas famílias tiveram que ver suas criações morrer ou que se desfazer delas por não ter como sustentá-las, como explica o Sr. Edimar, remanejado para o Moju: "... eles falaram de cara, se eu não sáisse eles me jogavam fora ... fui obrigado acabar o que tinha jogando fora criação de bode, porco, galinha, pato e gado... Aqui na terra que eles deram, deram a mata virgem, não tinha um pau derrubado, o 'qadim' que nós tinha, 'joquemo' no pasto dos outro, nos vimo obrigado a sair de dentro do lote prá se empregar fora, prá poder passar e criar nossa criancinha que tá aí".

Neste "Loteamento rio Moju" muitas famílias desistiram por não terem condições de enfrentar as dificuldades e preferiram tentar uma outra vida, mesmo que longe da roça. Outros permanecem até hoje por se acharem com a idade demais avançada para enfrentar as dificuldades de 'desbravador de matas', como narra dona Ana Alves, de 65 anos: "... o homem tá velho, cansado, se eu tô baquiada, ele ainda tá muito mais, mas ele diz que não sai mais daqui, diz que não tem mais força de 'alimpar' mato como nós viemos prá cá, entrar numa mata braba aí e 'amansar' mata, ele diz que não tem mais força prá isso, ele diz que não vai mais andar não". E assim são vários casos de pessoas que foram remanejadas com idade variando de 50 a 70 anos, para áreas onde só têm conseguido produzir, com muita dificuldade, a mandioca para o fabrico de farinha, que não garante o sustento da família.

A grande desistência dos remanejados do Loteamento rio Moju - por falta de estradas vicinais em condições de tráfego durante o ano inteiro, por não terem recebido a madeira prometida para construção de casas, por não haver água na maioria dos lotes e a terra não oferecer condições ao cultivo das lavouras - desencadeou uma luta por parte dos expropriados por outras áreas para relocalações. Conseguiram as glebas Parakanã, Para-Rural, Tocantins e Baiana, todas sob jurisdição do GETAT, Unidade Executiva de Tucuruí, nos municípios de Tucuruí e Jacundá. Estas glebas só diferenciavam daquelas do Loteamento rio Moju quanto à qualidade do solo; ali também não haviam sido executados trabalhos de infra-estrutura e apresentava-se um alto índice de insalubridade.

Os lotes entregues foram áreas equivalentes a 50 hectares, contrariando a classificação da Tabela III da IE-INCRA nº 5/73 que designa como Módulo Rural da Região, para imóveis com exploração não definida, área de 100 hectares, áreas que, "direta e pessoalmente exploradas pelo agricultor e sua família, lhes absorva toda a força de trabalho, garantindo-lhes a subsistência e o progresso social e econômico. (Conceito fixado pelo Estatuto da Terra, Lei nº 4.504, art. 4º, II e III). A reivindicação para que fosse cumprida a legislação, nunca



teve êxito junto ao GETAT, mas continua na pauta de discussão.

Foram construídos cinco núcleos urbanos - Novo Repartimento, Novo Breu, Nova Jacundá (com 115 casas), Cajazeiras (com 75 casas) e na sede de Itupiranga (75 casas); em nenhum destes núcleos foram concluídos os trabalhos de infra-estrutura, apesar das casas disporem de instalações elétricas e hidráulicas que, na sua maioria, serão obstruídas pelas construções do "joão de barro".

#### A SITUAÇÃO ATUAL

Na ZONA RURAL os problemas enfrentados pelos expropriados são dos mais diversos. As vicinais abertas pela empresa ficaram todas intransitáveis após o 'inverno' deste ano. A BR-230 (Transamazônica), que dá acesso às glebas Parakanã, Baiana e Para-Rural, ficou durante quatro meses sem condições de tráfego; o que também ocorreu com a PA-150, principal rodovia pela margem direta do rio Tocantins, impossibilitando a entrada de gêneros de primeira necessidade, (sal, açúcar e café ...) e o escoamento da produção dos agricultores. Nas glebas Parakanã e Baiana pessoas afetadas por malária chegaram a perder a vida pela impossibilidade de serem deslocadas à procura de tratamento.

Para os meses mais chuvosos do início do ano prevê-se situações mais sérias, pois além de não poder contar com as estradas que já se encontram em estado de calamidade, em pleno mês de novembro, a barragem de Tucuruí tornou o Rio Tocantins não navegável. E a não construção das eclusas deixou os moradores da região em verdadeiro estado de cativoiro.

O atendimento médico em toda esta região fica nas sedes dos municípios, em péssimas condições de atendimento e sem capacidade para atender a toda comunidade carente, tendo as pessoas que recorrer às farmácias das vilas e povoados ou aos recursos da flora medicinal, para conseguirem resistir às doenças costumeiras e as que virão com o ataque de pragas que já se mostra significativa com a formação do grande lago.

Na área da educação, estava dentro dos planos do autoritarismo "crescer ignorante e dependente para não questionar os males da ditadura". Nos loteamentos, não foram construídas escolas para os filhos dos remanejados, que representam uma população em idade escolar bastante numerosa. Foram construídas apenas nos Núcleos Urbanos.

É grande o número de pessoas que ainda não recebeu terra para trabalhar e casa para morar e leva uma vida sub-humana nas periferias das cidades de Tucuruí, Marabá, Itupiranga e Jacundá. Muitos



deles caíram no golpe que a empresa preparou para que eles desistissem dos seus direitos por mais uma migalha chamada de indenização. Na época do remanejamento, a empresa oferecia a casa na vila de Jacundã e o lote rural na gleba Baiana a uma distância de 270 Km um do outro, tendo ainda que atravessar o rio Tocantins. Diante dessa situação a pessoa se via sem condições e desistia de um ou de outro e, às vezes, de tão chateado, dos dois. Vitória para a empresa que ia se ver livre dos compromissos.

Os remanejados para o Loteamento rio Moju vivem um estado de indefinição. O solo é improdutivo e nem todos os poços foram abertos (muitos já secaram); muitos não receberam o material para construir a casa ou não têm condições de construir. Os que têm os lotes atravessados pelas linhas de transmissão perderam 10 hectares dos 50 que tinham recebido, considerados área de servidão pública, que só pode ser usada pela empresa. A maioria não recebeu título definitivo e nem demarcados foram os lotes. Os atingidos pelos agrotóxicos usados ao longo da linha de transmissão pela AGROMAX - sub-empresiteira da Eletronorte - até agora não tiveram seus recursos encaminhados à justiça por falta de condições financeiras.

As 706 famílias que foram assentadas na gleba Parakanã estão com os seus destinos incertos por mais uma vez. Os índios Parakanã querem sua área mas nem a Eletronorte, nem o GETAT se definem. As famílias querem ser colocadas em outras áreas e desocupar a dos índios, por entenderem que a culpa é, exclusivamente, do GETAT, que só tem aumentado o estado de tensão na região, colocando-se sempre do lado dos grandes proprietários, deixando os lavradores em estado de desespero e cada dia mais miseráveis, vítimas do processo de expulsão de suas terras para ocupação pelas patas do boi.

Nas vilas urbanas as casas foram construídas em madeira, todas no mesmo padrão, com cinco compartimentos - pequenos espaços - contrariando a arquitetura do homem da roça, que possui suas casas de taipa, coberta de palha ou cavaco. A água é fornecida por carro pipa que passa enchendo os tambores expostos ao ar livre, escuros de ferrugem, passíveis de todo tipo de contaminação.

A cidade de Tucuruí, conhecida nos outros tempos pela tranquilidade e movimentos dos barqueiros e ferroviários, tornou-se uma cidade insegura, apresentando grande explosão demográfica e sem infraestrutura básica para acompanhar tal crescimento. Conhecida hoje como "cidade do lixo" diante da cidade construída pela Eletronorte, "Vila Permanente" para os técnicos servidores da empresa.

A água fornecida pelos serviços da Companhia de Saneamento do Pará - COSANPA - é suspeita por sua coloração e a presença de



partículas estranhas, o que leva os moradores de melhores condições financeiras a comprarem água de fontes fidedignas a Cr\$30 por litro (out. 84).

A zona boêmia, conhecida como "Corre Água", no período de 79 a 81, teve um crescimento muito grande em relação ao número de casas de mulheres. Relata dona Olindina, proprietária de uma das casas: "funcionários da Camargo Corrêa davam 'nó cego' para serem despedidos, e com o dinheiro da indenização abriam casas de mulheres. Hoje", prossegue, "destas pessoas não existe nenhuma no local, todas fracassaram e foram embora; mesmo assim ainda existem em torno de 350 casas do ramo."

#### AS LUTAS

O pouco que as 4.000 famílias de expropriados conseguiram é fruto de um duro trabalho desenvolvido por uma comissão de expropriados, que há seis anos vem enfrentando as mais sérias discussões com a Eletronorte, mostrando uma resistência às atitudes repressivas da empresa que, junto com o GETAT, polícia federal, polícia militar e outros organismos do governo procuram proibir que eles lutem por seus direitos.

Essa comissão, com apoio da Igreja, CPT, parlamentares com prometidos com as lutas populares e entidades democráticas, conseguiu, por várias vezes, fazer a direção da Eletronorte sentar à mesa de negociação e se comprometer a atender às reivindicações dos expropriados, apesar de muitas vezes ter ficado apenas no papel e a empresa não cumprir.

Hoje, a comissão conta com a força do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tucuruí, que até julho deste ano estava sob o controle da Eletronorte e do prefeito de Tucuruí, Claudio Furman, militante do Partido Democrático Social - PDS - e comprometido com todas as manobras do regime ditatorial.

Foram realizados dois acampamentos no pátio externo dos escritórios do Serviço de Patrimônio Imobiliário - SPI - da empresa, em Tucuruí. O primeiro foi de 09 a 11.09.84, com 400 pessoas e o segundo, de 09 a 24.04.84, com 2.000 pessoas. Em ambos, o objetivo era alcançar respostas às reivindicações de terra por terra, com lotes de 100 hectares, casa por casa, vila por vila, revisão das indenizações e recuperação dos prejuízos. Nos dias 23 de junho, 02 de julho e 22 de julho foram realizados atos públicos em Cametá, Belém e Tucuruí, envolvendo várias entidades e parlamentares no intuito de retardar o fe

chamento das comportas da barragem.

No dia 07 de setembro p.p., os expropriados iniciaram um acampamento na Vila de Novo Repartimento, chegando a reunir 2.000 pessoas. Depois de vários dias acampados, sem que a empresa se posicionasse, resolveram levantar o acampamento e seguiram para Tucuruí. Tiveram uma grande luta contra a Polícia Militar do Estado que fazia barreiras na estrada que liga Novo Repartimento à sede de Tucuruí. Conseguiram passar e estão acampados em Tucuruí enquanto o Sindicato e a Comissão tentam negociar com a empresa as reivindicações básicas: a situação dos assentados na gleba Parakanã e a indenização pelo tempo proibido de plantar.

Até quando irá esta luta é imprevisível, mas sabe-se que a energia de Tucuruí já está sendo produzida e brevemente entrarão em funcionamento os complexos Albrás/Alunorte, empresa nipo-brasileira, em Barcarena e a ALCOA, empresa transnacional, em São Luís do Maranhão.

- 
- \* Engenheiro Agrônomo da Secretaria de Estado de Agricultura do Pará
  - \* do Centro de Educação Pesquisa e Assessoria Sindical e Popular - Marabá-PA.



# Parakanã, terra e barragem

CEDI - P. I. B.  
DATA 04/93  
COD. PKD 00085

Recebido para publicação em 5/12/1979

CAIO LUSTOSA, Associação Nacional de Apoio ao Índio, Anáí-RS.

"O represamento das águas do rio Tocantins para a construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí, a 300 quilômetros ao sul de Belém (Pará), inundará uma área de aproximadamente 216.000 hectares, atingindo grande parte da região habitada pelos índios Parakanã. Equipe orientada por antropólogos da FUNAI já se encontra em trabalho de esclarecimento junto às lideranças tribais sobre a necessidade de sua transferência."

(*Atualidade Indígena*, 12 ano II, set/out. 78.)

## INTRODUÇÃO

O arrebatamento das terras às populações silvícolas pela sociedade dominante não é novidade, sim um processo de há cinco séculos. Apenas as motivações variam, assim como a estratégia. E, paralelamente, suscitam, dos engajados na luta em defesa do índio, alternativas de atuação, na angustiosa tentativa de, pela denúncia, senão coibir, ao menos caracterizar a violência, minorá-la e impedir sua reiteração.

No plano jurídico — e face ao dispositivo da Constituição Federal (art. 198), que assegura aos índios, sobre as terras por eles ocupadas a "sua posse permanente e ficando reconhecido o seu direito ao usufruto exclusivo das riquezas naturais e de todas as riquezas nelas existentes" —, é de indagar-se do alcance efetivo dessa norma básica. Da legitimidade do arrebatamento das terras constitucionalmente outorgadas às populações tribais. Das possibilidades de resguardar o direito violado.

## O ÍNDIO E SEUS BENS

Desde o direito canônico, no século XVI, através de um breve de Paulo III (1537) e de uma bula de Urbano VIII (1539), os índios já eram considerados "verdadeiros homens, capazes da fé cristã, com direito à liberdade e domínio de seus bens mesmo se não estivessem convertidos" (Arnaud, p. 1). Sua capacidade de direito é uma constante nos ordenamentos jurídicos das fases colonial, imperial e republicana.

Ainda que, e os fatos nos revelam, apenas no plano formal, eis que, como observa Darcy Ribeiro, "o direito do índio à terra em que vive, embora amparado por copiosa legislação que data dos tempos coloniais, jamais se pode impor

de fato. Ainda hoje continua impreciso, dando lugar a perturbações de toda ordem, sob os mais variados pretextos ou mesmo sem eles". (*Os índios e a civilização*, pág. 197-8).

Para ficarmos apenas na fase republicana, observamos que a Constituição de 1891 omitiu qualquer alusão à titularidade das terras indígenas, rejeitado que foi o anteprojeto de Teixeira Mendes postulando a instituição de "estados indígenas confederados" e, portanto, detentores do mais pleno domínio territorial. Em 1911, o regulamento do SPI (Decreto n.º 9.214, de 15/12/1911) limitou-se a garantir a "plenitude da posse dos territórios ocupados pelos índios" (art. 9.º), ao mesmo tempo em que autorizava (art. 20) a passar para a União as terras devolutas dos Estados naquela condição. Nas Cartas de 1934, de 1937 e de 1946, consagrava-se definitivamente o princípio de respeito à posse dos índios sobre as terras em que se achassem permanentemente localizados, bem como — e é importante frisar — o de sua *inalienabilidade*.

O vigente texto constitucional proclama o domínio da União (art. 4.º) sobre "as terras ocupadas pelos silvícolas", conferindo-lhes a "posse permanente" e reconhecendo-lhes o "direito ao usufruto exclusivo das riquezas naturais e de todas as utilidades nelas existentes". Deixou para a lei ordinária regular a inalienabilidade da terra indígena, o que só veio a ocorrer com o advento do Estatuto do Índio (Lei n.º 6.001/73).

## A TERRA NO ESTATUTO

Na sistemática do Estatuto, as terras indígenas foram classificadas em "terras ocupadas" e "áreas reservadas" — ambas integrantes do domínio da União, bens públicos de uso



especial e inalienáveis. Além de uma terceira categoria: "as terras de domínio das comunidades indígenas ou silvícolas", das quais estes são titulares do domínio pleno. (Cf. cap. 30, título III e art. 17, I a III, da Lei n.º 6.001/73).

Explicitamente, no parágrafo único do art. 26, o Estatuto proclamou que "as áreas reservadas na forma deste artigo *não se confundem com as de posse imemorial das tribos indígenas*".

Na ausência de qualquer interpretação jurisprudencial dessas normas — eis que até agora se desconhece qualquer manifestação concreta dos tribunais brasileiros sobre a matéria —, forçoso é nos socorrermos da doutrina que, por igual, atém-se a comentar a regra constitucional.

Segundo Pontes de Miranda, a posse dos índios, quanto às "terras ocupadas" é posse imediata (direta) e imprópria, não a título de proprietário. O silvícola é usufrutuário, com posse imediata de usufrutuário. No texto de 1967 não se alude à intransferibilidade; mas o usufruto, conforme os princípios do sistema jurídico brasileiro, é intransferível. O silvícola não o pode transferir, salvo se ao proprietário das terras, se tal propriedade consta do registro anterior e se o silvícola já tem capacidade civil para dispor dos bens. Há a transmissão à causa da morte. A transmissão entre vivos a filhos ou outros parentes é a título precário. O usufruto é pleno, compreende o uso e a fruição, quer se trate de minerais, de vegetais ou de animais. (Autor cit. — *Comentários à Constituição de 1967*, pág. 456-7, Ed. RT, 1967.)

Duas observações impõem-se, aqui: a primeira, de que, ulteriormente, conforme já se frisou, o Estatuto veio tornar inalienáveis as terras "ocupadas" pelos indígenas. A segunda (de suma importância, a nosso ver, no caso dos Parakanã), de que, dada a posse imemorial deles sobre a área circundante a Tucuruí, tenha se consumado em seu prol, a *prescrição aquisitiva, o usucapião*. Essa possibilidade é admitida por aquele jurista (ob. e loc. cit.). Trata-se, apenas, de matéria de fato, facilmente comprovável através de estudos etnográficos e etnológicos.

Nem se poderia alegar, em contrário, que as "terras ocupadas", em sendo bens da União, são inusucapiáveis, segundo entendimento do Supremo Tribunal Federal. Isso porque tal impedimento é só a partir do Código Civil, do ano de 1916. E a *posse dos Parakanã afigura-se imemorial, mais que centenária, na região*.

De outra parte, não incide, para barrar-lhes a pretensão, o art. 4.º, inciso IV, da Consti-

tuição de 1967 — que estabeleceu o domínio, a propriedade da União sobre as terras ocupadas pelos silvícolas: *já então eram detentores de direito adquirido*, incapaz de ser ilidido pela inovação constitucional.

Em suma, diante dos textos legais acima arrolados e através de uma interpretação harmônica, dúvida não resta de que os Parakanã têm direito a que se lhes assegure a posse permanente na área em que imemorialmente habitaram e que, hoje, já se integra no seu patrimônio. São, inquestionavelmente, titulares do *domínio das terras. São donos*.

### A BARRAGEM É LEGAL?

Admitido o domínio das terras pelos Parakanã, como conceber-se a sua remoção para inundação da área e posterior inundação e construção, ali, da hidrelétrica?

A Lei n.º 6.001/73 (Estatuto do Índio) admite "em caráter excepcional" (art. 20, *caput*) que "a União poderá intervir, se não houver solução alternativa, em área indígena", por ato do presidente da República, entre outros motivos, "para a realização de obras públicas que interessem ao desenvolvimento nacional" (letra *d*).

Para a execução de obras públicas, a intervenção governamental poderá resultar, inclusive, diz o texto legal, na "remoção de grupos tribais de uma para outra área" (art. 20, § 2.º, *c*).

Todavia, há dois requisitos que devem ser imperiosamente obedecidos:

a) "somente caberá a remoção de grupo tribal quando de todo impossível ou desaconselhável a sua permanência na área sob intervenção, destinando-se à comunidade indígena removida área equivalente à anterior, inclusive quanto às condições ecológicas" (art. 20, § 3.º);

b) "a comunidade indígena removida será integralmente ressarcida dos prejuízos decorrentes da remoção" (art. 20, § 4.º).

Sua consecução, no entanto, defronta-se com, pelo menos — abstraídos os fatores de caráter etnológico —, dois impedimentos insuperáveis.

O primeiro, de índole constitucional: a vitaliciedade (vale dizer, por toda a vida) e a intransferibilidade da posse e usufruto exercida pelos Parakanã sobre o solo e suas riquezas. E, uma vez mais, valemo-nos da lição de Pontes de Miranda:

"O texto respeita a "posse" do silvícola, posse a que ainda se exige o pressuposto da permanência.

"O juiz que conhecer de alguma questão de terras deve aplicar a regra jurídica, desde que os pressupostos estejam provados pelo silvícola ou constem dos autos, ainda que alguma das partes ou terceiro exiba título de domínio. Desde que há posse e permanência ou localização permanente, a posse da terra é do nativo, porque assim o diz a Constituição. Os juizes não podem expedir mandados possessórios contra silvícolas que tenham posse permanente." (Autor e ob. cit., pág. 456.)

Evidentemente, é de se concluir que se ao Judiciário é vedado desapossar o índio de suas terras, muito mais o é ao Executivo, à FUNAI, o que, aliás, arbitrariamente, já vem ocorrendo...

O segundo impedimento para a remoção dos Parakanã e construção da hidrelétrica é de ordem fática: onde encontrar "área equivalente", "inclusive quanto a condições ecológicas", como o exige a lei, capaz de reassentar as comuni-

dades indígenas compulsoriamente desapossadas?

Assim, qualquer procedimento do poder público, no caso a FUNAI, e de seus agentes, que implicar na intervenção nas terras indígenas sem atentar para os parâmetros legais apontados, constituir-se-á em autêntico *desvio de poder*:

"Deve o administrador gozar de uma área de competência ampla, dentro da qual possa agir com desenvoltura. Ao controle da legalidade incumbe, porém, o patrulhamento das fronteiras, de modo a vedar as excursões abusivas e manter o poder discricionário em seus domínios legítimos." (Caio Tácito: O abuso de poder administrativo — *Rev. Dir. Adm.* 56(10): 26.)

Em síntese, a remoção *manu militari*, ainda que sob o eufemismo da persuasão, dos índios Parakanã, para dar ensejo à construção da Hidrelétrica de Tucuruí, caracteriza-se pela mais frontal e clara violação das garantias constitucionais e legais, asseguradas pelo ordenamento jurídico brasileiro.

*Em recente entrevista na BBC (televisão), o Dr. Bronowski falava da satisfação no trabalho. "Os cientistas e as prostitutas", dizia, "têm uma coisa em comum — são pagos para fazer algo de que gostam". Muitos objetariam ao gosto que Bronowski atribui às prostitutas, mas os cientistas certamente se divertem".*

*Nature, 248:269. 1974.*



# Importância da fauna do parque do Turvo, RS

Recebido para publicação em 5/12/1979

THALES DE LEMA, Museu de Ciências Naturais da Fundação Zoobotânica do RS,  
Departamento de Zoologia do Instituto de Biociências da UFRS.

O Parque Florestal Estadual do Turvo é administrado pela Secretaria de Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul. Situa-se no extremo noroeste desse Estado, dentro do município de Tenente Portela, às margens do rio Uruguai, fronteiro à Província de Misiones, Argentina. Situa-se na região natural denominada *Alto Uruguai*, no RS.

Dos parques naturais do RS é o único que possui sua flora e fauna bastante bem conservadas, aproximadamente uns oitenta por cento da original. Está rodeado pelo lado oriental pelas plantações de soja. Há caça em volta do parque, mas não dentro do mesmo, porque a fiscalização é muito bem feita. Há forte pressão por parte dos moradores da área e mesmo de caçadores que vêm de longe para caçar dentro do parque, inclusive por parte de autoridades públicas. Num passado não muito distante havia abate de árvores e alguma caça, inclusive até manobras militares de treinamento de sobrevivência na selva. E se essas ações predatórias passadas não alteraram fundamentalmente a biota do parque é porque sempre houve alguma fiscalização.

Já há alguns anos foi projetada pela ELETROSUL a construção de um complexo de barragens no segmento do rio Uruguai que divide o Estado de Santa Catarina do Estado do RS e uma parte entre Brasil e Argentina (barragens binacionais em cerca de três). A construção dessas barragens foi autorizada no governo anterior, e o fabrico das turbinas já deve estar ultimado. Assim, brevemente deverão ser instalados os canteiros de obras, sentindo nós muita preocupação com isto, como cientista que somos e interessados na conservação do patrimônio natural do Estado, bem como na pesquisa científica da fauna reptiliana da região, como herpetólogo e professor superior. Sentimos que a última reserva de valor vai ser impactada.

Com a construção das barragens vasta área será inundada, inclusive a ocupada pelos índios no alto Uruguai e atingindo cerca de um terço da área do parque do Turvo. Os prejuízos daí

decorrentes são, principalmente, o aumento do teor de umidade dentro do parque, resultando em profundas modificações ecológicas, modificando a flora e a fauna, desfigurando a biota existente; a diminuição da área do parque, que deveria ser maior para poder conter animais de grande movimentação como as panteras, os porcos selvagens etc.; com a inundação muitos indivíduos quadrúpedes irão se deslocar para fora do parque, sendo abatidos pelos moradores plantadores de soja que circunda, o parque; algumas espécies cruzam o rio Uruguai, indo para o lado argentino, movimentação essa que é normal no caso das panteras (onças); as inundações matarão muitas espécies de pouca ou pequena movimentação, especialmente terrícolas, e entre elas há verdadeiras preciosidades científicas, como tivemos ocasião de ver e que citaremos mais adiante; os canteiros de obras, com a instalação das moradias dos operários, que deverão demorar-se diversos anos na área, será, sem dúvida, catastrófica para a fauna do parque, não necessitando que se enumere os problemas daí decorrentes.

## FAUNA

A fauna do parque do Turvo apresenta-se mais rica que em qualquer outra região do Estado do RS. Os demais parques do Estado encontram-se francamente abandonados, havendo caça e abate de árvores.

Toda a região do parque é densamente florestada, apresentando clima subtropical, com temperatura geralmente elevada. O inverno é bastante ameno e a floresta aí existente é a continuação da mesma que ocorre do outro lado do rio, em Misiones e no Paraguai meridional, como, ainda, para o norte, atingindo as cataratas do Iguacu. A vegetação cresce explosivamente no parque, havendo muitas áreas inacessíveis e/ou intransponíveis. Isso propicia um desenvolvimento faunístico notável, criando grande quantidade de abrigos e refúgios eficientes, graças ao que se pode apreciar uma fauna bem conservada.



E N C O N T R O   P A R A K A N Ã  
SOBRE A QUESTÃO DE BARRAGENS

|                |
|----------------|
| CEDI - P R     |
| DATA 104 83    |
| COD. PKD 30083 |

O aproveitamento do potencial energético das bacias fluviais do país, com vistas a propiciar fontes internas de energia, provocará consequências diretas e indiretas para as populações indígenas que se localizam nas áreas atingidas pela construção dos barramentos e consequente formação dos reservatórios.

As preocupações quanto a essas consequências já foram alvo de diversos estudos, reuniões e seminários, os quais destacaram:

- A) - Os direitos inalienáveis dos indígenas sobre as áreas que ocupam;
- B) - A conveniência de somente utilizar áreas indígenas quando não ocorrer outra opção;
- C) - A necessidade de considerar os efeitos diretos e indiretos a que estarão sujeitos os indígenas, a partir do momento em que se iniciam os estudos preliminares para a definição dos barramentos;
- D) - A necessidade de garantir às populações indígenas atingidas, indenização justa de seus prejuízos, tendo por base, primeiro o resguardo das terras que necessitam para sobreviver - indenização em terra - e pagamento das benfeitorias, bens naturais e custos sociais existentes e dos prejuízos indiretos, considerando a vontade e interesse da população indígena (Art.20 da Lei 6.001);
- E) - A necessidade de realizar estudos antropológicos junto às populações tribais atingidas pelos projetos de construção de barramentos objetivando detectar os prejuízos que sofrerão de ordem direta e indireta;
- F) - A necessidade de acompanhamento permanente do Projeto em implantação por equipe de antropólogos com o objetivo de detectar consequências não previstas nos estudos iniciais;
- G) - A conveniência de reivindicar condições para as populações tribais atingidas por Projetos de Hidrelétricas se tornarem participantes do empreendimento, através da outorga para o grupo indígena de uma alíquota sobre o potencial de energia gerada visando garantia de sobrevivência às futuras gerações;

  
Fl.01



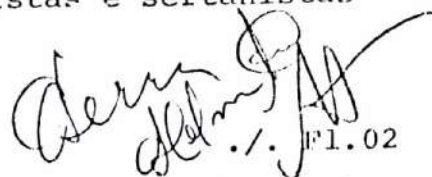
./.

No que se refere as responsabilidades que cometem à FUNAI em decorrência da implantação acelerada desses barramentos, e considerando o fato de tais construções estarem, no caso da Amazônia, relacionadas com a implantação de grandes complexos de mineração e agro-pecuária, destacamos a necessidade imediata de:

- A) - Articular em nível de FUNAI um grupo interdisciplinar destinado a considerar de modo permanente os diversos projetos de construção de barragens, que estão em andamento ou em vias de definição (em projeto), com vistas a garantir o resguardo dos interesses indígenas;
- B) - Assegurar o imediato estabelecimento de um protocolo de colaboração entre a FUNAI e a ELETRONORTE, referido no item anterior e, ao mesmo tempo, garantir recursos para promover definição de terras, a relocação, indenização e promoção de assistência aos índios;
- C) - Organizar imediatamente um GT interinstitucional destinado a articular as diversas instituições científicas e órgãos executivos, que têm competência ou necessidade de atuar nessa região, alvo breve de grandes mudanças sócio-econômicas, objetivando a articulação de objetivos e assegurando o resguardo das áreas indígenas, enquanto territórios necessários para sua sobrevivência.

No que diz respeito a questão específica dos Parakanã, atingidos pela Hidrelétrica de Tucuruí, recomendamos em conclusão:

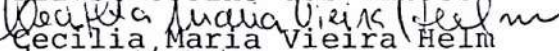
- A) - Que as instituições, INSTITUTO DE PESQUISAS EMÍLIO GOELDI, FUNAI, ELETRONORTE, GETAT, etc, organizem as suas ações através de convênio, acordo ou termo de referência, objetivando a execução dos preceitos legais que asseguram os direitos e resguardam os interesses Parakanã;
- B) - Que essas ações tenham projeção suficientemente inclusiva, abrangendo todas as etapas do trabalho desde as pesquisas necessárias até a plena superação dos problemas decorrentes da barragem;
- C) - Que a decisão a ser buscada de imediato seja a definição de novo território Parakanã; resguardando os direitos históricos que em qualquer oportunidade os Parakanã venham a reclamar;
- D) - Que no processo de localização das novas aldeias seja levada em consideração a vontade expressa dos índios - isto é, os do Pucuruí no igarapé Cajazeiras e, os do Lontra, no igarapé Murici - tal como foi repetidamente explicitado por antropólogos, indigenistas e sertanistas presentes a este Encontro;

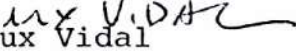
  
Fl. 02


- E) - Que a eleição de área não incorra na redução da proposta de reserva formulada pelo Projeto Parakanã, em 1.978 .
- F) - Que se repitam encontros semelhantes ao que ora se encerra, buscando avaliar sucessivas etapas do projeto a ser elaborado pelas instituições que venham a integrar o convênio sugerido no item "A", acima referido;
- G) - Que a Associação Brasileira de Antropologia seja cientificada das medidas pertinentes aos trabalhos decorrentes da execução do convênio interinstitucional aqui sugerido.

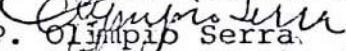
Tucuruí -Pa, 18 de Dezembro de 1.980.

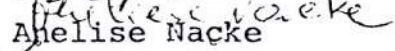
Profº.  Silvio Coelho dos Santos

Profa.  Cecilia Maria Vieira Helm

Profa.  Lux Vidal

Profº. Antonio Carlos Magalhães 

Profº.  Olimpio Serra

Profa.  Anelise Naecke



| NOME            | REGISTNASC | ALDEIA | PAI         | MAE          | SEXO | DATANASC | OBS                 | OBT | OBTDAT  | A  | B  | DIAS  | DIASV | ANOS  | FAIXET | ULDATA |
|-----------------|------------|--------|-------------|--------------|------|----------|---------------------|-----|---------|----|----|-------|-------|-------|--------|--------|
| piriwa'ia surui | S01        | p      |             |              | f    | 5/1/70   | ver historia        |     | 1/1/80  | -> | -> | 9166  | 0     | 25.10 | 0      | 4/6/95 |
| socorro-assurin | A02        | p      |             |              | f    | 5/1/76   | ver historia        |     | 1/1/80  | -> | -> | 6974  | 0     | 19.09 | 0      | 4/6/95 |
| mureapui surui  | S03        | p      |             |              | f    | 5/1/74   | ver historia        |     | 1/1/80  | -> | -> | 7705  | 0     | 21.10 | 0      | 4/6/95 |
| kusina assurini | A01        | p      |             |              | f    | 5/1/73   | ver historia        |     | 1/1/80  | -> | -> | 8070  | 0     | 22.09 | 0      | 4/6/95 |
| arasi surui     | S02        | p      |             |              | f    | 5/1/71   | ver historia        |     | 1/1/80  | -> | -> | 8801  | 0     | 24.10 | 0      | 4/6/95 |
| pi'awa          | 002        | m      | piwe'a +    | mere +       | m    | 5/1/33   | parapleg.memb.inf.  |     | 1/1/80  | -> | -> | 22680 | 0     | 62.09 | 0      |        |
| taiwara         | 003        | m      | piveia      | mire         | f    | 5/1/23   | Insuf. Respiratoria | s   | 4/1/89  | -> | -> | 26333 | 24077 | 72.10 | 0      |        |
| koxawia         | 004        | m      | piwe'a +    | mere +       | f    | 5/1/41   | Hepatocoledoco Ca.  | s   | 8/23/91 | -> | -> | 19758 | 18376 | 54.09 | 0      |        |
| akaria          | 005        | m      | piwe'a +    | mere +       | m    | 5/1/29   |                     |     | 1/1/80  | -> | -> | 24141 | 0     | 66.09 | 0      |        |
| tomonga         | 006        | m      | awakawera   | koxawia      | f    | 5/1/48   |                     |     | 1/1/80  | -> | -> | 17201 | 0     | 47.09 | 0      |        |
| papotinga       | 007        | m      | awakawera   | koxawia      | m    | 5/1/50   |                     |     | 1/1/80  | -> | -> | 16471 | 0     | 45.10 | 0      |        |
| xawarawa        | 008        | m      | awakawera   | koxawia      | m    | 5/1/58   |                     |     | 1/1/80  | -> | -> | 13549 | 0     | 37.10 | 0      |        |
| komanga         | 009        | m      | awakawera   | koxawia      | f    | 5/1/57   | gravidez            |     | 1/1/80  | -> | -> | 13914 | 0     | 38.09 | 0      |        |
| axowa           | 010        | m      | awakawera   | koxawia      | f    | 5/1/61   |                     |     | 1/1/80  | -> | -> | 12453 | 0     | 34.09 | 0      |        |
| apinana         | 011        | m      | awakawera   | koxawia      | m    | 5/1/67   |                     |     | 1/1/80  | -> | -> | 10262 | 0     | 28.10 | 0      |        |
| ito'ia          | 012        | m      | awakawera   | koxawia      | m    | 5/1/71   |                     |     | 1/1/80  | -> | -> | 8801  | 0     | 24.10 | 0      |        |
| takoiwona       | 013        | m      | pi'awa      | mymia +      | m    | 5/1/60   |                     |     | 1/1/80  | -> | -> | 12818 | 0     | 35.09 | 0      |        |
| arowawia        | 014        | m      | pi'awa      | mymia +      | m    | 5/1/69   |                     |     | 1/1/80  | -> | -> | 9531  | 0     | 26.09 | 0      |        |
| waraxira        | 015        | m      | pi'awa      | mymia +      | f    | 5/1/72   |                     |     | 1/1/80  | -> | -> | 8435  | 0     | 23.09 | 0      |        |
| tearoa          | 016        | m      | pi'awa      | morore +     | m    | 5/1/63   |                     |     | 1/1/80  | -> | -> | 11723 | 0     | 32.10 | 0      |        |
| xytyria         | 017        | m      | pi'awa      | morore +     | m    | 6/24/66  |                     |     | 1/1/80  | -> | -> | 10573 | 0     | 28.95 | 0      |        |
| pitonga         | 018        | m      | pi'awa      | morore +     | f    | 5/1/64   |                     |     | 1/1/80  | -> | -> | 11357 | 0     | 31.09 | 0      |        |
| waia            | 019        | m      | pi'awa      | morore +     | f    | 5/1/74   |                     |     | 1/1/80  | -> | -> | 7705  | 0     | 21.10 | 0      |        |
| marina          | 020        | m      | pi'awa      | akwiinga     | f    | 7/21/80  |                     |     | 1/1/80  | -> | -> | 5432  | 0     | 14.87 | 0      |        |
| akwiinga        | 021        | m      | tara +      | taywona +    | f    | 5/1/56   |                     |     | 1/1/80  | -> | -> | 14279 | 0     | 39.09 | 0      |        |
| ywotinga        | 022        | m      | tara +      | taywona +    | m    | 5/1/54   |                     |     | 1/1/80  | -> | -> | 15010 | 0     | 41.10 | 0      |        |
| ka'ia           | 023        | m      | tara +      | taywona +    | f    | 5/1/58   |                     |     | 1/1/80  | -> | -> | 13549 | 0     | 37.10 | 0      |        |
| nimoa           | 024        | m      | akaria      | tomonga      | f    | 5/1/58   |                     |     | 1/1/80  | -> | -> | 13549 | 0     | 37.10 | 0      |        |
| tenewa'         | 025        | m      | akaria      | tomonga      | m    | 5/1/65   |                     |     | 1/1/80  | -> | -> | 10992 | 0     | 30.09 | 0      |        |
| tyge'           | 026        | m      | akaria      | tomonga      | m    | 5/1/71   |                     |     | 1/1/80  | -> | -> | 8801  | 0     | 24.10 | 0      |        |
| piro'ia         | 027        | m      | akaria      | tomonga      | m    | 5/1/76   |                     |     | 1/1/80  | -> | -> | 6974  | 0     | 19.09 | 0      |        |
| rirore          | 028        | m      | akaria      | tomonga      | m    | 5/1/79   |                     |     | 1/1/80  | -> | -> | 5879  | 0     | 16.10 | 0      |        |
| xakoa           | 030        | m      | apekynga +  | apyitepehe + | f    | 5/1/54   |                     |     | 1/1/80  | -> | -> | 15010 | 0     | 41.10 | 0      |        |
| tekwena         | 031        | m      | xawarawa    | oa' +        | m    | 5/1/76   |                     |     | 1/1/80  | -> | -> | 6974  | 0     | 19.09 | 0      |        |
| koxaha'         | 032        | m      | xawarawa    | pitonga      | f    | 11/9/83  |                     |     | 1/1/80  | -> | -> | 4226  | 0     | 11.57 | 0      |        |
| i'aitinga       | 033        | m      | tato'a +    | kotakynga +  | f    | 5/1/38   |                     |     | 1/1/80  | -> | -> | 20854 | 0     | 57.10 | 0      |        |
| tywyga          | 034        | m      | tama +      | xakoa        | m    | 5/1/73   |                     |     | 1/1/80  | -> | -> | 8070  | 0     | 22.09 | 0      |        |
| atioma          | 036        | m      | amyga       | koxotinga    | f    | 3/22/63  |                     |     | 1/1/80  | -> | -> | 11763 | 0     | 32.21 | 0      |        |
| iara            | 038        | m      | ywotinga    | nimoa        | f    | 5/8/80   |                     |     | 1/1/80  | -> | -> | 5506  | 0     | 15.07 | 0      |        |
| yrema           | 040        | m      | ywotinga    | xyima        | f    | 5/2/80   |                     |     | 1/1/80  | -> | -> | 5512  | 0     | 15.09 | 0      |        |
| awaxixinga      | 041        | m      | tara +      | tirikwame +  | m    | 5/1/74   |                     |     | 1/1/80  | -> | -> | 7705  | 0     | 21.10 | 0      |        |
| koxapoxa        | 042        | m      | atikya +    | maona +      | f    | 5/1/74   |                     |     | 1/1/80  | -> | -> | 7705  | 0     | 21.10 | 0      |        |
| kopia           | 043        | m      | atikya +    | maona +      | m    | 5/1/71   |                     |     | 1/1/80  | -> | -> | 8801  | 0     | 24.10 | 0      |        |
| namikwarawa     | 044        | m      | arakoria    | koxarawa +   | m    | 5/1/33   |                     |     | 1/1/80  | -> | -> | 22680 | 0     | 62.09 | 0      |        |
| tekwaria        | 045        | m      | xakare +    | koxe +       | m    | 5/1/63   |                     | s   | 2/4/95  | -> | -> | 11723 | 11602 | 32.10 | 0      |        |
| atixawa         | 047        | m      | namikwarawa | i'aitinga    | m    | 5/1/72   |                     |     | 1/1/80  | -> | -> | 8435  | 0     | 23.09 | 0      |        |
| taxeria         | 048        | m      | namikwarawa | i'aitinga    | f    | 5/1/77   |                     |     | 1/1/80  | -> | -> | 6609  | 0     | 18.09 | 0      |        |
| kytyga          | 049        | m      | namikwarawa | i'aitinga    | m    | 5/1/79   |                     |     | 1/1/80  | -> | -> | 5879  | 0     | 16.10 | 0      |        |
| taoria          | 050        | m      | namikwarawa | i'aitinga    | m    | 5/1/60   |                     |     | 1/1/80  | -> | -> | 12818 | 0     | 35.09 | 0      |        |
| te'ia           | 051        | m      | kaxona      | komanga      | f    | 5/1/72   |                     |     | 1/1/80  | -> | -> | 8435  | 0     | 23.09 | 0      |        |
| popoa           | 052        | m      | namikwarawa | i'aitinga    | m    | 5/1/54   |                     |     | 1/1/80  | -> | -> | 15010 | 0     | 41.10 | 0      |        |
| my'yma          | 053        | m      | popoa       | ko'ia        | f    | 5/1/78   |                     |     | 1/1/80  | -> | -> | 6244  | 0     | 17.10 | 0      |        |
| maritao moreno  | 055        | m      | namikwarawa | i'aitinga    | m    | 5/1/53   |                     |     | 1/1/80  | -> | -> | 15375 | 0     | 42.09 | 0      |        |
| ypekweria       | 056        | m      | atikya +    | maona +      | f    | 5/1/65   | gravidez            |     | 1/1/80  | -> | -> | 10992 | 0     | 30.09 | 0      |        |
| ara'yra         | 057        | m      | maritao     | ypekweria    | f    | 5/1/78   | gravidez            |     | 1/1/80  | -> | -> | 6244  | 0     | 17.10 | 0      |        |
| mai'yma         | 058        | m      | maritao     | ypekweria    | m    | 5/1/81   |                     |     | 1/1/80  | -> | -> | 5148  | 0     | 14.09 | 0      |        |
| mapyga          | 060        | m      | kaxona      | komanga      | f    | 5/1/77   |                     |     | 1/1/80  | -> | -> | 6609  | 0     | 18.09 | 0      |        |
| koxiwe'         | 061        | m      | iwakoa +    | axowa        | m    | 5/1/75   |                     |     | 1/1/80  | -> | -> | 7340  | 0     | 20.10 | 0      |        |

|               |     |   |             |            |   |          |                     |              |                |      |       |       |   |
|---------------|-----|---|-------------|------------|---|----------|---------------------|--------------|----------------|------|-------|-------|---|
| karapira      | 063 | m | iwakoa +    | axowa      | m | 5/1/79   |                     | 1/1/80 -> -> | 5879           | 0    | 16.10 | 0     |   |
| wyxyra        | 066 | m | namikwarawa | i'aitinga  | f | 5/1/52   |                     | 1/1/80 -> -> | 15740          | 0    | 43.09 | 0     |   |
| akya          | 067 | m | poxaxa +    | wyxyra     | f | 5/1/73   |                     | 1/1/80 -> -> | 8070           | 0    | 22.09 | 0     |   |
| moxokara      | 068 | m | poxaxa' +   | wyxyra     | m | 5/1/75   |                     | 1/1/80 -> -> | 7340           | 0    | 20.10 | 0     |   |
| wire'         | 069 | m | poxaxa' +   | wyxyra     | m | 5/1/78   |                     | 1/1/80 -> -> | 6244           | 0    | 17.10 | 0     |   |
| awaxetywy'yma | 070 | m | poxaxa' +   | wyxyra     | m | 5/1/80   | conf.peso           | 1/1/80 -> -> | 5513           | 0    | 15.09 | 0     |   |
| arira'        | 071 | m | atikya +    | mooria+    | m | 5/1/61   |                     | 1/1/80 -> -> | 12453          | 0    | 34.09 | 0     |   |
| kaxona        | 072 | m | atikya +    | maona +    | m | 5/1/48   |                     | 1/1/80 -> -> | 17201          | 0    | 47.09 | 0     |   |
| tenemaxa      | 073 | m | kaxona      | komanga    | f | 5/1/73   | gravidez            | 1/1/80 -> -> | 8070           | 0    | 22.09 | 0     |   |
| awaroa        | 074 | m | kaxona      | komanga    | m | 5/1/80   |                     | 1/1/80 -> -> | 5513           | 0    | 15.09 | 0     |   |
| akania        | 075 | m | kaxona      | komanga    | f | 5/1/83   |                     | 1/1/80 -> -> | 4418           | 0    | 12.10 | 0     |   |
| paia'         | 076 | m | xo'ara +    | namia +    | m | 5/1/60   |                     | 1/1/80 -> -> | 12818          | 0    | 35.09 | 0     |   |
| xaana         | 077 | m | karaxe +    | apinixoa + | f | 5/1/71   |                     | 1/1/80 -> -> | 8801           | 0    | 24.10 | 0     |   |
| ane           | 078 | m | tearoa      | atioma     | f | 7/1/83   | Meningoencefalite   | s            | 11/22/89 -> -> | 4357 | 2336  | 11.93 | 0 |
| xyima         | 079 | m | awakoa +    | koirawa +  | f | 5/1/56   |                     | 1/1/80 -> -> | 14279          | 0    | 39.09 | 0     |   |
| tanonawa      | 080 | m | ywotinga    | xyima      | m | 8/2/84   |                     | 1/1/80 -> -> | 3959           | 0    | 10.84 | 0     |   |
| moroyroa      | 081 | m | akaria      | ka'ia      | m | 7/27/84  |                     | 1/1/80 -> -> | 3965           | 0    | 10.86 | 0     |   |
| ina'          | 082 | m | xawarawa    | pitonga    | m | 10/26/84 |                     | 1/1/80 -> -> | 3874           | 0    | 10.61 | 0     |   |
| moxe'ia       | 083 | m | papotinga   | wyxyra     | f | 11/26/84 |                     | 1/1/80 -> -> | 3843           | 0    | 10.52 | 0     |   |
| karaxa'       | 084 | m | arowawia    | axowa      | m | 3/18/85  |                     | 1/1/80 -> -> | 3731           | 0    | 10.21 | 0     |   |
| manakoa       | 085 | m | paia'       | xaana      | f | 3/24/85  |                     | 1/1/80 -> -> | 3725           | 0    | 10.20 | 0     |   |
| xenia         | 087 | m | maritua     | ypekweria  | f | 7/11/85  |                     | 1/1/80 -> -> | 3616           | 0    | 9.90  | 0     |   |
| takotiwera    | 088 | m | akaria      | tomonga    | m | 7/21/85  |                     | 1/1/80 -> -> | 3606           | 0    | 9.87  | 0     |   |
| korema        | 089 | m | takoiwona   | koxapoxa   | f | 9/8/85   |                     | 1/1/80 -> -> | 3557           | 0    | 9.74  | 0     |   |
| awapitinga    | 090 | m | akya        | akya       | m | 10/30/85 |                     | 1/1/80 -> -> | 3505           | 0    | 9.60  | 0     |   |
| amama         | 091 | m | tearoa      | atioma     | f | 12/2/85  | Acidente Ofidico    | s            | 2/11/93 -> ->  | 3472 | 2628  | 9.51  | 0 |
| warama'       | 092 | m | kaxona      | komanga    | f | 4/7/86   |                     | 1/1/80 -> -> | 3346           | 0    | 9.16  | 0     |   |
| heta'         | 093 | m | apinana     | waia       | m | 7/11/86  |                     | 1/1/80 -> -> | 3251           | 0    | 8.90  | 0     |   |
| tarana        | 094 | m | xytyria     | ka'ia      | m | 7/28/86  |                     | 1/1/80 -> -> | 3234           | 0    | 8.85  | 0     |   |
| xoewia        | 095 | m | ywotinga    | nimoo      | f | 9/26/86  |                     | 1/1/80 -> -> | 3174           | 0    | 8.69  | 0     |   |
| arakaxa'      | 096 | m | xawarawa    | pitonga    | m | 11/3/86  |                     | 1/1/80 -> -> | 3136           | 0    | 8.59  | 0     |   |
| papama        | 097 | m | taoria      | te'ia      | f | 11/17/86 |                     | 1/1/80 -> -> | 3122           | 0    | 8.55  | 0     |   |
| korona'       | 098 | m | ito'ia      | tenemaxa   | f | 12/25/86 |                     | 1/1/80 -> -> | 3084           | 0    | 8.44  | 0     |   |
| terangawa     | 099 | m | paia'       | xaana      | m | 4/18/87  |                     | 1/1/80 -> -> | 2970           | 0    | 8.13  | 0     |   |
| s/home        | 100 | m | xawarawa    | uxira      | f | 7/24/87  | Infeccao Intestinal | s            | 11/6/87 -> ->  | 2873 | 105   | 7.87  | 0 |
| pa'apa'a      | 101 | m | arowawia    | axowa      | m | 8/4/87   |                     | 1/1/80 -> -> | 2862           | 0    | 7.84  | 0     |   |
| xawaria       | 102 | m | maritua     | ypekweria  | m | 8/15/87  |                     | 1/1/80 -> -> | 2851           | 0    | 7.81  | 0     |   |
| s/home        | 103 | m | tenewa      | akia       | f | 9/28/87  | Septicemia          | s            | 4/7/88 -> ->   | 2807 | 192   | 7.69  | 0 |
| matara'a      | 104 | m | ywotinga    | waraxira   | m | 10/23/87 |                     | 1/1/80 -> -> | 2782           | 0    | 7.62  | 0     |   |
| maxa          | 105 | m | akaria      | xyima      | m | 1/4/88   |                     | 1/1/80 -> -> | 2709           | 0    | 7.42  | 0     |   |
| manii         | 106 | m | tearoa      | atioma     | m | 3/30/88  |                     | 1/1/80 -> -> | 2623           | 0    | 7.18  | 0     |   |
| kwanopea      | 107 | m | akaria      | tomonga    | f | 6/23/88  |                     | 1/1/80 -> -> | 2538           | 0    | 6.95  | 0     |   |
| tinta         | 108 | m | takoiwona   | koxapoxa   | f | 7/18/88  |                     | 1/1/80 -> -> | 2513           | 0    | 6.88  | 0     |   |
| moete'        | 109 | m | apinana     | wayia      | f | 7/6/88   |                     | 1/1/80 -> -> | 2525           | 0    | 6.91  | 0     |   |
| apia          | 110 | m | popoa       | mapia      | m | 10/2/88  |                     | 1/1/80 -> -> | 2437           | 0    | 6.67  | 0     |   |
| s/home        | 111 | m | arira       | ka'ia      | f | 10/2/88  | Infeccao Intestinal | s            | 11/28/88 -> -> | 2437 | 57    | 6.67  | 0 |
| orowo'ia      | 112 | m | papotinga   | uyxyra     | m | 10/12/88 |                     | 1/1/80 -> -> | 2427           | 0    | 6.64  | 0     |   |
| awaata'       | 113 | m | taoria      | te'ia      | m | 2/2/89   |                     | 1/1/80 -> -> | 2314           | 0    | 6.34  | 0     |   |
| nananawa      | 114 | m | tenywa'     | akya       | f | 2/24/89  |                     | 1/1/80 -> -> | 2292           | 0    | 6.28  | 0     |   |
| ninana        | 115 | m | ywotinga    | nimoo      | f | 2/28/89  |                     | 1/1/80 -> -> | 2288           | 0    | 6.26  | 0     |   |
| apera'ia      | 116 | m | xytyria     | taxeria    | f | 4/3/89   |                     | 1/1/80 -> -> | 2254           | 0    | 6.17  | 0     |   |
| yx'e'ia       | 117 | m | amyga       | koxotinga  | m | 5/1/67   |                     | 1/1/80 -> -> | 10262          | 0    | 28.10 | 0     |   |
| toi'ia        | 118 | m | amyga       | koxotinga  | m | 5/1/69   |                     | 1/1/80 -> -> | 9531           | 0    | 26.09 | 0     |   |
| airoa         | 119 | m | amyga       | koxotinga  | m | 5/1/77   |                     | 1/1/80 -> -> | 6609           | 0    | 18.09 | 0     |   |
| awarika'      | 120 | m | amyga       | koxotinga  | m | 5/1/73   |                     | 1/1/80 -> -> | 8070           | 0    | 22.09 | 0     |   |
| s/home        | 121 | m | xawarawa    | pitonga    | m | 6/30/89  | Insuf. Respiratoria | s            | 11/1/89 -> ->  | 2166 | 124   | 5.93  | 0 |
| riira         | 122 | m | kaxona      | komanga    | m | 7/14/89  |                     | 1/1/80 -> -> | 2152           | 0    | 5.89  | 0     |   |
| mirytyga      | 123 | m | ito'ia      | tenemaxa   | m | 8/17/89  |                     | 1/1/80 -> -> | 2118           | 0    | 5.80  | 0     |   |
| amoa'         | 124 | m | kopia       | ara'yra    | m | 8/21/89  |                     | 1/1/80 -> -> | 2114           | 0    | 5.79  | 0     |   |



|               |     |   |                |            |   |          |                      |               |      |      |       |   |        |
|---------------|-----|---|----------------|------------|---|----------|----------------------|---------------|------|------|-------|---|--------|
| henone        | 125 | m | arowavia       | axowa      | m | 10/1/89  |                      | 1/1/80 -> ->  | 2073 | 0    | 5.68  | 0 |        |
| araaia        | 126 | m | maritua moreno | ypekweria  | f | 2/1/90   |                      | 1/1/80 -> ->  | 1950 | 0    | 5.34  | 0 |        |
| xiore         | 127 | m | arira          | ka'ia      | m | 2/28/90  | Nefrose Congenita    | 6/4/91 -> ->  | 1923 | 461  | 5.26  | 0 |        |
| tokoretia     | 128 | m | toi'ia         | myyima     | f | 3/25/90  |                      | 1/1/80 -> ->  | 1898 | 0    | 5.20  | 0 |        |
| potira        | 129 | m | tearoa         | atioma     | f | 5/23/90  |                      | 1/1/80 -> ->  | 1839 | 0    | 5.03  | 0 |        |
| pinima        | 130 | m | papotinga      | wyxyra     | f | 6/13/90  |                      | 1/1/80 -> ->  | 1818 | 0    | 4.98  | 0 |        |
| karapona      | 131 | m | popoa          | mapi'a     | m | 7/6/90   |                      | 1/1/80 -> ->  | 1795 | 0    | 4.91  | 0 |        |
| takowia       | 132 | m | pi'awa         | akwiinga   | f | 8/24/90  |                      | 1/1/80 -> ->  | 1746 | 0    | 4.78  | 0 |        |
| neynga        | 133 | m | apinana        | wayia      | m | 8/25/90  |                      | 1/1/80 -> ->  | 1745 | 0    | 4.78  | 0 |        |
| awaatia       | 134 | m | takoiwona      | koxapoxa   | m | 10/4/90  |                      | 1/1/80 -> ->  | 1705 | 0    | 4.67  | 0 |        |
| arapeata      | 135 | m | taoria         | te'ia      | m | 3/15/91  |                      | 1/1/80 -> ->  | 1543 | 0    | 4.22  | 0 |        |
| aixa'         | 136 | m | xawarawa       | pitonga    | m | 3/27/91  |                      | 1/1/80 -> ->  | 1531 | 0    | 4.19  | 0 |        |
| waxira        | 137 | m | akaria         | xyima      | f | 3/31/91  |                      | 1/1/80 -> ->  | 1527 | 0    | 4.18  | 0 |        |
| koxatinga     | 138 | p | awakatoa       | akara      | f | 1/29/77  |                      | 1/1/80 -> ->  | 6701 | 0    | 18.35 | 0 | 4/6/95 |
| Marikatoa     | 140 | p | Pakaxaria      | Xaria      | f | 8/8/77   | no.ant.01703         | 1/1/80 -> ->  | 6510 | 0    | 17.82 | 0 | 4/6/95 |
| Amia          | 144 | p | Awatia         | Ypeatora   | m | 5/1/78   |                      | 1/1/80 -> ->  | 6244 | 0    | 17.10 | 0 | 4/6/95 |
| Awai'ia       | 146 | p | Taraka'e       | Koxa'a     | f | 6/26/78  | les.desc.face        | 1/1/80 -> ->  | 6188 | 0    | 16.94 | 0 | 4/6/95 |
| Aypypynyma    | 147 | p | Ywyrapyta      | Xa'engatoa | f | 7/10/78  | ver historia         | 1/1/80 -> ->  | 6174 | 0    | 16.90 | 0 | 4/6/95 |
| Aroma         | 148 | p | Aka'opotyra    | ueuitu     | m | 8/16/78  |                      | 1/1/80 -> ->  | 6137 | 0    | 16.80 | 0 | 4/6/95 |
| Kamoria       | 149 | p | Tiwa'a         | Koxaratoa  | m | 12/25/78 | ver historia         | 1/1/80 -> ->  | 6006 | 0    | 16.44 | 0 | 4/6/95 |
| Aaronga       | 151 | p | Awakatoa       | Akara      | m | 4/23/79  |                      | 1/1/80 -> ->  | 5887 | 0    | 16.12 | 0 | 4/6/95 |
| Ixomeretinga  | 152 | p | Pykawa         | Xorio'oa   | f | 5/9/79   | ferida na cabeca     | 1/1/80 -> ->  | 5871 | 0    | 16.07 | 0 | 4/6/95 |
| Xoxywia       | 153 | p | Mokaxywa       | Xywapokoa  | m | 5/10/79  |                      | 1/1/80 -> ->  | 5870 | 0    | 16.07 | 0 | 4/6/95 |
| Aote          | 154 | p | Motiapewa      | Akynaria   | f | 6/6/79   |                      | 1/1/80 -> ->  | 5843 | 0    | 16.00 | 0 | 4/6/95 |
| Pyymywooa     | 156 | p | Inata'exona    | Kwai'ia    | f | 7/29/79  |                      | 1/1/80 -> ->  | 5790 | 0    | 15.85 | 0 | 4/6/95 |
| Ywyr          | 157 | p | Ipira'kyge     | Tare'ia    | f | 7/30/79  | no.ant.03304         | 1/1/80 -> ->  | 5789 | 0    | 15.85 | 0 | 4/6/95 |
| Emora         | 158 | p | Xae'oma        | Narinaria  | f | 8/9/79   | ver historia         | 1/1/80 -> ->  | 5779 | 0    | 15.82 | 0 | 4/6/95 |
| Inaxowowooa   | 159 | p | Ywyr'pyta      | Omariwara  | m | 11/26/79 |                      | 1/1/80 -> ->  | 5670 | 0    | 15.52 | 0 | 4/6/95 |
| Akaxa'ia      | 160 | p | Hohe           | Taywytooa  | f | 1/1/80   |                      | 1/1/80 -> ->  | 5634 | 0    | 15.43 | 0 | 4/6/95 |
| Apykatinga    | 162 | p | Xakoria        | apiu       | f | 3/24/80  |                      | 1/1/80 -> ->  | 5551 | 0    | 15.20 | 0 | 4/6/95 |
| xawi'ua       | 163 | p | muakara        | tenywapewa | m | 6/2/80   |                      | 1/1/80 -> ->  | 5481 | 0    | 15.01 | 0 | 4/6/95 |
| Kawera        | 165 | p | Xae'oma        | Kore       | f | 8/13/80  | bolhas na mao        | 1/1/80 -> ->  | 5409 | 0    | 14.81 | 0 | 4/6/95 |
| Marixa        | 166 | p | Wataraxowa     | Te'ia      | f | 8/19/80  |                      | 1/1/80 -> ->  | 5403 | 0    | 14.79 | 0 | 4/6/95 |
| Ha'ataporotia | 167 | p | Awatia         | Ypeatora   | f | 11/14/80 |                      | 1/1/80 -> ->  | 5316 | 0    | 14.55 | 0 | 4/6/95 |
| Pipia         | 168 | p | Taraka'e       | Koxa'a     | m | 11/19/80 |                      | 1/1/80 -> ->  | 5311 | 0    | 14.54 | 0 | 4/6/95 |
| Timoa         | 169 | p | Motiapewa      | Akynaria   | f | 1/6/80   | ferida na cabeca     | 1/1/80 -> ->  | 5629 | 0    | 15.41 | 0 | 4/6/95 |
| Towaoonoa     | 170 | p | Inata'exona    | Kwai'ia    | m | 2/6/82   |                      | 1/1/80 -> ->  | 4867 | 0    | 13.33 | 0 | 4/6/95 |
| Awyrwa        | 171 | p | Pakaxaria      | Xaria      | m | 7/4/82   |                      | 1/1/80 -> ->  | 4719 | 0    | 12.92 | 0 | 4/6/95 |
| Hatipe        | 172 | p | Mo'akara       | Tenywapewa | m | 8/11/82  |                      | 1/1/80 -> ->  | 4681 | 0    | 12.82 | 0 | 4/6/95 |
| Taekyxa       | 173 | p | Xakoria        | Apiu       | f | 11/15/82 |                      | 1/1/80 -> ->  | 4585 | 0    | 12.55 | 0 | 4/6/95 |
| Xara          | 175 | p | Ipira'kyge     | Tare'ia    | f | 11/30/82 |                      | 1/1/80 -> ->  | 4570 | 0    | 12.51 | 0 | 4/6/95 |
| Tamywa        | 176 | p | Ywyrapyta      | Omariwara  | f | 12/25/82 |                      | 1/1/80 -> ->  | 4545 | 0    | 12.44 | 0 | 4/6/95 |
| ltinga        | 177 | p | Pykawa         | Xorio'oa   | m | 1/9/83   |                      | 1/1/80 -> ->  | 4530 | 0    | 12.40 | 0 | 4/6/95 |
| Aweakynga     | 178 | p | Taraka'e       | Koxa'a     | m | 2/7/83   |                      | 1/1/80 -> ->  | 4501 | 0    | 12.32 | 0 | 4/6/95 |
| Xityra        | 179 | p | Awakatoa       | Akara      | m | 2/19/83  |                      | 1/1/80 -> ->  | 4489 | 0    | 12.29 | 0 | 4/6/95 |
| Wyratoa       | 180 | p | Owypygooa      | Koxarratoa | m | 5/4/83   | ferida no pe         | 1/1/80 -> ->  | 4415 | 0    | 12.09 | 0 | 4/6/95 |
| Atio'oa       | 181 | p | Hohe           | Taywytoa   | m | 5/30/83  |                      | 1/1/80 -> ->  | 4389 | 0    | 12.02 | 0 | 4/6/95 |
| Xy'ygga       | 184 | p | Mokaxywa       | Xywapokoa  | f | 1/25/84  |                      | 1/1/80 -> ->  | 4149 | 0    | 11.36 | 0 | 4/6/95 |
| tapai'a       | 185 | p | xae'oma        | narinaria  | f | 1/17/84  | Intoxicacao Exogena  | 11/5/91 -> -> | 4157 | 2849 | 11.38 | 0 | 4/6/95 |
| Apeea         | 186 | p | Motiapewa      | Akynaria   | m | 5/11/84  |                      | 1/1/80 -> ->  | 4042 | 0    | 11.07 | 0 | 4/6/95 |
| Konia         | 187 | p | Wararua        | Koxania    | f | 7/8/84   |                      | 1/1/80 -> ->  | 3984 | 0    | 10.91 | 0 | 4/6/95 |
| Moty'ygawa    | 188 | p | Mo'akara       | Tenywapewa | m | 7/18/84  |                      | 1/1/80 -> ->  | 3974 | 0    | 10.88 | 0 | 4/6/95 |
| Taoowa        | 189 | p | pakaxaria      | xaria      | m | 8/8/84   | feri.cabeca e herpes | 1/1/80 -> ->  | 3953 | 0    | 10.82 | 0 | 4/6/95 |
| Pekyna        | 190 | p | Itako'oa       | Teeape'e   | f | 3/18/85  |                      | 1/1/80 -> ->  | 3731 | 0    | 10.21 | 0 | 4/6/95 |
| Ywaoona       | 191 | p | Taraka'e       | Koxa'a     | f | 4/6/85   | ferida no corpo      | 1/1/80 -> ->  | 3712 | 0    | 10.16 | 0 | 4/6/95 |
| l'ai          | 192 | p | Awatia         | Ypeatora   | m | 5/26/85  | ferida na cabeca     | 1/1/80 -> ->  | 3662 | 0    | 10.03 | 0 | 4/6/95 |
| Tenawooa      | 193 | p | Aka'opotyra    | Mairia     | m | 6/1/85   | ferida na cabeca     | 1/1/80 -> ->  | 3656 | 0    | 10.01 | 0 | 4/6/95 |
| Tinara        | 194 | p | Ywyr'pyta      | Omariwara  | f | 7/16/85  |                      | 1/1/80 -> ->  | 3611 | 0    | 9.89  | 0 | 4/6/95 |
| Ray'tyga      | 195 | p | Pykawa         | Xorio'oa   | m | 9/6/85   | ferida na cabeca     | 1/1/80 -> ->  | 3559 | 0    | 9.74  | 0 | 4/6/95 |

|               |     |   |                 |                 |   |          |                      |              |                |       |       |       |        |        |
|---------------|-----|---|-----------------|-----------------|---|----------|----------------------|--------------|----------------|-------|-------|-------|--------|--------|
| Kamoro        | 196 | p | Awakatoa        | Akara           | m | 10/26/85 |                      | 1/1/80 -> -> | 3509           | 0     | 9.61  | 0     | 4/6/95 |        |
| Koxopipia     | 197 | p | Owypygooa       | Koxaratoa       | f | 11/20/85 | ferida no corpo      | 1/1/80 -> -> | 3484           | 0     | 9.54  | 0     | 4/6/95 |        |
| Teyxa         | 198 | p | Ipira'kyge      | Tare'ia         | f | 11/21/85 |                      | 1/1/80 -> -> | 3483           | 0     | 9.54  | 0     | 4/6/95 |        |
| Pyna'ywa      | 199 | p | Wataraxowa      | Te'ia           | m | 11/18/85 |                      | 1/1/80 -> -> | 3486           | 0     | 9.54  | 0     | 4/6/95 |        |
| Kapooa        | 200 | p | Mokaxywa        | Xywapokoa       | m | 12/28/85 | fer.cabeca bolh.pe   | 1/1/80 -> -> | 3446           | 0     | 9.43  | 0     | 4/6/95 |        |
| Toira         | 201 | p | Motiapewa       | Akynaria        | m | 3/5/86   | tosse                | 1/1/80 -> -> | 3379           | 0     | 9.25  | 0     | 4/6/95 |        |
| Kaxoeria      | 202 | p | Awapi'ia        | Xoaana          | m | 4/17/86  | febre-ferida corpo   | 1/1/80 -> -> | 3336           | 0     | 9.13  | 0     | 4/6/95 |        |
| Karara        | 203 | p | Mo'akara        | Tenywapewa      | m | 5/26/86  | ferida no pe         | 1/1/80 -> -> | 3297           | 0     | 9.03  | 0     | 4/6/95 |        |
| Xowara        | 204 | p | Inataexona      | Kwai'ia         | f | 6/1/86   |                      | 1/1/80 -> -> | 3291           | 0     | 9.01  | 0     | 4/6/95 |        |
| s/nome        | 205 | p | pakaxaria       | xaria           | f | 10/28/86 | Insuf. Respiratoria  | s            | 3/25/87 -> ->  | 3142  | 148   | 8.60  | 0      | 4/6/95 |
| Poxem         | 206 | p | Karowarywa      | Porake'ia       | f | 11/14/86 |                      | 1/1/80 -> -> | 3125           | 0     | 8.56  | 0     | 4/6/95 |        |
| Ita'ywa       | 207 | p | Wararoa         | Koxania         | f | 11/30/86 | febre                | 1/1/80 -> -> | 3109           | 0     | 8.51  | 0     | 4/6/95 |        |
| s/nome        | 208 | p | tarakaia        | kuxa'a          | m | 2/9/87   | Insuf. Respiratoria  | s            | 3/1/87 -> ->   | 3038  | 20    | 8.32  | 0      | 4/6/95 |
| Nanoa         | 209 | p | Xakoria         | apiu            | f | 3/24/87  | ferida na cabeca     | 1/1/80 -> -> | 2995           | 0     | 8.20  | 0     | 4/6/95 |        |
| s/nome        | 210 | p | hon hen         | tawitoo         | m | 2/27/87  | Insuf. Respiratoria  | s            | 3/14/87 -> ->  | 3020  | 15    | 8.27  | 0      | 4/6/95 |
| Monara        | 211 | p | Ywyrapyta       | Xa'engatoa      | m | 5/10/87  |                      | 1/1/80 -> -> | 2948           | 0     | 8.07  | 0     | 4/6/95 |        |
| Taatinga      | 212 | p | Awakatinga      | Koxapiona       | f | 7/22/87  |                      | 1/1/80 -> -> | 2875           | 0     | 7.87  | 0     | 4/6/95 |        |
| Xaoti'kwera   | 213 | p | Awatia          | Ypeatora        | f | 9/29/87  |                      | 1/1/80 -> -> | 2806           | 0     | 7.68  | 0     | 4/6/95 |        |
| ipekweria     | 214 | p | mukaxywa-kwanua | xiwapukua       | f | 10/31/87 | Astrocitoma          | s            | 5/29/93 -> ->  | 2774  | 2037  | 7.59  | 0      | 4/6/95 |
| Wapoka'ia     | 215 | p | Awaka'ia        | kirirexe        | m | 11/2/87  |                      | 1/1/80 -> -> | 2772           | 0     | 7.59  | 0     | 4/6/95 |        |
| Ygema         | 216 | p | Wataraxowa      | Te'ia           | f | 11/15/87 |                      | 1/1/80 -> -> | 2759           | 0     | 7.55  | 0     | 4/6/95 |        |
| waxuirawa     | 217 | p | ywyrapyta       | umariwara       | m | 2/6/88   |                      | 1/1/80 -> -> | 2676           | 0     | 7.33  | 0     | 4/6/95 |        |
| Tonia         | 218 | p | Awakatoa        | Akara           | m | 5/13/88  | eczema pesco/cabeca  | 1/1/80 -> -> | 2579           | 0     | 7.06  | 0     | 4/6/95 |        |
| re'ia +       | 219 | p | pikawa          | xuriua          | f | 4/7/88   | Hepatitis Cronica    | s            | 6/15/89 -> ->  | 2615  | 434   | 7.16  | 0      | 4/6/95 |
| Ywateo'oa     | 220 | p | Motiapewa       | Akynaria        | f | 4/20/88  |                      | 1/1/80 -> -> | 2602           | 0     | 7.12  | 0     | 4/6/95 |        |
| Ne'yara       | 221 | p | Apekware        | Xorema          | f | 3/26/88  | ferida rosto /cabeca | 1/1/80 -> -> | 2627           | 0     | 7.19  | 0     | 4/6/95 |        |
| Kania         | 222 | p | Awapi'ia        | Xoaana          | m | 4/30/88  |                      | 1/1/80 -> -> | 2592           | 0     | 7.10  | 0     | 4/6/95 |        |
| Moryre        | 223 | p | Owypygooa       | Koxaratoa       | f | 6/21/88  | ferida na cabeca     | 1/1/80 -> -> | 2540           | 0     | 6.95  | 0     | 4/6/95 |        |
| Ikama         | 224 | p | Awaetea         | Haxarexare      | m | 5/27/88  | nomeant.Muiraparawa  | 1/1/80 -> -> | 2565           | 0     | 7.02  | 0     | 4/6/95 |        |
| Karia         | 225 | p | Moa'kara        | Tenywapewa      | m | 6/23/88  |                      | 1/1/80 -> -> | 2538           | 0     | 6.95  | 0     | 4/6/95 |        |
| Waiwia        | 226 | p | Taraka'e        | Koxa'a          | m | 8/3/88   | manchas corpo tosse  | 1/1/80 -> -> | 2497           | 0     | 6.84  | 0     | 4/6/95 |        |
| Mai'ooa       | 227 | p | Ipira'kyge      | Tare'ia         | f | 8/6/88   |                      | 1/1/80 -> -> | 2494           | 0     | 6.83  | 0     | 4/6/95 |        |
| Ko'ia         | 228 | p | Monewa          | Ypeirooa        | f | 8/27/88  |                      | 1/1/80 -> -> | 2473           | 0     | 6.77  | 0     | 4/6/95 |        |
| Apewatinga    | 229 | p | Pakaxaria       | Ma'aria         | f | 10/5/88  |                      | 1/1/80 -> -> | 2434           | 0     | 6.66  | 0     | 4/6/95 |        |
| s/nome        | 230 | p | apytera         | terexina        | f | 12/18/88 | Pneumonia            | s            | 12/31/88 -> -> | 2360  | 13    | 6.46  | 0      | 4/6/95 |
| s/nome        | 231 | p | xakuria         | maniipotira     | m | 1/30/89  | Pneumonia            | s            | 2/7/89 -> ->   | 2317  | 8     | 6.34  | 0      | 4/6/95 |
| Xapo'iooa     | 232 | p | Aka'opotyra     | Mairia          | m | 2/2/89   | bolhas no corpo      | 1/1/80 -> -> | 2314           | 0     | 6.34  | 0     | 4/6/95 |        |
| Arakaxa       | 233 | p | Arawygooa       | Aywera          | m | 3/30/89  |                      | 1/1/80 -> -> | 2258           | 0     | 6.18  | 0     | 4/6/95 |        |
| Po'a          | 234 | p | Karowarywa      | Porake'ia       | m | 3/19/89  |                      | 1/1/80 -> -> | 2269           | 0     | 6.21  | 0     | 4/6/95 |        |
| Aowa          | 235 | p | Xae'oma         | Narinaria       | f | 6/14/89  |                      | 1/1/80 -> -> | 2182           | 0     | 5.97  | 0     | 4/6/95 |        |
| Ma'apyga      | 236 | p | Mokaxywa        | Xywapokoa       | m | 11/19/89 |                      | 1/1/80 -> -> | 2024           | 0     | 5.54  | 0     | 4/6/95 |        |
| ywyrapyta     | 237 | p | pitakie         | iperoia         | m | 4/20/17  |                      | 1/1/80 -> -> | 28535          | 0     | 78.12 | 0     | 4/6/95 |        |
| Wara'kyta     | 238 | p | Xarawa          | Airoa           | m | 8/10/18  |                      | 1/1/80 -> -> | 28058          | 0     | 76.82 | 0     | 4/6/95 |        |
| Myrytyga      | 239 | p | Warera          | Xo'awy'yma      | f | 1/10/90  |                      | 1/1/80 -> -> | 1972           | 0     | 5.40  | 0     | 4/6/95 |        |
| Moronywa      | 240 | p | Xawatirona      | Piriwa'ia Surui | f | 1/26/90  |                      | 1/1/80 -> -> | 1956           | 0     | 5.36  | 0     | 4/6/95 |        |
| Awapitonga    | 241 | p | Apytera         | Terexena        | f | 2/18/90  |                      | 1/1/80 -> -> | 1933           | 0     | 5.29  | 0     | 4/6/95 |        |
| Pyranywa      | 242 | p | Xywaipyga       | Morehapo'i Suru | f | 2/23/90  |                      | 1/1/80 -> -> | 1928           | 0     | 5.28  | 0     | 4/6/95 |        |
| Wyra'ywa      | 243 | p | Wyraporona      | socorro assurin | m | 2/26/90  |                      | 1/1/80 -> -> | 1925           | 0     | 5.27  | 0     | 4/6/95 |        |
| Ita'wai'kwera | 244 | p | Inta'exona      | Kwai'ia         | f | 5/6/90   |                      | 1/1/80 -> -> | 1856           | 0     | 5.08  | 0     | 4/6/95 |        |
| s/nome +      | 245 | p | mutiaapewa      | akynaria        | f | 3/21/90  | Desconhecida         | s            | 3/28/90 -> ->  | 1902  | 7     | 5.21  | 0      | 4/6/95 |
| Wyrationga    | 246 | p | Moakara         | Tenywapewa      | f | 6/4/90   |                      | 1/1/80 -> -> | 1827           | 0     | 5.00  | 0     | 4/6/95 |        |
| apiiwa        | 248 | p | maxumare'       | ti'ywa          | f | 5/1/20   | Hemorragia Pos-parto | s            | 3/24/87 -> ->  | 27428 | 24433 | 75.09 | 0      | 4/6/95 |
| koema         | 249 | p | xarawa          | airua           | f | 5/1/40   | Pneumonia            | s            | 12/28/88 -> -> | 20123 | 17773 | 55.09 | 0      | 4/6/95 |
| xaria         | 251 | p | pikawa          | taraeuma        | f | 5/1/69   | Pneumonia            | s            | 1/9/89 -> ->   | 9531  | 7193  | 26.09 | 0      | 4/6/95 |
| tare'ia +     | 252 | p | itianga         | akiki           | f | 5/1/48   | Insuf.Card.Congest.  | s            | 6/15/89 -> ->  | 17201 | 15020 | 47.09 | 0      | 4/6/95 |
| wateraxuwa    | 255 | p | urubua          | jacare          | m | 5/7/16   |                      | 1/1/80 -> -> | 28883          | 0     | 79.08 | 0     | 4/6/95 |        |
| ua            | 256 | p | itianga         | akiki           | f | 3/16/20  |                      | 1/1/80 -> -> | 27474          | 0     | 75.22 | 0     | 4/6/95 |        |
| taraeuma      | 257 | p | xoia            | iperoia         | f | 10/5/21  |                      | 1/1/80 -> -> | 26906          | 0     | 73.66 | 0     | 4/6/95 |        |
| mytoa         | 258 | p | avaxua          | maruxe          | f | 8/6/22   |                      | 1/1/80 -> -> | 26601          | 0     | 72.83 | 0     | 4/6/95 |        |



|             |     |   |              |            |   |                        |   |            |       |       |       |   |        |
|-------------|-----|---|--------------|------------|---|------------------------|---|------------|-------|-------|-------|---|--------|
| ti'yma      | 259 | p | tacura       | koema      | f | 6/12/23 cega           | s | 3/14/95 -> | 26291 | 26208 | 71.98 | 0 | 4/6/95 |
| hu he       | 260 | p | itianga      | akiki      | m | 8/5/23                 |   | 1/1/80 ->  | 26237 | 0     | 71.83 | 0 | 4/6/95 |
| karema      | 261 | p | itianga      | iariua     | f | 7/9/24 bolhas no corpo |   | 1/1/80 ->  | 25898 | 0     | 70.90 | 0 | 4/6/95 |
| kuanu'ia    | 262 | p | mino         | araruna    | f | 6/5/23                 |   | 1/1/80 ->  | 26298 | 0     | 72.00 | 0 | 4/6/95 |
| pikawa      | 263 | p | urubua       | urori      | m | 3/5/30                 |   | 1/1/80 ->  | 23833 | 0     | 65.25 | 0 | 4/6/95 |
| ypeatura    | 264 | p | xoi          | airu       | f | 4/19/31                |   | 1/1/80 ->  | 23423 | 0     | 64.13 | 0 | 4/6/95 |
| awatia      | 265 | p | avaxua       | maruxe     | m | 5/11/32                |   | 1/1/80 ->  | 23035 | 0     | 63.07 | 0 | 4/6/95 |
| tuiwara     | 266 | p | taturarotin  | koema      | f | 8/20/32                |   | 1/1/80 ->  | 22934 | 0     | 62.79 | 0 | 4/6/95 |
| xuru'ia     | 267 | p | itianga      | akiki      | f | 5/1/43                 |   | 1/1/80 ->  | 19028 | 0     | 52.10 | 0 | 4/6/95 |
| Xorio'oa    | 268 | p | Ywyr'a'pyta  | cuxaxua    | f | 5/1/51                 |   | 1/1/80 ->  | 16106 | 0     | 44.10 | 0 | 4/6/95 |
| Kore        | 269 | p | apaetin      | koema      | f | 5/1/48                 |   | 1/1/80 ->  | 17201 | 0     | 47.09 | 0 | 4/6/95 |
| Moakara     | 270 | p | apetin       | koema      | m | 5/1/51                 |   | 1/1/80 ->  | 16106 | 0     | 44.10 | 0 | 4/6/95 |
| xa'engatoa  | 271 | p | conoxua      | auaxita    | f | 5/1/45                 |   | 1/1/80 ->  | 18297 | 0     | 50.09 | 0 | 4/6/95 |
| Inata'exona | 272 | p | Itianga      | mane       | m | 5/1/47                 |   | 1/1/80 ->  | 17567 | 0     | 48.10 | 0 | 4/6/95 |
| xae'oma     | 273 | p | orowoa'      | tamoa      | m | 5/1/45                 |   | 1/1/80 ->  | 18297 | 0     | 50.09 | 0 | 4/6/95 |
| taywytua    | 274 | p | urubua       | urori      | f | 5/1/43                 |   | 1/1/80 ->  | 19028 | 0     | 52.10 | 0 | 4/6/95 |
| akara       | 275 | p | avanami      | maracaxai  | f | 5/1/46                 |   | 1/1/80 ->  | 17932 | 0     | 49.10 | 0 | 4/6/95 |
| akaopotyra  | 276 | p | arakita      | cujapura   | m | 5/1/46                 |   | 1/1/80 ->  | 17932 | 0     | 49.10 | 0 | 4/6/95 |
| narinaria   | 277 | p | warakita'    | maraca     | f | 5/1/46 bolhas no corpo |   | 1/1/80 ->  | 17932 | 0     | 49.10 | 0 | 4/6/95 |
| Mairia      | 278 | p | apetin       | apinaua    | f | 5/1/47                 |   | 1/1/80 ->  | 17567 | 0     | 48.10 | 0 | 4/6/95 |
| Tiwa'a      | 279 | p | Tukumankwera | O'a        | m | 5/1/49                 |   | 1/1/80 ->  | 16836 | 0     | 46.09 | 0 | 4/6/95 |
| Omariwara   | 280 | p | Warakya      | Taraeoma   | f | 5/1/51                 |   | 1/1/80 ->  | 16106 | 0     | 44.10 | 0 | 4/6/95 |
| Mokaxywa    | 281 | p | Tukumankwera | Karema     | m | 5/1/56                 |   | 1/1/80 ->  | 14279 | 0     | 39.09 | 0 | 4/6/95 |
| Itako'oa    | 282 | p | Tukumankwera | uiraxe     | m | 5/1/53                 |   | 1/1/80 ->  | 15375 | 0     | 42.09 | 0 | 4/6/95 |
| Xakoria     | 283 | p | avaxua       | cururu     | m | 5/1/53                 |   | 1/1/80 ->  | 15375 | 0     | 42.09 | 0 | 4/6/95 |
| Koxaratoa   | 284 | p | aai          | namona     | f | 5/1/60 ferida no corpo |   | 1/1/80 ->  | 12818 | 0     | 35.09 | 0 | 4/6/95 |
| Kwai'ia     | 285 | p | awatia       | kuxaxua    | f | 5/1/55                 |   | 1/1/80 ->  | 14645 | 0     | 40.10 | 0 | 4/6/95 |
| Awaka'ia    | 286 | p | Hohe         | My'toa     | m | 5/1/60                 |   | 1/1/80 ->  | 12818 | 0     | 35.09 | 0 | 4/6/95 |
| Maxaro'a    | 287 | p | Tukumankera  | Karema     | m | 5/1/56                 |   | 1/1/80 ->  | 14279 | 0     | 39.09 | 0 | 4/6/95 |
| awapi'ia    | 288 | p | pikawa       | tiuma      | m | 5/1/65                 |   | 1/1/80 ->  | 10992 | 0     | 30.09 | 0 | 4/6/95 |
| Awakatinga  | 289 | p | Pykawa       | Ty'yma     | m | 5/1/59                 |   | 1/1/80 ->  | 13184 | 0     | 36.10 | 0 | 4/6/95 |
| Xywapokoa   | 290 | p | Pykawa       | Tatooa     | f | 5/1/58                 |   | 1/1/80 ->  | 13549 | 0     | 37.10 | 0 | 4/6/95 |
| Taraka'e    | 291 | p | Hohe         | Mytoa      | m | 5/1/56                 |   | 1/1/80 ->  | 14279 | 0     | 39.09 | 0 | 4/6/95 |
| Awaete'a    | 292 | p | Awatia       | cuxaxua    | m | 5/1/63                 |   | 1/1/80 ->  | 11723 | 0     | 32.10 | 0 | 4/6/95 |
| Pakaxaria   | 293 | p | Taturarotin  | Ypeatora   | m | 5/1/64                 |   | 1/1/80 ->  | 11357 | 0     | 31.09 | 0 | 4/6/95 |
| Tenywapewa  | 294 | p | Taturarotin  | Xoro'ia    | f | 5/1/63                 |   | 1/1/80 ->  | 11723 | 0     | 32.10 | 0 | 4/6/95 |
| Motiapewa   | 295 | p | Oaxumare     | Kwano'ia   | m | 5/1/59                 |   | 1/1/80 ->  | 13184 | 0     | 36.10 | 0 | 4/6/95 |
| teiap'e     | 296 | p | hu he        | mitu'a     | f | 5/1/64                 |   | 1/1/80 ->  | 11357 | 0     | 31.09 | 0 | 4/6/95 |
| Apekwara    | 297 | p | Hohe         | Tatooa     | m | 5/1/58                 |   | 1/1/80 ->  | 13549 | 0     | 37.10 | 0 | 4/6/95 |
| Koxa'a      | 298 | p | avaxua       | kururu     | f | 5/1/58                 |   | 1/1/80 ->  | 13549 | 0     | 37.10 | 0 | 4/6/95 |
| Ypira'kyge  | 299 | p | Tukumankwera | Karema     | m | 5/1/62                 |   | 1/1/80 ->  | 12088 | 0     | 33.10 | 0 | 4/6/95 |
| Karowarywa  | 300 | p | tucumanquera | karema     | m | 5/1/64                 |   | 1/1/80 ->  | 11357 | 0     | 31.09 | 0 | 4/6/95 |
| Koxapiona   | 301 | p | Taturarotin  | O'a        | f | 5/1/61                 |   | 1/1/80 ->  | 12453 | 0     | 34.09 | 0 | 4/6/95 |
| Wararao     | 302 | p | Ywyr'a'pyta  | Akykya     | m | 5/1/61                 |   | 1/1/80 ->  | 12453 | 0     | 34.09 | 0 | 4/6/95 |
| xoana       | 303 | p | xakuria      | apiu       | f | 5/1/69                 |   | 1/1/80 ->  | 9531  | 0     | 26.09 | 0 | 4/6/95 |
| Awakatoa    | 304 | p | Urubooa      | tamoa      | m | 5/1/60                 |   | 1/1/80 ->  | 12818 | 0     | 35.09 | 0 | 4/6/95 |
| Te'ia       | 305 | p | au           | Taywytooa  | f | 5/1/68 ferida no corpo |   | 1/1/80 ->  | 9896  | 0     | 27.09 | 0 | 4/6/95 |
| Warera      | 306 | p | Warakya'     | Taraeoma   | m | 5/1/62                 |   | 1/1/80 ->  | 12088 | 0     | 33.10 | 0 | 4/6/95 |
| Xatirare    | 307 | p | Oaxumare     | Kwano'ia   | m | 5/1/64                 |   | 1/1/80 ->  | 11357 | 0     | 31.09 | 0 | 4/6/95 |
| Akynaria    | 308 | p | Awatia       | cuxaxua    | f | 5/1/63                 |   | 1/1/80 ->  | 11723 | 0     | 32.10 | 0 | 4/6/95 |
| Monewa      | 309 | p | Tatorarotin  | O'a        | m | 5/1/65                 |   | 1/1/80 ->  | 10992 | 0     | 30.09 | 0 | 4/6/95 |
| Ypeirooa    | 310 | p | Araky'ta     | Toiwara    | f | 5/1/74                 |   | 1/1/80 ->  | 7705  | 0     | 21.10 | 0 | 4/6/95 |
| Xowokoa     | 311 | p | Xae'oma      | Kwano'ia   | m | 5/1/68                 |   | 1/1/80 ->  | 9896  | 0     | 27.09 | 0 | 4/6/95 |
| Owypygooa   | 312 | p | Tukumankwera | Karema     | m | 5/1/65                 |   | 1/1/80 ->  | 10992 | 0     | 30.09 | 0 | 4/6/95 |
| Koxania     | 313 | p | Pykawa       | Ty'yma     | f | 5/1/65                 |   | 1/1/80 ->  | 10992 | 0     | 30.09 | 0 | 4/6/95 |
| Porake'ia   | 314 | p | Aka'opotyra  | Eaona      | f | 5/1/65                 |   | 1/1/80 ->  | 10992 | 0     | 30.09 | 0 | 4/6/95 |
| Xawatirona  | 315 | p | Ywyr'apyta   | Xa'engatoa | m | 5/1/67                 |   | 1/1/80 ->  | 10262 | 0     | 28.10 | 0 | 4/6/95 |
| Arawygooa   | 316 | p | Hohe         | Taywytooa  | m | 5/1/69                 |   | 1/1/80 ->  | 9531  | 0     | 26.09 | 0 | 4/6/95 |
| Xywai'pyga  | 317 | p | Tatorarotin  | Xoro'ia    | m | 5/1/69                 |   | 1/1/80 ->  | 9531  | 0     | 26.09 | 0 | 4/6/95 |

|              |     |   |              |                 |   |          |                 |               |      |   |       |   |        |
|--------------|-----|---|--------------|-----------------|---|----------|-----------------|---------------|------|---|-------|---|--------|
| Apytera      | 318 | p | Ywyrapyta    | Narinaria       | m | 5/1/69   |                 | 1/1/80 -> ->  | 9531 | 0 | 26.09 | 0 | 4/6/95 |
| Kwatinema    | 319 | p | Tatorarotin  | Xoroi'ia        | m | 5/1/71   |                 | 1/1/80 -> ->  | 8801 | 0 | 24.10 | 0 | 4/6/95 |
| Piriria      | 320 | p | Taraka'e     | Minoa           | m | 5/1/69   |                 | 1/1/80 -> ->  | 9531 | 0 | 26.09 | 0 | 4/6/95 |
| Kaiwya       | 321 | p | Xae'oma      | Kore            | m | 5/1/72   |                 | 1/1/80 -> ->  | 8435 | 0 | 23.09 | 0 | 4/6/95 |
| Amynyxoa     | 322 | p | Xa'eoma      | Narinaria       | m | 5/1/75   |                 | 1/1/80 -> ->  | 7340 | 0 | 20.10 | 0 | 4/6/95 |
| Wyraporona   | 323 | p | Aka'opotyra  | Mairia          | m | 5/1/72   |                 | 1/1/80 -> ->  | 8435 | 0 | 23.09 | 0 | 4/6/95 |
| Kyreoxa      | 324 | p | Awati'ia     | Ypeatora        | f | 5/1/72   |                 | 1/1/80 -> ->  | 8435 | 0 | 23.09 | 0 | 4/6/95 |
| Waramya      | 325 | p | Xakoria      | Api'u           | m | 5/1/75   |                 | 1/1/80 -> ->  | 7340 | 0 | 20.10 | 0 | 4/6/95 |
| Axoa         | 326 | p | Inata'exona  | My'toa          | m | 5/1/74   | no.ant.00608    | 1/1/80 -> ->  | 7705 | 0 | 21.10 | 0 | 4/6/95 |
| Haxarexare   | 327 | p | Pykawa       | Xorio'oa        | f | 5/1/74   |                 | 1/1/80 -> ->  | 7705 | 0 | 21.10 | 0 | 4/6/95 |
| Xorema       | 328 | p | Mokaxywa     | Xywapokoa       | f | 5/1/73   |                 | 1/1/80 -> ->  | 8070 | 0 | 22.09 | 0 | 4/6/95 |
| Aywera       | 329 | p | Tywa'a       | Koxaratoa       | f | 5/1/73   |                 | 1/1/80 -> ->  | 8070 | 0 | 22.09 | 0 | 4/6/95 |
| Many'ypotyra | 330 | p | Taraka'e     | Koxa'a          | f | 5/1/74   |                 | 1/1/80 -> ->  | 7705 | 0 | 21.10 | 0 | 4/6/95 |
| Wawa         | 331 | p | Mo'akara     | Maraka          | m | 5/1/77   |                 | 1/1/80 -> ->  | 6609 | 0 | 18.09 | 0 | 4/6/95 |
| Tatooa       | 332 | p | Tatorarotin  | O'a             | f | 5/1/76   |                 | 1/1/80 -> ->  | 6974 | 0 | 19.09 | 0 | 4/6/95 |
| Tapoo'xa'yra | 333 | p | Hohe         | Taywytooa       | m | 5/1/74   |                 | 1/1/80 -> ->  | 7705 | 0 | 21.10 | 0 | 4/6/95 |
| Teria        | 334 | p | Aka'opotyra  | E'a'oowa        | f | 5/1/76   | ver historia    | 1/1/80 -> ->  | 6974 | 0 | 19.09 | 0 | 4/6/95 |
| Ipinowia     | 335 | p | Xakoria      | Api'u           | m | 5/1/77   |                 | 1/1/80 -> ->  | 6609 | 0 | 18.09 | 0 | 4/6/95 |
| Terexena     | 336 | p | Tatoratinga  | Tare'ia         | f | 5/1/75   | ver historia    | 1/1/80 -> ->  | 7340 | 0 | 20.10 | 0 | 4/6/95 |
| Awa'ewooa    | 337 | p | Ipira'kyge   | Tare'ia         | m | 5/1/76   |                 | 1/1/80 -> ->  | 6974 | 0 | 19.09 | 0 | 4/6/95 |
| Morowira     | 338 | p | Tukumankwera | Karema          | f | 5/1/76   |                 | 1/1/80 -> ->  | 6974 | 0 | 19.09 | 0 | 4/6/95 |
| Maranine     | 339 | p | Mokaxywa     | Xywapokoa       | f | 5/1/77   |                 | 1/1/80 -> ->  | 6609 | 0 | 18.09 | 0 | 4/6/95 |
| Xo'awy'yma   | 340 | p | Maxaro'a     | Kwano'ia        | f | 5/1/77   |                 | 1/1/80 -> ->  | 6609 | 0 | 18.09 | 0 | 4/6/95 |
| Apoena       | 341 | p | Awakatoa     | Akara           | m | 1/29/76  |                 | 1/1/80 -> ->  | 7067 | 0 | 19.35 | 0 | 4/6/95 |
| Morono'a     | 342 | p | Wararoa      | Koxania         | m | 5/1/80   |                 | 1/1/80 -> ->  | 5513 | 0 | 15.09 | 0 | 4/6/95 |
| Waria        | 343 | p | Maxaro'a     | Kwano'ia        | m | 9/6/81   |                 | 1/1/80 -> ->  | 5020 | 0 | 13.74 | 0 | 4/6/95 |
| Awioona      | 344 | p | Awakatinga   | Koxapiona       | f | 8/22/84  | herpes labial   | 1/1/80 -> ->  | 3939 | 0 | 10.78 | 0 | 4/6/95 |
| Motykooa     | 345 | p | Mokaxywa     | Xywapokoa       | m | 5/1/82   |                 | 1/1/80 -> ->  | 4783 | 0 | 13.10 | 0 | 4/6/95 |
| Mykorona     | 346 | p | Karowarywa   | Porake'ia       | m | 5/1/81   |                 | 1/1/80 -> ->  | 5148 | 0 | 14.09 | 0 | 4/6/95 |
| Xarawa       | 347 | p | Hohe         | Taywytooa       | m | 5/1/78   |                 | 1/1/80 -> ->  | 6244 | 0 | 17.10 | 0 | 4/6/95 |
| Ia'ia        | 348 | p | Itako'oa     | Teeape'e        | f | 5/23/86  |                 | 1/1/80 -> ->  | 3300 | 0 | 9.03  | 0 | 4/6/95 |
| Tarewia      | 349 | p | Awaete'a     | Haxarexare      | f | 8/14/90  |                 | 1/1/80 -> ->  | 1756 | 0 | 4.81  | 0 | 4/6/95 |
| Inaxa'ooa    | 350 | p | Awapi'ia     | Xoaana          | m | 10/8/90  |                 | 1/1/80 -> ->  | 1701 | 0 | 4.66  | 0 | 4/6/95 |
| Awawerawa    | 351 | p | Wararoa      | Koxania         | m | 10/20/90 |                 | 1/1/80 -> ->  | 1689 | 0 | 4.62  | 0 | 4/6/95 |
| To'ia        | 352 | p | Monewa       | Ypeiroa         | f | 11/6/90  |                 | 1/1/80 -> ->  | 1672 | 0 | 4.58  | 0 | 4/6/95 |
| Wiwaxa       | 353 | p | Xakoria      | Many'ypotyra    | f | 11/14/90 |                 | 1/1/80 -> ->  | 1664 | 0 | 4.56  | 0 | 4/6/95 |
| Oita'        | 354 | p | Pykawa       | Xoriooa         | m | 11/29/90 |                 | 1/1/80 -> ->  | 1649 | 0 | 4.51  | 0 | 4/6/95 |
| Itimokoa     | 355 | p | Awaka'ia     | Kyreoxa         | m | 1/5/91   |                 | 1/1/80 -> ->  | 1612 | 0 | 4.41  | 0 | 4/6/95 |
| Monamei      | 356 | p | Apekware     | Xorema          | m | 1/28/91  |                 | 1/1/80 -> ->  | 1589 | 0 | 4.35  | 0 | 4/6/95 |
| s/nome+      | 357 | p | Kwatinema    | Koxatinga       | f | 2/3/91   | Insuf. Cardiaca | 2/12/91 -> -> | 1583 | 9 | 4.33  | 0 | 4/6/95 |
| Araxoma      | 358 | p | Owypygooa    | Koxaratoa       | m | 2/4/91   |                 | 1/1/80 -> ->  | 1582 | 0 | 4.33  | 0 | 4/6/95 |
| Amaryra      | 359 | p | Motiapewa    | Akynaria        | f | 2/13/91  |                 | 1/1/80 -> ->  | 1573 | 0 | 4.31  | 0 | 4/6/95 |
| Ymyra        | 360 | p | Pakaxaria    | Te'ia           | f | 3/16/91  |                 | 1/1/80 -> ->  | 1542 | 0 | 4.22  | 0 | 4/6/95 |
| Awataraxa'   | 361 | p | Axoa         | Marikatoa       | m | 4/7/91   |                 | 1/1/80 -> ->  | 1520 | 0 | 4.16  | 0 | 4/6/95 |
| tinatina     | 362 | m | tenewa       | akya            | f | 4/15/91  |                 | 1/1/80 -> ->  | 1512 | 0 | 4.14  | 0 |        |
| Wary'ypa     | 363 | p | Kaiwya       | Ikyxotinga Ass. | m | 7/31/89  |                 | 1/1/80 -> ->  | 2135 | 0 | 5.85  | 0 | 4/6/95 |
| Tawarira'    | 364 | p | Ywyrapyta'   | Omariwara       | m | 5/15/91  |                 | 1/1/80 -> ->  | 1482 | 0 | 4.06  | 0 | 4/6/95 |
| Arokaxe'     | 365 | p | Taraka'e     | Koxa'a          | m | 5/27/91  |                 | 1/1/80 -> ->  | 1470 | 0 | 4.02  | 0 | 4/6/95 |
| Arapyxoara   | 366 | p | Arawygooa    | Aywera          | m | 8/18/91  |                 | 1/1/80 -> ->  | 1387 | 0 | 3.80  | 0 | 4/6/95 |
| Mytara'ia    | 367 | p | Amynyxoa     | Maranine        | f | 8/30/91  |                 | 1/1/80 -> ->  | 1375 | 0 | 3.76  | 0 | 4/6/95 |
| Tykonare     | 368 | p | Itako'oa     | Teeape'e        | m | 9/18/91  |                 | 1/1/80 -> ->  | 1356 | 0 | 3.71  | 0 | 4/6/95 |
| Ware'ywa     | 369 | p | Xawatirona   | Piriwa'ia Surui | f | 12/17/87 | ver historia    | 1/1/80 -> ->  | 2727 | 0 | 7.47  | 0 | 4/6/95 |
| Kako'ia      | 370 | p | Xowokoa      | Arasi Surui     | f | 8/20/88  | ver historia    | 1/1/80 -> ->  | 2480 | 0 | 6.79  | 0 | 4/6/95 |
| Ane          | 371 | m | Xeterya      | Taxeria         | f | 9/20/91  |                 | 1/1/80 -> ->  | 1354 | 0 | 3.71  | 0 |        |
| to'i         | 372 | m | apianana     | waraxira        | m | 5/24/91  |                 | 1/1/80 -> ->  | 1473 | 0 | 4.03  | 0 |        |
| Awa'ywa      | 373 | m | Arowawia     | Axowa           | m | 11/13/91 |                 | 1/1/80 -> ->  | 1300 | 0 | 3.56  | 0 |        |
| Oro'ya       | 374 | m | Akaria       | Tomonga         | m | 12/19/91 |                 | 1/1/80 -> ->  | 1264 | 0 | 3.46  | 0 |        |
| Arara'ywa    | 375 | p | Ipira'kyge   | Teria           | m | 1/11/92  |                 | 1/1/80 -> ->  | 1241 | 0 | 3.40  | 0 | 4/6/95 |
| Ipykyra      | 376 | p | Warera       | Xoa'wy'yma      | f | 1/14/92  |                 | 1/1/80 -> ->  | 1238 | 0 | 3.39  | 0 | 4/6/95 |



|              |     |   |             |                 |   |          |                  |               |      |     |      |   |        |
|--------------|-----|---|-------------|-----------------|---|----------|------------------|---------------|------|-----|------|---|--------|
| Apolia       | 377 | p | Karowarywa  | Porake'ia       | m | 1/21/92  |                  | 1/1/80 -> ->  | 1231 | 0   | 3.37 | 0 | 4/6/95 |
| Koxa'ywira   | 378 | p | Mokaxywa    | Xywapokoa       | f | 2/17/92  |                  | 1/1/80 -> ->  | 1204 | 0   | 3.30 | 0 | 4/6/95 |
| Ipira'ia     | 379 | p | Inataexona  | Morowira        | f | 3/7/92   |                  | 1/1/80 -> ->  | 1185 | 0   | 3.24 | 0 | 4/6/95 |
| Towatina     | 380 | m | To'ia       | My'yma          | m | 3/12/92  |                  | 1/1/80 -> ->  | 1180 | 0   | 3.23 | 0 |        |
| Tarapeore    | 381 | p | Koatinema   | Koxatinga       | f | 3/23/92  |                  | 1/1/80 -> ->  | 1169 | 0   | 3.20 | 0 | 4/6/95 |
| Momanga      | 382 | p | Apytera     | Terexena        | m | 6/8/92   |                  | 1/1/80 -> ->  | 1092 | 0   | 2.99 | 0 | 4/6/95 |
| Xay'pyra     | 383 | p | Awakatoa    | Akara           | m | 6/10/92  |                  | 1/1/80 -> ->  | 1090 | 0   | 2.98 | 0 | 4/6/95 |
| Axowa        | 384 | p | Wyraporona  | Xokorae         | m | 7/7/92   |                  | 1/1/80 -> ->  | 1063 | 0   | 2.91 | 0 | 4/6/95 |
| Ary'yna      | 385 | p | Moakara     | Tenywapewa      | m | 6/25/92  |                  | 1/1/80 -> ->  | 1075 | 0   | 2.94 | 0 | 4/6/95 |
| Koxa'ia      | 386 | m | Tearoa      | Axioma          | f | 8/8/92   |                  | 1/1/80 -> ->  | 1031 | 0   | 2.82 | 0 |        |
| Itapemia     | 387 | p | Awakatinga  | Koxapiona       | m | 8/19/92  |                  | 1/1/80 -> ->  | 1020 | 0   | 2.79 | 0 | 4/6/95 |
| s/nome       | 388 | m | kopia       | arayha          | f | 8/20/92  | Nefrose Tubular  | 2/11/93 -> -> | 1019 | 175 | 2.79 | 0 |        |
| Moro'ia      | 389 | p | Awaete'a    | Haxarexare      | m | 8/28/92  |                  | 1/1/80 -> ->  | 1011 | 0   | 2.77 | 0 | 4/6/95 |
| Warywera     | 390 | m | Arira       | Ka'ia           | m | 9/12/92  |                  | 1/1/80 -> ->  | 996  | 0   | 2.73 | 0 |        |
| Kyriira      | 393 | p | Kaiwyga     | Ikyxotinga Assu | m | 9/12/91  |                  | 1/1/80 -> ->  | 1362 | 0   | 3.73 | 0 | 4/6/95 |
| Koxa'ya      | 391 | p | Awapi'ia    | Xoaana          | f | 10/2/92  |                  |               | 976  | 0   | 2.67 | 0 | 4/6/95 |
| Kytia        | 392 | p | Xywaipyga   | Morehapo'i Suru | f | 10/17/92 |                  |               | 961  | 0   | 2.63 | 0 | 4/6/95 |
| Yrywaxatinga | 396 | p | Axoa        | Marikatoa       | f | 1/26/93  |                  | 1/1/80        | 860  | 0   | 2.35 | 0 | 4/6/95 |
| Moeri        | 394 | p | Pykawa      | Awa'ia          | m | 1/20/93  |                  | 1/1/80        | 866  | 0   | 2.37 | 0 | 4/6/95 |
| Para'ia      | 395 | m | Takoiwona   | Koxapoxa        | f | 1/22/93  |                  | 1/1/80        | 864  | 0   | 2.37 | 0 |        |
| Yywete       | 397 | p | Ywyrapyta   | Xa'engatoo      | m | 2/8/93   |                  | 1/1/80        | 847  | 0   | 2.32 | 0 | 4/6/95 |
| Woria        | 398 | p | Pakaxaria   | Te'ia           | m | 2/13/93  |                  | 1/1/80        | 842  | 0   | 2.31 | 0 | 4/6/95 |
| Akwawia      | 399 | p | Amynyxoo    | Maranine        | f | 3/14/93  |                  | 1/1/80        | 813  | 0   | 2.23 | 0 | 4/6/95 |
| Hatywera     | 400 | m | Ywotinga    | Nimoo           | f | 5/3/93   |                  | 1/1/80        | 763  | 0   | 2.09 | 0 |        |
| Xoetymai'ia  | 401 | p | Owypygoa    | Koxaratoa       | m | 5/20/93  |                  | 1/1/80        | 746  | 0   | 2.04 | 0 | 4/6/95 |
| Torowotinga  | 402 | p | Wararoo     | Koxania         | m | 5/29/93  |                  | 1/1/80        | 737  | 0   | 2.02 | 0 | 4/6/95 |
| aryona       | 403 | m | tenewa      | wixira          | m | 6/4/93   |                  | 2/6/94        | 731  | 247 | 2.00 | 0 |        |
| Iranee       | 404 | p | Kaiwyga     | Ikyxotinga      | f | 7/3/93   |                  | 1/1/80        | 702  | 0   | 1.92 | 0 | 4/6/95 |
| Miro'a       | 405 | p | Pykawa      | Xoriooa         | f | 7/16/93  |                  | 1/1/80        | 689  | 0   | 1.89 | 0 | 4/6/95 |
| Ara'ia       | 406 | m | Maritoo     | Ypekweria       | f | 2/15/93  |                  | 1/1/80        | 840  | 0   | 2.30 | 0 |        |
| Poroma       | 407 | m | Apinana     | Way'ia          | m | 2/15/93  |                  | 1/1/80        | 840  | 0   | 2.30 | 0 |        |
| Komira       | 408 | m | Taoria      | Te'ia           | f | 8/2/93   |                  | 1/1/80        | 672  | 0   | 1.84 | 0 |        |
| Pera         | 409 | m | Kaxona      | Komanga         | m | 8/15/93  |                  | 1/1/80        | 659  | 0   | 1.80 | 0 |        |
| Xano'yra     | 410 | m | Xawarawa    | Pitonga         | m | 8/8/93   |                  | 1/1/80        | 666  | 0   | 1.82 | 0 |        |
| Tarina       | 411 | p | Monewa      | Ypeiroa         | m | 8/9/93   |                  | 1/1/80        | 665  | 0   | 1.82 | 0 | 4/6/95 |
| s/nome       | 412 | m | awaxixinga  | marina          | f | 8/17/93  | Prematuridade    | 8/17/93       | 657  | 0   | 1.80 | 0 |        |
| Hakangawa    | 413 | m | Piro'ia     | Yara            | f | 8/19/93  |                  | 1/1/80        | 655  | 0   | 1.79 | 0 |        |
| s/nome       | 414 | p | Waramia     | Akaxa'ia        | f | 9/3/93   | Acidente (Queda) | 9/3/93        | 640  | 0   | 1.75 | 0 | 4/6/95 |
| s/nome       | 415 | p | Motiapewa   | Akynaria        | f | 9/12/93  | Infanticidio     | 9/12/93       | 631  | 0   | 1.73 | 0 | 4/6/95 |
| Wari'ya      | 416 | p | Taraka'e    | Koxa'a          | f | 9/20/93  |                  | 1/1/80        | 623  | 0   | 1.71 | 0 | 4/6/95 |
| Orowi'a      | 417 | p | Warera      | Xoa'wy'yma      | m | 9/22/93  |                  | 1/1/80        | 621  | 0   | 1.70 | 0 | 4/6/95 |
| Rokoanga     | 418 | p | Araky'ta    | Toiwara         | m | 10/6/93  |                  | 1/1/80        | 607  | 0   | 1.66 | 0 | 4/6/95 |
| Koxatinga    | 419 | m | Paia        | Xoana           | f | 10/11/93 |                  | 1/1/80        | 602  | 0   | 1.65 | 0 |        |
| Ixy'ta       | 420 | p | Arawygooa   | Aywera          | f | 10/27/93 |                  | 1/1/80        | 586  | 0   | 1.60 | 0 | 4/6/95 |
| Xory'yma     | 421 | m | Xeteria     | Taxeria         | f | 11/4/93  |                  | 1/1/80        | 578  | 0   | 1.58 | 0 |        |
| Xawara'pyga  | 422 | p | Inataexona  | Kwai'ia         | m | 11/18/93 |                  | 1/1/80        | 564  | 0   | 1.54 | 0 | 4/6/95 |
| Iraema       | 423 | p | Xawatirona  | Piriwa'ia Surui | f | 11/18/93 |                  | 1/1/80        | 564  | 0   | 1.54 | 0 | 4/6/95 |
| Mara'ia      | 424 | m | Tywyga      | Wawerassu Surui | m | 8/1/91   |                  | 1/1/80        | 1404 | 0   | 3.84 | 0 |        |
| Takorawa     | 425 | p | Piriria     | Tatoo           | m | 12/30/93 |                  | 1/1/80        | 522  | 0   | 1.43 | 0 | 4/6/95 |
| Ikatooa      | 426 | p | Araky'ta    | Apekatinga      | f | 1/10/94  |                  | 1/1/80        | 511  | 0   | 1.40 | 0 | 4/6/95 |
| s/nome       | 427 | m | toi'ia      | my'yma          | f | 2/4/94   |                  | 5/7/94        | 486  | 92  | 1.33 | 0 |        |
| Inata'ywa    | 428 | p | Itako'oo    | Teeap'ee        | f | 4/7/94   |                  | 1/1/80        | 424  | 0   | 1.16 | 0 | 4/6/95 |
| Amo'a        | 429 | m | Kopia       | Arayra          | m | 4/15/94  |                  | 1/1/80        | 416  | 0   | 1.14 | 0 |        |
| Ko'ia        | 430 | m | Apinana     | Waraxira        | f | 4/15/94  |                  | 1/1/80        | 416  | 0   | 1.14 | 0 |        |
| Nenia        | 431 | p | Xakoria     | Many'ypotira    | f | 4/15/94  |                  | 1/1/80        | 416  | 0   | 1.14 | 0 | 4/6/95 |
| s/nome       | 432 | m | Awaxixinga  | Marina          | m | 5/14/94  |                  | 5/14/94       | 387  | 0   | 1.06 | 0 |        |
| Aooma        | 433 | p | Awaka'ia    | Kyreoxa         | f | 5/18/94  |                  | 1/1/80        | 383  | 0   | 1.05 | 0 | 4/6/95 |
| s/nome       | 434 | p | Mokaxiwa    | Xywapokoa       | m | 5/31/94  |                  | 5/31/94       | 370  | 0   | 1.01 | 0 | 4/6/95 |
| Koirawa      | 435 | p | Aka'opotyra | Emora           | f | 6/2/94   |                  | 1/1/80        | 368  | 0   | 1.01 | 0 | 4/6/95 |

|            |     |   |             |                 |   |          |            |     |     |      |   |        |
|------------|-----|---|-------------|-----------------|---|----------|------------|-----|-----|------|---|--------|
| Yrema      | 436 | p | Moakara     | Tenywapewa      | f | 7/19/94  | 1/1/80     | 321 | 0   | 0.88 | 0 | 4/6/95 |
| s/nome     | 437 | m | Tywyga      | Wawerassu Surui | f | 7/29/94  | 1/1/80     | 311 | 0   | 0.85 | 0 |        |
| Yyma       | 438 | p | Apoena      | Ywyra           | f | 8/24/94  | 1/1/80     | 285 | 0   | 0.78 | 0 | 4/6/95 |
| Ararakytia | 439 | p | Waramia     | Akaxa'ia        | m | 8/25/94  | 4/6/95     | 284 | 224 | 0.78 | 0 | 4/6/95 |
| s/nome     | 440 | p | Ypirakye'   | Teria           | f | 9/19/94  | 1/1/80     | 259 | 0   | 0.71 | 0 | 4/6/95 |
| s/nome     | 441 | p | Apytera     | Terexena        | f | 10/4/94  | 1/1/80     | 244 | 0   | 0.67 | 0 | 4/6/95 |
| s/nome     | 442 | p | Motiapewa   | Akynaria        | m | 10/8/94  | s 10/22/94 | 240 | 14  | 0.66 | 0 | 4/6/95 |
| s/nome     | 443 | p | Apekwarara  | Xorema          | f | 12/12/94 | 1/1/80     | 175 | 0   | 0.48 | 0 | 4/6/95 |
| s/nome     | 444 | m | Tyge        | Yrema           | m | 12/15/94 | 1/1/80     | 172 | 0   | 0.47 | 0 |        |
| s/nome     | 445 | m | Namikwarawa | Ty'yma          | f | 12/20/94 | 1/1/80     | 167 | 0   | 0.46 | 0 |        |
| s/nome     | 446 | m | Arowawia    | Axowa           | f | 12/22/94 | 1/1/80     | 165 | 0   | 0.45 | 0 |        |
| s/nome     | 447 | p | Inataexona  | Morowyra        | f | 1/1/95   | 1/1/80     | 155 | 0   | 0.42 | 0 | 4/6/95 |
| s/nome     | 448 | p | Tekwaria    | Ixomeretinga    | f | 1/15/95  | 1/1/80     | 141 | 0   | 0.39 | 0 | 4/6/95 |
| s/nome     | 449 | p | Ywyrapita   | Ha'ataporotia   | m | 1/24/95  | 1/1/80     | 132 | 0   | 0.36 | 0 | 4/6/95 |
| s/nome     | 450 | m | Tearoa      | Axioma          | m | 1/29/95  | 1/1/80     | 127 | 0   | 0.35 | 0 |        |
| s/nome     | 451 | p | Wawa        | Aoote           | f | 2/21/95  | 1/1/80     | 104 | 0   | 0.28 | 0 | 4/6/95 |
| s/nome     | 452 | p | Karowarywa  | Porake'ia       | f | 2/27/95  | 1/1/80     | 98  | 0   | 0.27 | 0 | 4/6/95 |
| s/nome     | 453 | p | Axoa        | Marikatoa       | m | 2/27/95  | s 3/18/95  | 98  | 19  | 0.27 | 0 | 4/6/95 |
| s/nome     | 454 | p | Xywaipyga   | Morehapoi Surui | m | 3/1/95   | 1/1/80     | 96  | 0   | 0.26 | 0 | 4/6/95 |
| s/nome     | 455 | p | Kwatinema   | Koxatinga       | m | 3/20/95  |            | 77  |     | 0.21 |   | 4/6/95 |
| s/nome     | 456 | p | Ywyrapita   | Omariwara       | f | 3/22/95  |            | 75  |     | 0.21 |   | 4/6/95 |
| s/nome     | 457 | p | Pakaxaria   | Te'ia           | f | 4/5/95   |            | 61  |     | 0.17 |   | 4/6/95 |
| s/nome     | 458 | p | Amynyxoa    | Maranine        | m | 4/11/95  |            | 55  |     | 0.15 |   |        |
| s/nome     | 459 | p | Awaete'a    | Haxarexare      | f | 4/17/95  |            | 49  |     | 0.13 |   |        |



PROGRAMA PARAKANA

POPULACAO PARAKANA

| ANO        | ALDEIA LONTRA/PARANATINGA | ALDEIA PUCURUI/MAXOEWARA | TOTAL     |
|------------|---------------------------|--------------------------|-----------|
| 71/2       | 200                       | 0                        | 200       |
| 76         | 96                        | CONTATADOS 40            | 136       |
| 83         | 136                       | CONTATADOS 44 84         | 220       |
| 83 - AM    | 139                       | 72                       | 211       |
| 87 - IP    | 160                       | 87                       | 247       |
| 89 - 31/12 | 183                       | 108                      | 291       |
| 90 - 31/12 | 198                       | 115                      | 313       |
| 91 - 31/12 | 208                       | 122                      | 330 =     |
| 92 - 31/12 | 223                       | 127                      | 350 = 970 |
| 93 - 31/12 | 239                       | 136                      | 375       |
| 94 - 31/12 | 250                       | 141                      | 391       |

AM = ANTES DA MUDANCA DAS ALDEIAS

IP = INICIO DO PROGRAMA

PROGRAMA PARAKANA

O Programa Parakana resulta de compromissos assumidos pela ELETRONORTE, como acoes mitigadoras dos efeitos impactantes das obras da UHE TUCURUI e do seu reservatorio sobre as terras e comunidade indigena Parakana. E o cumprimento do artigo terceiro do Decreto nr.91.028/85 de 05.03.85.

O PROGRAMA PARAKANA, foi elaborado por uma equipe de tecnicos, multidisciplinar e interinstitucional, constituída por tecnicos da FUNAI e da ELETRONORTE, financiado pela ELETRONORTE com o objetivo de encontrar as formas para o cumprimento do artigo terceiro do Decreto nr.91.028/85, onde e determinado que a ELETRONORTE promova o ressarcimento dos prejuizos provocados aos Parakana, pela interferencia da hidreletrica de Tucurui em suas terras e nas suas vidas.

Os entendimentos entre a FUNAI e a ELETRONORTE

resultaram em que o ressarcimento dar-se-ia através de um programa de assistência e apoio a comunidade indígena Parakana.

Na fase de elaboração do PROGRAMA, os Parakana, se encontravam tentando sobreviver a um processo depopulacional instalado na comunidade desde os primeiros contatos com a sociedade nacional.

No início da década de 70, quando da construção da estrada Transamazônica, a FUNAI na tentativa de diminuir os possíveis impactos das obras da referida estrada, promoveu os contatos com grupos de índios Parakana, que se encontravam isolados do contato com a sociedade nacional.

Estes contatos se deram de forma desajustada e provocaram problemas sérios de saúde entre a população PARAKANA.

De um grupo de 200 indivíduos contactados pela FUNAI e aldeados no Igarapé Lontra, em 1976 só restaram 96, os outros morreram de doenças adquiridas em contatos com trabalhadores, transeuntes da Transamazônica e funcionários da FUNAI.

Outros dois grupos foram contactados em 1976 - 40 índios e em 1983 - 44 índios - mas também já em 1984 somavam apenas 72 índios.

Em 1974, a ELETRONORTE após configurar os contornos do reservatório da UHE TUCURUI, comunicou o fato a FUNAI, procurando informá-la de que as águas do reservatório poderiam atingir as duas aldeias dos Parakana existentes na área. Daí iniciou-se contatos que culminaram na celebração de um convênio (1978) entre ELETRONORTE e FUNAI visando promover a remoção dos Parakana aldeados no Igarapé Lontra - na Reserva indígena Parakana e os aldeados nas proximidades da Base Avançada de Pucurui, na área denominada Área Indígena do Posto Indígena Pucurui, para outras localidades dentro da área conhecida como de uso dos Parakana.

A situação das terras dos Parakana encontrava-se da seguinte forma: Desde 1971, 13/07/71, que se encontrava criada e demarcada uma área chamada Reserva Indígena Parakana com 189.681 ha (Decreto nº. 68913/71) onde habitava um grupo de Parakana nas proximidades do Igarapé Lontra.

Um outro grupo habitava uma aldeia das proximidades no Posto Pucurui da FUNAI, na área conhecida como área indígena Pucurui, com 23.288 ha. não demarcados.

Simultaneamente a estes contatos da ELETRONORTE com a FUNAI e a assinatura do convênio visando promover a remoção das duas aldeias da área de influência direta do reservatório, a FUNAI instalava dentro da área Pucurui, nas proximidades da aldeia dos Parakana um projeto de aproveitamento madeireiro, que visava o corte e venda de madeiras nobres que iriam ficar submersas quando da formação do reservatório.

Em seguida este projeto e todo o potencial madei-



reiro foi entregue a empresa CAPEMI, para a instalacao de seu projeto economico.

O convenio assinado com a FUNAI nao cumpriu os seus objetivos, pois nada de concreto foi feito para que as mudancas da populacao das duas aldeias fossem realizadas de forma a nao criar mais problemas para os indios. Eles praticamente fizeram suas mudancas sozinhos, sem o apoio necessario e previsto no convenio.

A area efetivamente inundada pelo reservatorio, atingiu 38.700 hectares das duas areas ocupadas pelos Parakana. Um acordo celebrado entre a FUNAI E GETAT, desmembrou das duas areas indigenas, mais 56.968 hectares, que foram utilizados para reassentamento de cerca de 700 familias de colonos.

Como resultante de acoes institucionais entre FUNAI, ELETRONORTE e CIA. VALE DO RIO DOCE, em 1985 a nova area indigena PARAKANA, foi reconhecida e demarcada oficialmente atraves do Decreto 91.028/85, de 05.03.85.

Em seguida a ELETRONORTE promove o desintrusamento da area, remanejando cerca de 50 familias que ocupavam parte da nova area demarcada. Por solicitacao dos Parakana a ELETRONORTE constroi uma estrada vicinal ligando a aldeia a estrada Transamazonica.

Inicia-se os entendimentos entre a ELETRONORTE e FUNAI para o cumprimento do artigo terceiro do Decreto 91.028/85, de 05.03.85, onde determina que a ELETRONORTE deveria ressarcir a comunidade Parakana pelos prejuizos provocados pelo reservatorio da UHE TUCURUI ao seu territorio e em suas vidas.

#### PROGRAMA PARAKANA

Em 1987 foi assinado entre a ELETRONORTE e FUNAI o Termo de Compromisso nr. 001/87, cujo objetivo era a elaboracao de um Programa de Assistencia a Comunidade Indigena Parakana, em todos os niveis necessarios.

Foi constituido um grupo de trabalho, multidisciplinar entre tecnicos da FUNAI e ELETRONORTE, que apos varios estudos, elaborou o Programa Parakana, onde sao previstas acoes no campo de Saude, Educacao, Apoio a Producao, Vigilancia dos Limites, Obras e Infra-estrutura e Apoio Administrativo. O Programa Parakana foi aprovado em Junho de 1988, TERMO ADITIVO NR.002/88 e teve seu inicio em Setembro do mesmo ano.

## OS OBJETIVOS DO PROGRAMA SAO:

1. Equilibrar as relacoes economicas e culturais entre a comunidade Parakana e a sociedade nacional.
2. Garantir o usufruto exclusivo pelos Parakana da area demarcada;
3. Melhorar as condicoes gerais de vida segundo as aspiracoes dos proprios indios;
4. Ampliar a compreensao dos Parakana acerca da realidade socio-politica brasileira.

Para facilitar a coordenacao, acompanhamento e avaliacao das atividades, decidiu-se pelo seu agrupamento em Sub-Programas que, ao mesmo tempo, definem as areas de atuacao do Programa, a saber: Sub-Programa de Saude, Sub-Programa de Educacao, Sub-Programa de Apoio a Producao, Sub-Programa de Vigilancia de Limites, Sub-Programa de Obras e Infra-Estrutura e Sub-Programa de Apoio Administrativo.

Inicialmente utilizou-se da propria estrutura da FUNAI para viabilizar as acoes do Programa, entretanto devido dificuldades proprias da FUNAI avaliou-se que seria mais pratico se o Programa contasse com estrutura propria exclusiva para atender as acoes previstas. A localizacao em Maraba, muito distante da area indigena dificultava tambem o prosseguimento dos trabalhos, aumentando ainda os seus custos.

Optou-se para instalacao de um escritorio em Tucuruí, onde de mais perto e dentro da regioao geo-economica onde se encontra a area indigena Parakana, melhorasse o nivel de apoio as acoes de cada sub-programa.

Para acompanhamento e fiscalizacao das acoes foi criado o Conselho Consultivo do Programa Parakana Comissao de Acompanhamento e Fiscalizacao do Programa Parakana, composto de 2 membros da ELETRONORTE e 2 da FUNAI, que trimestralmente avalia os trabalhos realizados e a Programacao para o trimestre futuro.

## SAUDE

A historia dos Parakana, esta marcada por epidemias e doencas contraidas apos os primeiros contatos com a nossa sociedade, o que resultou em menos de 2 anos na diminuicao de cerca de 60% da populacao contatada. (Entre 1971 a 1976)

No inicio do Programa, a saude ficou entregue ao sistema medico da FUNAI, as Equipes Volantes de Saude, que devido ter que atender nao so os Parakana, mas um grande numero de outras comunidades, nao correspondia ao proposto nas acoes do Programa Parakana.

Buscou-se montar um sistema proprio de saude, nao so para os atendimentos primarios, mas tambem para os atendimentos



secundarios e terciarios.

Alem de um Medico para coordenar os trabalhos, contratou-se Enfermeiras de nivel superior e Auxiliares de Enfermagem, que vem realizando trabalhos de saude preventiva e curativa.

Foi celebrado tambem convenios com hospitais para o atendimento secundario e terciario.

Foi implantado um sistema informatizado de controle de saude, com banco de dados completo sobre toda a populacao Parakana e atraves de analises tecnicos consegue-se monitorar com sucesso as condicoes de saude do grupo indigena.

Como medida preventiva, todos os indios foram vacinados contra todas as doencas preveniveis e montado sistema para dar continuidade ao processo de vaccinacao.

O atendimento odontologico passou a ser tercerizado com contratacao de profissionais autonomos que periodicamente prestam atendimento aos Awaete.

O combate a malaria desde o inicio do Programa, vem sendo realizado pela Fundacao Nacional de Saude e atualmente completada por acao profilatica com tecnicos da F.N.S. do Instituto de Medicina Tropical de Manaus.

Foram adquiridos equipamentos para o combate aos mosquitos e os tecnico dos Programa foram treinados para monitorar a presenca de mosquitos na area, como tambem o seu combate, pesquisas de plasmodio e tratamento radical.

Continuou-se encaminhando a rede hospitalar local (Tucurui) e de Belem no atendimento terciario de saude.

## EDUCACAO

Os Parakana, antes da implantacao do Programa, pouco tiveram acesso a processos educativos.

Apenas uma professora, esteve na area tentando implantar uma escola, aos moldes regionais.

Entretanto devido a resistencia e dificuldades de aprenderem o portugues, a escola nao obteve nenhum sucesso.

O Programa tentou implementar por duas vezes o processo de ensino, contratando linguistas, mas devido problemas politicos-administrativos nao se conseguiu no inicio implantar um sistema

de aprendizado da grafia da lingua Parakana.

Somente em 1991, conseguiu-se contratar um linguista e uma equipe de agentes de educacao para a implantacao do sub-programa.

Funciona hoje nas duas aldeias escolas informais, mas que conseguiram transformar a maioria dos Parakana de agrafos a conhecedores da escrita.

Buscou-se sempre o metodo de nao interferir no processo deixando que os proprios indios buscassem seus caminhos, participando apenas os agentes de educacao, na orientacao quanto aos metodos de grafia em comparacao ao idioma portugues.

Hoje a maioria dos adultos Parakana ja escrevem textos em sua propria lingua e alguns ja escrevem tambem em Portugues.

Apos a instalacao das "escolas" sem um curriculo previamente estabelecido e ate mesmo sem uso de livros ou cartilhas, sempre tendo como referencial maior a cultura e a historia dos Parakana, contada por eles mesmos.

A valorizacao da vida e da cultura Parakana tem provocado entre eles uma busca constante a seus valores maiores e um retorno a pratica de seus rituais e festas.

Iniciou-se tambem processo de repasse de conhecimentos quanto a comercializacao de seus excedentes agricolas e na movimentacao dos recursos na fase de aquisicao de bens de consumo nao produzidos por eles.

#### APOIO A PRODUCAO E MEIO AMBIENTE

Desde os primeiros contatos dos Parakana com a sociedade nacional que foi implantado um sistema paternalista no relacionamento, onde lhes era fornecido todos bens que passaram a necessitar, incluindo ai ate a propria alimentacao.



Neste processo chegaram a deixar de fazer rocas esperando que a FUNAI ou outra entidade lhes dessem tudo.

O Programa buscou exatamente acabar com processo humilhante de dependencia, fomentando a formacao de rocas e de plantio de culturas permanentes. Os Parakana ja sao possuidores de grandes rocados, comercializam excedentes como Bananas, arroz, farinha, aboboras, de sua producao. Do extrativismos comercializam, Cupuacu, Castanha e Acai.

Introduziu-se uma politica de protecao a Fauna e a Flora, proibindo que nao indios retirem da area indigena qualquer especie da fauna ou flora e ao mesmo tempo informando os indios sobre a necessidade de conservacao das riquezas naturais.

Iniciou-se um projeto de controle de mosquitos "mansonias" na area com participacao tecnica da Fundacao Nacional de Saude (Ex-Sucam) e ELETRONORTE.

As medidas de combate aos mosquitos atraves de borrifacao e outras medidas como limpeza peri-domiciliar etc. sempre seguindo o monitoramento recomendado, vem alcançando bons resultados, principalmente apos a introducao da metodologia recomendada por entomologo do IMTM.

#### VIGILANCIA DOS LIMITES

O Programa vem desenvolvendo, com parceria dos Parakana, processo de vigilancia da area indigena demarcada.

Foram instalados 2 (dois) postos de vigilancia no limite oeste da area indigena, com a contratacao de equipe de

vigilantes que periodicamente realiza vistoria nos principais pontos vulneraveis a invasoes.

Foram adquiridos equipamentos de comunicacao para os referidos postos e uma viatura para apoio as acoes de fiscalizacao.

Limpeza dos piques demarcatorios foram realizados e deve se repetir periodicamente este servico, que mantem as linhas demarcatorias visiveis.

#### APOIO TECNICO ADMINISTRATIVO

O escritorio de apoio ao Programa se encontra instalado na cidade de Tukurui, local tambem que serve para alojamento dos Parakana quando estes necessitam se deslocarem a Tukurui.

Funciona um sistema de radio fonia com comunicacao com as duas aldeias e postos de vigilancia. Mantem-se fun-



cionando, sistema de transporte rodoviario e fluvial, com viaturas e barcos, incluindo um caminhao para transporte dos produtos dos Parakana, para comercializacao.

Mantem-se perfeito controle atraves de computador de todo o processo administrativo desenvolvido pelo Programa, incluindo controle de consumo de medicamentos e materiais.

Para suprir as dificuldades de contratacao de pessoal, foi fundada a Associacao de Apoio ao Programa Parakana, que atraves de Convenio com o proprio Programa contribui com os tecnicos especializados para as diversas atividades do Programa.

Os bens adquiridos com recursos do Programa sao tombados em nome da comunidade Parakana e o seu controle segue as tecnicas da informatizacao implantada em todas as atividades do programa.

#### OBRAS E INFRA-ESTRUTURA

O Programa tem como linha principal o respeito a cultura Parakana e tem procurado evitar realizar qualquer construcao fora dos padroes arquitetonicos dos Parakana.

Nenhuma construcao de apoio foi feita com material que nao existisse na area. Optou-se por paredes de paus

rolicos, telhados de cavacos etc.

Existe uma antiga reivindicaçao dos Parakana para que se construa casas para a comunidade aos moldes das casas dos colonos nao indios.

A politica do Programa e nao faze-las e sim estimula-los a voltar a construir as suas casas grandes, como tradicionalmente faziam, pois entende-se que eles e que devem fazer suas proprias casas e nao o Programa.

Nesse sentido foi realizado uma pesquisa pela Fundaçao DAM, com o objetivo de se identificar as formas de uso das casas Parakana e inventariado todos os materiais existentes nas proximidades da aldeia Paranatinga, que possa a vir ser utilizado nas construcoes das casas.

Com o apoio da Prefeitura de Itupiranga, foi construida uma estrada que liga a aldeia Maroxewara as estradas vicinais de acesso a Transamazonica.

A manutençao da estrada que liga a aldeia Paranatinga a estrada Transamazonica, contou tambem com o apoio da Prefeitura de Novo Repartimento.

Foram construidas uma escola e uma enfermaria na aldeia Maroxewara nos moldes tido como rusticos e com material extraido da regioao com arquitetura semelhante as construcoes Parakana.

Para armazenamento da producao de graos dos Parakana, foi construido na aldeia Paranatinga um armazem que serve tambem para funcionamento de uma pequena industria de beneficiamento de arroz e milho.

Foram perfurados 5 (cinco) pocos para captaçao dagua e recuperados os existentes para melhoria de abastecimento dagua potavel das duas aldeias.

O Programa vem mostrando resultados positivos quanto a acoes indigenistas junto a uma comunidade indigena. O trabalho ainda nao esta consolidado devido ao pouco tempo e principalmente por se tratar de um trabalho de recuperacao de um grupo indigena que esteve a beira do exterminio enquanto etnia e conduzido a um pro-



cesso de dependencia total de nossa sociedade.

O Programa Parakana, e uma acao indigenista como forma de atenuar os impactos provocados pela interferencia da UHE TUCURUI nas terras dos Parakana. E ao mesmo tempo uma acao visando tambem corrigir as falhas advindas do processo de contato anterior a construcao do empreendimento.

Dezembro de 1994

PROGRAMA PARAKANA

POPULACAO PARAKANA

| ANO<br>TAL  | ALDEIA LONTRA/PARANATINGA | ALDEIA PUCURUI/MAROXOEWARA | TO- |
|-------------|---------------------------|----------------------------|-----|
| 71/2        | 200                       | 0                          | 200 |
| 76          | 96                        | CONTATADOS 40              | 136 |
| 83          | 136                       | CONTATADOS 44 84           | 220 |
| 83 - AM     | 139                       | 72                         | 211 |
| 87 - IP     | 160                       | 87                         | 247 |
| 89 - dez.89 | 183                       | 108                        | 291 |
| 90 - dez.90 | 198                       | 115                        | 313 |
| 91 - dez.91 | 208                       | 122                        | 330 |
| 92 - dez.92 | 223                       | 127                        | 350 |
| 93 - dez.93 | 239                       | 136                        | 375 |
| 94 - dez.94 | 250                       | 141                        | 391 |

AM = ANTES DA MUDANCA DAS ALDEIAS

IP = INICIO DO PROGRAMA



PROGRAMA PARAKANA

TERMO DE COMPROMISSO NR. 001/87 E ADITIVOS

REPASSES AO PROGRAMA E GASTOS DA ELETRONORTE - EM DOLAR

|                              |      |            |              |
|------------------------------|------|------------|--------------|
| 1. RECUPERACAO DE ESTRADA    | 1987 | 291.145,00 |              |
| 2. CONSTRUCAO PISTA DE POUSO | 1987 | 191.376,00 |              |
| 3. AQUISICAO TOYOTA          | 1987 | 35.000,00  |              |
| 4. REPASSES AO PROGRAMA      | 1987 | 76.298,34  |              |
| TOTAL           EM           | 1987 |            | 593.819,34   |
| 5. REPASSES                  | 1988 |            | 155.048,89   |
| 6. REPASSES                  | 1989 |            | 220.771,97   |
| 7. REPASSES                  | 1990 |            | 239.009,06   |
| 8. REPASSES                  | 1991 |            | 451.853,98   |
| 9. REPASSES                  | 1992 |            | 231.752,05   |
| 10. REPASSES - 2. ETAPA      | 1993 | 140.996,84 |              |
| 11. REPASSES - 3. ETAPA      | 1993 | 31.034,48  | 172.031,32   |
| 12. REPASSES - 3. ETAPA      | 1994 |            | 343.072,97   |
| TOTAL .....                  |      | US\$       | 2.407.359,58 |

DOIS MILHOES QUATROCENTOS E SETE MIL TRESENTOS E CINQUENTA  
E NOVE DOLARES E CINQUENTA E OITO CENTAVOS

A EQUIVALENCIA DO DOLAR FOI FEITO CONSIDERANDO O DOLAR  
COMERCIAL DE VENDA DO ULTIMO DIA DO MES

PROGRAMA PARAKANA

TERMO DE COMPROMISSO NR. 001/87 E ADITIVOS

REPASSES AO PROGRAMA E GASTOS DA ELETRONORTE - EM DOLAR

|                              |      |            |              |
|------------------------------|------|------------|--------------|
| 1. RECUPERACAO DE ESTRADA    | 1987 | 291.145,00 |              |
| 2. CONSTRUCAO PISTA DE POUSO | 1987 | 191.376,00 |              |
| 3. AQUISICAO TOYOTA          | 1987 | 35.000,00  |              |
| 4. REPASSES AO PROGRAMA      | 1987 | 76.298,34  |              |
| TOTAL EM                     | 1987 |            | 593.819,34   |
| 5. REPASSES                  | 1988 |            | 155.048,89   |
| 6. REPASSES                  | 1989 |            | 220.771,97   |
| 7. REPASSES                  | 1990 |            | 239.009,06   |
| 8. REPASSES                  | 1991 |            | 451.853,98   |
| 9. REPASSES                  | 1992 |            | 231.752,05   |
| 10. REPASSES - 2. ETAPA      | 1993 | 140.996,84 |              |
| 11. REPASSES - 3. ETAPA      | 1993 | 31.034,48  | 172.031,32   |
| 12. REPASSES - 3. ETAPA      | 1994 |            | 343.072,97   |
| TOTAL                        |      | .....US\$  | 2.407.359,58 |

DOIS MILHOES QUATROCENTOS E SETE MIL TRESENTOS E CINQUENTA E NOVE DOLARES E CINQUENTA E OITO CENTAVOS

A EQUIVALENCIA DO DOLAR FOI FEITO CONSIDERANDO O DOLAR COMERCIAL DE VENDA DO ULTIMO DIA DO MES

PROGRAMA PARAKANA

O Programa Parakana resulta de compromissos assumidos pela ELETRONORTE, como acoes mitigadoras dos efeitos impactantes das obras da UHE TUCURUI e do seu reservatorio sobre as terras e comunidade indigena Parakana. E o cumprimento do artigo terceiro do Decreto nr.91.028/85 de 05.03.85.

O PROGRAMA PARAKANA, foi elaborado por uma equipe de tecnicos, multidisciplinar e interinstitucional, constituída por tecnicos da FUNAI e da ELETRONORTE, financiado pela ELETRONORTE com o objetivo de encontrar as formas para o cumprimento do artigo terceiro do Decreto nr.91.028/85, onde e determinado que a ELETRONORTE promova o ressarcimento dos prejuizos provocados aos Parakana, pela interferencia da hidreletrica de Tucurui em suas terras e nas suas vidas.

Os entendimentos entre a FUNAI e a ELETRONORTE resultaram em que o ressarcimento dar-se-ia atraves de um programa de assistencia e apoio a comunidade indigena Parakana.

Na fase de elaboracao do PROGRAMA, os Parakana, se encontravam tentando sobreviver a um processo depopulacional instalado na comunidade desde os primeiros contatos com a sociedade nacional.



No inicio da decada de 70, quando da construcao da estrada Transamazonica, a FUNAI na tentativa de diminuir os possiveis impactos das obras da referida estrada, promoveu os contatos com grupos de indios Parakana, que se encontravam isolados do contato com a sociedade nacional.

Estes contatos se deram de forma desajustada e provocaram problemas serios de saude entre a populacao PARAKANA.

De um grupo de 200 individuos contactados pela FUNAI e aldeados no Igarape Lontra, em 1976 so restaram 96, os outros morreram de doencas adquiridas em contatos com trabalhadores, transeuntes da Transamazonica e funcionarios da FUNAI.

Outros dois grupos foram contactados em 1976 - 40 indios e em 1983 - 44 indios - mas tambem ja em 1984 somavam apenas 72 indios.

Em 1974, a ELETRONORTE apos configurar os contornos do reservatorio da UHE TUCURUI, comunicou o fato a FUNAI, procurando informa-la de que as aguas do reservatorio poderiam atingir as duas aldeias dos Parakana existentes na area. Dai iniciou-se contatos que culminaram na celebracao de um convenio(1978) entre ELETRONORTE e FUNAI visando promover a remocao dos Parakana aldeados no Igarape Lontra - na Reserva indigena Parakana e os aldeados nas proximidades da Base Avancada de Pucurui, na area denominada Area Indigena do Posto Indigena Pucurui, para outras localidades dentro da area conhecida como de uso dos Parakana.

HA  
S/A  
TERRA

A situacao das terras dos Parakana encontrava-se da seguinte forma: Desde 1971, 13/07/71, que se encontrava criada e demarcada uma area chamada Reserva Indigena Parakana com 189.681 ha(Decreto nr.68913/71)onde habitava um grupo de Parakana nas proximidades do igarape Lontra.

Um outro grupo habitava uma aldeia das proximidades no Posto Pucurui da FUNAI, na area conhecida como area indigena Pucurui, com 23.288 ha. nao demarcados.

Simultaneamente a estes contatos da ELETRONORTE com a FUNAI e a assinatura do convenio visando promover a remocao das duas aldeias da area de influencia direta do reservatorio, a FUNAI instalava dentro da area Pucurui, nas proximidades da aldeia dos Parakana um projeto de aproveitamento madeireiro, que visava o corte e venda de madeiras nobres que iriam ficar submersas quando da formacao do reservatorio.

Em seguida este projeto e todo o potencial madeireiro foi entregue a empresa CAPEMI, para a instalacao de seu projeto economico.

O convenio assinado com a FUNAI nao cumpriu os seus objetivos, pois nada de concreto foi feito para que as mudancas da populacao das duas aldeias fossem realizadas de forma a nao criar mais problemas para os indios. Eles praticamen-

te fizeram suas mudancas sozinhos, sem o apoio necessario e previsto no convenio.

A area efetivamente inundada pelo reservatorio, atingiu 38.700 hectares das duas areas ocupadas pelos Parakana. Um acordo celebrado entre a FUNAI E GETAT, desmembrou das duas areas indigenas, mais 56.968 hectares, que foram utilizados para reassentamento de cerca de 700 familias de colonos.

Como resultante de acoes institucionais entre FUNAI, ELETRONORTE e CIA. VALE DO RIO DOCE, em 1985 a nova area indigena PARAKANA, foi reconhecida e demarcada oficialmente atraves do Decreto 91.028/85, de 05.03.85.

Em seguida a ELETRONORTE promove o desintrusamento da area, remanejando cerca de 50 familias que ocupavam parte da nova area demarcada. Por solicitacao dos Parakana a ELETRONORTE constroi uma estrada vicinal ligando a aldeia a estrada Transamazonica.

Inicia-se os entendimentos entre a ELETRONORTE e FUNAI para o cumprimento do artigo terceiro do Decreto 91.028/85, de 05.03.85, onde determina que a ELETRONORTE deveria ressarcir a comunidade Parakana pelos prejuizos provocados pelo reservatorio da UHE TUCURUI ao seu territorio e em suas vidas.

#### PROGRAMA PARAKANA

Em 1987 foi assinado entre a ELETRONORTE e FUNAI o Termo de Compromisso nr. 001/87, cujo objetivo era a elaboracao de um Programa de Assistencia a Comunidade Indigena Parakana, em todos os niveis necessarios.

Foi constituido um grupo de trabalho, multidisciplinar entre tecnicos da FUNAI e ELETRONORTE, que apos varios estudos, elaborou o Programa Parakana, onde sao previstas acoes no campo de Saude, Educacao, Apoio a Producao, Vigilancia dos Limites, Obras e Infra-estrutura e Apoio Administrativo. O Programa Parakana foi aprovado em Junho de 1988, TERMO ADITIVO NR.002/88 e teve seu inicio em Setembro do mesmo ano.

#### OS OBJETIVOS DO PROGRAMA SAO:

1. Equilibrar as relacoes economicas e culturais entre a comunidade Parakana e a sociedade nacional.
2. Garantir o usufruto exclusivo pelos Parakana da area



demarcada;

3. Melhorar as condicoes gerais de vida segundo as aspiracoes dos proprios indios;

4. Ampliar a compreensao dos Parakana acerca da realidade socio-politica brasileira.

Para facilitar a coordenacao, acompanhamento e avaliacao das atividades, decidiu-se pelo seu agrupamento em Sub-Programas que, ao mesmo tempo, definem as areas de atuacao do Programa, a saber: Sub-Programa de Saude, Sub-Programa de Educacao, Sub-Programa de Apoio a Producao, Sub-Programa de Vigilancia de Limites, Sub-Programa de Obras e Infra-Estrutura e Sub-Programa de Apoio Administrativo.

Inicialmente utilizou-se da propria estrutura da FUNAI para viabilizar as acoes do Programa, entretanto devido dificuldades proprias da FUNAI avaliou-se que seria mais pratico se o Programa contasse com estrutura propria exclusiva para atender as acoes previstas. A localizacao em Maraba, muito distante da area indigena dificultava tambem o prosseguimento dos trabalhos, aumentando ainda os seus custos.

Optou-se para instalacao de um escritorio em Tucuruí, onde de mais perto e dentro da regioao geo-economica onde se encontra a area indigena Parakana, melhorasse o nivel de apoio as acoes de cada sub-programa.

Para acompanhamento e fiscalizacao das acoes foi criado o Conselho Consultivo do Programa Parakana Comissao de Acompanhamento e Fiscalizacao do Programa Parakana, composto de 2 membros da ELETRONORTE e 2 da FUNAI, que trimestralmente avalia os trabalhos realizados e a Programacao para o trimestre futuro.

## SAUDE

A historia dos Parakana, esta marcada por epidemias e doencas contraidas apos os primeiros contatos com a nossa sociedade, o que resultou em menos de 2 anos na diminuicao de cerca de 60% da populacao contatada. (Entre 1971 a 1976)

No inicio do Programa, a saude ficou entregue ao sistema medico da FUNAI, as Equipes Volantes de Saude, que devido ter que atender nao so os Parakana, mas um grande numero de outras comunidades, nao correspondia ao proposto nas acoes do Programa Parakana.

Buscou-se montar um sistema proprio de saude, nao so para os atendimentos primarios, mas tambem para os atendimentos secundarios e terciarios.

Alem de um Medico para coordenar os trabalhos, contratou-se Enfermeiras de nivel superior e Auxiliares de Enfermagem, que vem realizando trabalhos de saude preventiva e curativa.

Foi celebrado tambem convenios com hospitais para o atendimento secundario e terciario.

PROGRAMA PARAKANA

POPULACAO PARAKANA

| ANO<br>TAL  | ALDEIA LONTRA/PARANATINGA | ALDEIA PUCURUI/MAROXOEWARA | TO- |
|-------------|---------------------------|----------------------------|-----|
| 71/2        | 200                       | 0                          | 200 |
| 76          | 96                        | CONTATADOS 40              | 136 |
| 83          | 136                       | CONTATADOS 44 84           | 220 |
| 83 - AM     | 139                       | 72                         | 211 |
| 87 - IP     | 160                       | 87                         | 247 |
| 89 - dez.89 | 183                       | 108                        | 291 |
| 90 - dez.90 | 198                       | 115                        | 313 |
| 91 - dez.91 | 208                       | 122                        | 330 |
| 92 - dez.92 | 223                       | 127                        | 350 |
| 93 - dez.93 | 239                       | 136                        | 375 |





AM = ANTES DA MUDANCA DAS ALDEIAS

IP = INICIO DO PROGRAMA



s duas aldeias.

O Programa vem mostrando resultados positivos quanto a acoes indigenistas junto a uma comunidade indigena. O trabalho ainda nao esta consolidado devido ao pouco tempo e principalmente por se tratar de um trabalho de recuperacao de um grupo indigena que esteve a beira do exterminio enquanto etnia e conduzido a um processo de dependencia total de nossa sociedade.

O Programa Parakana, e uma acao indigenista como forma de atenuar os impactos provocados pela interferencia da UHE TUCURUI nas terras dos Parakana. E ao mesmo tempo uma acao visando tambem corrigir as falhas advindas do processo de contato anterior a construcao do empreendimento.

Dezembro de 1994

RELATÓRIO DE VIAGEM

ORDEM DE SERVIÇO Nº 0010/SUAF/86- 29.10.86.

Belém- 4ª SUER, Marabá-Adm.Reg. A.1. Parakanã, Tucuruí e Barragem da ELETRONORTE /PA.

Assunto: ÁREA INDÍGENA PARAKANÃ & ELETRONORTE

- Município de Itupiranga e Jacundá, PA.
- Decreto nº 91.028 de 05.03.85, declara área de ocupação dos índios PARAKANÃ.
- 317.000 ha.

Os Parakanã, de tronco linguístico tupi, contatados em 1971, (grupo do Igarapé do Lontra) hoje, residindo à margem direita do Igarapé Paranatĩ; e o outro grupo, Marudjewara, contatado em 1976, reside atualmente à margem esquerda do Rio do Meio.

No Igarapé Bom Jardim, afluente da margem direita do Rio Xingu, a 30 Km deste Rio, encontra-se a aldeia formada por dois outros grupos de Parakanã, contatados em NOV/83 e MAR/84.

Enfocaremos especificamente os dois primeiros grupos, Paranatĩ e Marudjewara, da Reserva Indígena Parakanã, em função de sua demanda atual com a ELETRONORTE, assunto em pauta, a saber, sua reivindicação de indenização e reparação (construção de uma estrada de acesso, uma ponte e casas residenciais para as famílias da aldeia Paranatĩ) como ressarcimento dos danos causados pela inundação de seu território pela Barragem de Tucuruí.

Antes de mais nada, queremos deixar claro, que essa questão deveria ter sido acordada antes da inundação e transferência dos grupos, evitando-se os desgastes atuais, com discussão a posteriori.

I- AS MEDIDAS

Em 1978 foi firmado um Convênio FUNAI/ELETRONORTE, para a implantação do "Projeto Parakanã", com o objetivo de atender os grupos Parakanã



aldeados nas Reservas Pucuruí e Parakanã, transferindo-os para outros locais até 1979, em razão da formação do lago.

1. A aldeia Paranatã iniciou seu êxodo em agosto de 1981, transferindo-se do Igarapé Lontra para Pucuruí; três meses depois, mudaram-se para o Rio Andorinha, onde construíram casas. Na Semana Santa de 1983, mudaram-se para o Igarapé Paranatã, e em 1984, adentraram mais 5 Km, igarapé acima, afastando-se da Rodovia Transamazônica, onde residem atualmente, a 12 Km da estrada.

2. A aldeia Marudjewara, foi transferida do 3º Acampamento em Pucuruí, no final de 1982.

Todas essas mudanças foram em função da inundação da Represa. Quatro anos de mudança, para um grupo Tupi, de tradição agrícola, com prejuízos para sua lavoura, principalmente o cultivo da mandioca, seu alimento básico, e de longo ciclo vegetativo! A própria expectativa da transferência de local levou os Parakanã a abandonarem o plantio de suas roças, deixando-os na dependência da FUNAI para se alimentarem.

Em 23.11.84, o presidente J. Figueiredo inaugurou a Usina de Tucuçuí.

O decreto presidencial foi assinado a 5 de março de 1985, sob o nº 9.1028, constando o seguinte em seu Art. 3º :

"As Centrais Elétricas do Norte do Brasil S/A-ELETRONORTE, ressarcirá a comunidade indígena pela perda da posse em decorrência da remoção para a outra área, na conformidade o parágrafo 4º, do artigo 20, da Lei 6.001, de 19 de dezembro de 1973, cujo valor será apurado pela Fundação Nacional do Índio, com a assistência da ELETRONORTE".

## II- O RESSARCIMENTO

Os danos causados a essa comunidade, ainda com poucos anos de contato, contato esse traumático, com acentuado índice de mortalidade por contaminação; e os desdobramentos posteriores, oriundos das mudanças constantes, não podem ser calculados ou quantificados monetariamente.

|                                |   |
|--------------------------------|---|
| Contato no Ig. Lontra- 70/71 - | 200 índios                                  |
| Final de 1971 -                | 92 índios                                   |
| 1972 -                         | 82 "  |
| 1976/77 -                      | 16 óbitos por epidemia de polio-<br>melite. |
| 1977 -                         | 102 índios                                  |
| 1979 -                         | 112 "                                       |
| 1981 -                         | 136 "                                       |
| 1984 -                         | 139 "                                       |

Trata-se de uma dívida da nossa sociedade para com esse povo; em função, inicialmente, da construção da Transamazônica (contato) e, recentemente, com a construção da Hidroelétrica de Tucuruí (mudança).

Agora, depois do fato consumado, é constrangedor ouvir os dois jovens líderes Parakanã exporem, pausada e calmamente, sua expectativa ante a reparação da sociedade branca, sociedade essa que conquistou seu território com presentes de missangas, facões e machados.

Por outra parte, vemos a questão sendo tratada pelos padrões da nossa sociedade, com a argumentação de que foram suficientemente compensados com a "doação" de um território bem maior que o anterior.

Acontece que esse território "doador" nada mais é que uma parte de seu território original, imemorial, que se estendia do Rio Tocantins ao Rio Xingu, área que disputavam com os araweté, Assurini e Kaiapó, finalmente atingida pelas frentes extrativistas, no passado, e por gateiros, ma deireiros e garimpeiros, em período recente, sendo por esses desalojados e posteriormente contatados pela FUNAI.

Além disso, a ELETRONORTE tem feito resistência ao valor apresentado pela FUNAI, argumentando sobre o valor da terra nua, excluindo-se o valor da massa florística.

Entretanto, tais discussões, a nosso ver, tangenciam o problema, procurando simplificá-lo, reduzindo-o a uma quantificação que, uma vez pago o valor estabelecido, deixaria os índios entregues à própria sorte.

A FUNAI teria cumprido o seu papel de tutora, gerenciando a ELETRONORTE ao cumprimento dos compromissos assumidos, e a ELETRONORTE, por sua vez, lavaria as mãos, tendo cumprido a sua parte.



### III- PROGRAMA PARAKANÁ

Considerando-se o estágio de aculturação dos Parakanã, as compulsões sofridas e as influências diretas e indiretas que estão vivenciando com as transformações que estão se verificando em seu ecossistema e no próprio meio social da região, torna-se necessário o acompanhamento e direcionamento desse processo através de um PROGRAMA.

Esse PROGRAMA a ser conveniado com a ELETRONORTE, deve ser cuidadosamente elaborado por técnicos interdisciplinares, dentro de uma perspectiva indigenista que considere o caráter dinâmico da comunidade Parakanã, para minimizar o impacto das transformações surgidas na região, e evitar que os índios percam o seu referencial e, desiludidos, frustrados e mesmo revoltados com a nossa sociedade, sejam marginalizados, transformando-se em pedintes à margem da Transamazônica.

O envolvimento da ELETRONORTE no PROGRAMA deve transcender o aspecto legal, previsto no Art. 3º do Dec. 91.028, constituindo-se numa oportunidade de participação no esforço de proteção e soerguimento dessa comunidade afetada pelo empreendimento por ela desenvolvido na região.

### IV - CONSTATAÇÕES E OBSERVAÇÕES COLHIDAS EM CAMPO (Dados para reflexão)

1. Contrariamente ao que pode-se imaginar após a leitura do texto anterior, a situação atual dos Parakanã pode ser considerada boa;
2. Possuem grandes roças, com fartura de mandioca e farinha. Estão produzindo um excedente de banana, que na semana anterior à nossa visita, lhes rendeu Cz\$ 9.000,00 no mercado de Tucuruí, onde comerciam;
3. Os efeitos da decomposição da matéria orgânica inundada pela represa fez com que os peixes fugissem para os igarapês e suas cabeceiras, aumentando a fartura dos índios;
4. Como nem tudo é perfeito, a formação do lago tem contribuição para o aumento dos casos de malária, com grande prejuízo à saúde da comunidade;
5. A malária é a principal doença responsável pelas mortes Parakanã;

6. Para minorar a situação de saúde dos Parakanã os casos mais graves têm sido atendidos no Hospital da Hidroelétrica em Tucuruí, de propriedade da ELETRONORTE;

7. A partir de 1978, essa assistência hospitalar mais a presença de um enfermeiro diplomado na aldeia do Lontra, contribuiu para baixar o índice de mortandade entre os índios, dando início ao aumento populacional (ver dados populacionais, pág. 3 );

8. Todavia, outros perigos ameaçam os Parakanã:

- a proximidade da estrada e o assentamento próximo de colonos, nos limites da Reserva, sem uma área de proteção, está favorecendo o convívio com não-índios, com o surgimento de amizades, oferecimento de cafezinho, compra de caça, oferecimento de comida, etc. Tais envolvimento sempre redundam em índios logrados; o contato com a cachaça está próximo;

- Os colonos invadem a Reserva para caçar. Os índios escutam os tiros e estão indignados, ameaçando dar uma lição nesses intrusos;

- A Adm. Regional de Marabá e o SPI. da ELETRONORTE de Tucuruí farão visitas aos colonos vizinhos para esclarecimento dessa questão e colocarão mais placas indicativas de Área Proibida;

9. A reivindicação dos índios para a construção de casas de alvenaria será danosa para a comunidade, que, entretanto, já não mora em casas de padrão Parakanã original (casas de palha, mas no padrão regional);

10. Esse assunto terá que ser tratado com cuidado, por que viram casas de alvenaria na cidade, gostaram e, agora, as querem também;

11. As casas de alvenaria, com piso de cimento e telhas de barro, como querem, serão dissonantes em seu estágio cultural. Outra questão é o seu costume de enterrar os mortos dentro de casa, no local onde era armada a rede da pessoa falecida;

12. Soubemos que as casas construídas na aldeia Marudjewara estão parecendo um conjunto do RNI em plena selva;

13. O modelo das casas deverá ser precedido de um estudo não só arquitetônico, mas também antropológico e sociológico e sobretudo, muita conversa com os índios;



14. Não existem invasores morando ou plantando dentro da Reserva e a vigilância deve ser cuidadosa para que não venham a ocorrer;

15. Detectamos o surgimento de uma "indústria" de indenização, procurando difundir na região o alarme de que os colonos assentados na parte não-inundada da antiga Reserva, no trecho do desvio da Transamazônica, estão sendo ameaçados pelos índios, querendo reaver a antiga área, pelo não recebimento ainda da indenização da ELETRONORTE;

16. Nada disso nos foi colocado pelos índios. Estão aborrecidos, isso sim, mas com a invasão de caçadores;

17. Tais colonos, presumimos, tendo esgotado a madeira de seus lotes, quando chegam a faturar 150 a 200 mil cruzados, querem receber novos lotes...

18. Os funcionários da ELETRONORTE em Tucuruí, são procurados à todo momento pelos colonos e estavam alarmados com medo dos índios;

19. Ouvimos três ou quatro desses colonos no curto período que estivemos nos escritórios da ELETRONORTE em Tucuruí. Suas estórias são contraditórias e imaginosas;

20. Fomos procurados pelo Presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Tucuruí, que se dizia do lado dos índios: "eles estão certos em querer reaver suas terras... porque a ELETRONORTE é muito tratante e não pagou a indenização..."

21. Essa mutreta poderia causar maiores prejuízos à ELETRONORTE para reassentar esses colonos, em número de 700, à razão de Cz\$ 96.000,00 por colono;

22. Será mais edificante para a ELETRONORTE investir também no povo Parakanã, que está fazendo a sua parte: trabalhando e até vendendo banana em Tucuruí! Resistindo culturalmente e aumentando sua população. Ainda estão puros e não foram estragados pelo convívio com a nossa sociedade. Merecem um PROGRAMA DE ASSISTÊNCIA que os livre do destino da maioria dos índios brasileiros, ditos aculturados.

Em, 10/10/80

CORNÉLIO VIEIRA DE OLIVEIRA  
Assessor/SUAF

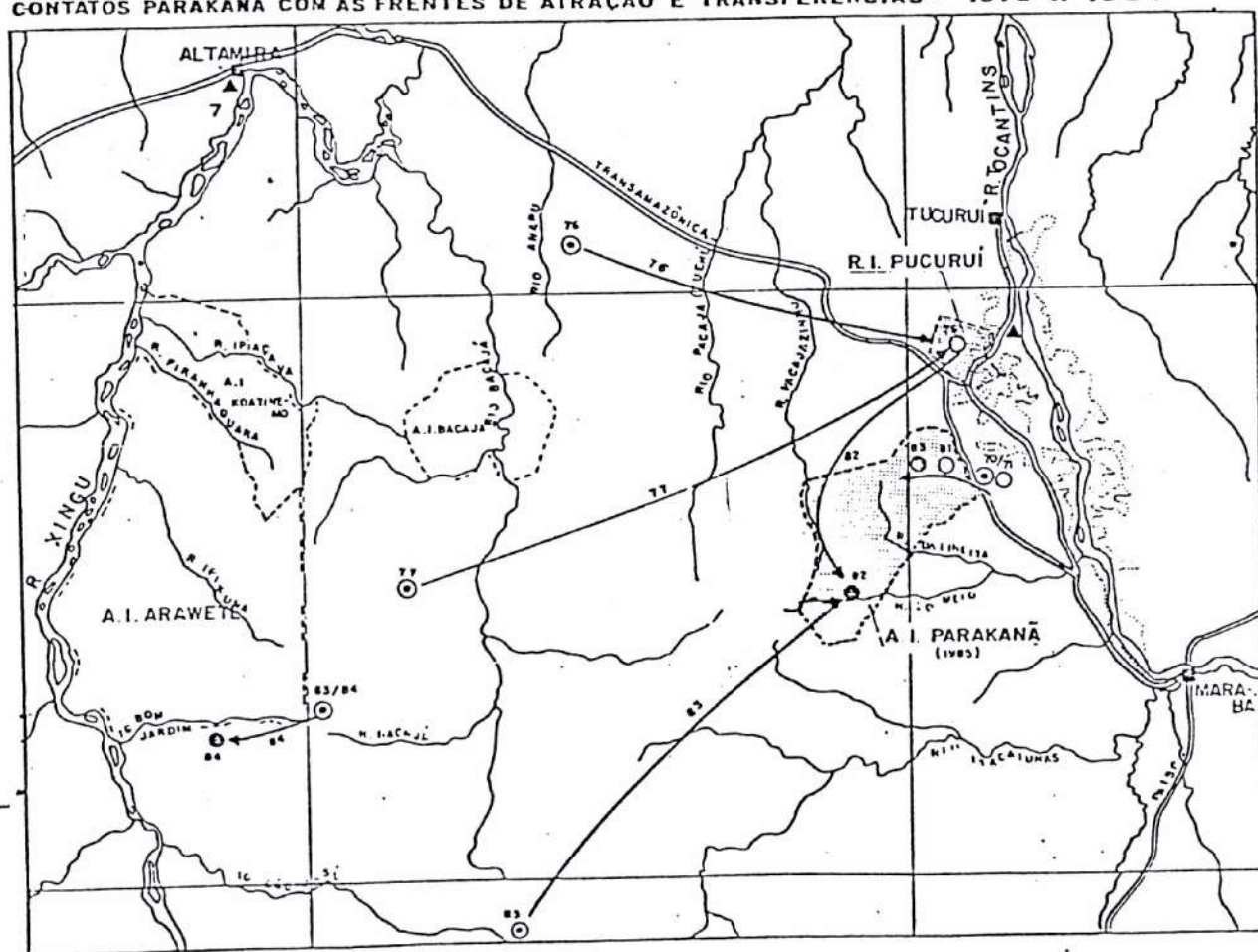
severa ainda que após o ano de 1927, os Parakanã voltaram a aparecer abertamente hostis à população regional, mostrando seus arcos. Todos os anos eles matavam pessoas, mas não mutilavam os corpos.

Nimuendajú informa ainda sobre uma expedição punitiva contra os Parakanã, naquele mesmo ano de 1928, e que culminou com a morte de alguns índios. Entretanto, Laraia (1967, 33) diz que essa expedição foi contra os Asuriní e organizada pelo engenheiro Amyntas Lemos. Para Nimuendajú, tal fato fora responsável pela extensão do do-

mínio Parakanã às cercanias da localidade de Joana Perez e ao alto Rio Jacundá, ao passo que para Laraia seriam os Asuriní do Tocantins que atacaram por volta de 1930 a Vila de Joana Perez, por ocasião da safra de castanha-do-pará. Laraia (1967, 32) baseou-se nos informes contidos no relatório anual do SPI.

De fato, no tocante aos ataques a Joana Perez, Laraia estava certo ao atribuí-los aos Asuriní. Corrobora esta afirmação a identificação das flechas datadas de 1940 e recolhidas em Joana Perez, atualmente incorporadas ao acervo

CONTATOS PARAKANÃ COM AS FRENTES DE ATRAÇÃO E TRANSFERÊNCIAS - 1970 A 1984



SINAIS CONVENCIONAIS

- PUNTO DE CONTATO COM AS FRENTE DE ATRAÇÃO
- ALDEIAS DESOCUPADAS
- ALDEIAS ATUAIS
- ▲ BASE AVANÇADA

- TRANSFERÊNCIAS
- COTA DE INUNDAÇÃO
- PERÍMETRO DE ÁREA
- LIMITE DE A.I.
- CURSO D'ÁGUA
- AUTO ESTRADA
- ▲ CIDADE

- 
- 
- 
- 
- 

ESCALA GRÁFICA







## documento

DECRETO N.º 91.022,  
DE 05 DE MARÇO DE 1985

*Declara de ocupação dos Índios Parakanã, a área de terras nos Municípios de Itupiranga e Jacundá, no Estado do Pará e determina outras providências.*

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 81, item III, da Constituição da República, e tendo em vista o que estabelecem o artigo 20, § 1º, alínea "d", § 2º, alínea "c" e dispositivos seguintes da Lei 6.001, de 19 de dezembro de 1973 (Estatuto do Índio).

## DECRETA:

Art. 1º Ficam declaradas de ocupação dos Índios "Parakanã" para efeito dos artigos 4º, IV e 198 da Constituição, as terras localizadas nos Municípios de Itupiranga e Jacundá, Estado do Pará, com a seguinte delimitação: NORTE: partindo do ponto 01, de coordenadas geográficas aproximadas 4º38'00"S e 50º21'45"Wgr, situado na foz de um igarapé sem denominação do Rio Pacajazinho, daí segue por uma linha reta com azimute aproximado 70º44'50" com distância aproximada 29.713,77 metros, até o ponto 02, de coordenadas geográficas aproximadas 4º32'40"S e 50º06'35"Wgr, situado na foz de um igarapé sem denominação no Rio Pucurul, daí segue pelo Rio Pucurul, sentido jusante, até o Ponto 03, de coordenadas geográficas aproximadas 4º25'55"S e 49º56'00"Wgr, situado na foz do Igarapé Andorinha no Rio Pucurul e na intersecção da faixa de domínio da BR-230 (Transamazônica) na referida foz, daí segue pela BR-230 (Transamazônica) sentido para Marabá, até o ponto 04, de coordenadas geográficas aproximadas 4º37'30"S e 49º42'15"Wgr, situado na intersecção da faixa de domínio da BR-230 (Variante da Transamazônica) com o Rio Bacuri; LESTE: daí segue pelo Rio Bacuri, sentido montante, até o ponto 05, de coordenadas geográficas aproximadas 4º46'30"S e 49º54'50"Wgr, situado na cabeceira do Rio Bacuri, daí segue por uma linha reta com o azimute aproximado 218º40'32" com distância aproximada 17.237,22 metros, até o ponto 06, de coordenadas geográficas aproximadas 4º53'50"S e 50º00'40"Wgr, situado na foz de um igarapé sem denominação no Rio da Direita, daí segue pelo igarapé sem denominação, sentido montante, até o ponto 07, de coordenadas geográficas aproximadas 4º57'40"S e 50º03'15"Wgr, situado na cabeceira do referido igarapé, daí segue por uma linha reta com azimute aproximado 205º03'57" com distância aproximada 14.574,65 metros, até o ponto 08, de coordenadas geográficas aproximadas 5º04'50"S e 50º04'25"Wgr, situado na margem esquerda de um igarapé sem denominação, daí segue pelo referido igarapé, sentido montante, até o ponto 09, de coordenadas geográficas aproximadas 5º10'00"S e 50º05'50"Wgr, situado na cabeceira do referido igarapé; SUL: daí segue por uma li-

nhá reta com o azimute aproximado 246º25'52" com distância aproximada 6.890,38 metros, até o ponto 10, de coordenadas geográficas aproximadas 5º11'30"S e 50º09'15"Wgr, situado na cabeceira de um igarapé sem denominação, daí segue por uma linha reta com o azimute aproximado 293º34'05" com distância 11.850,30 metros, até o ponto 11, de coordenadas geográficas aproximadas 5º08'20"S e 50º14'50"Wgr, situado na cabeceira de um igarapé sem denominação, daí segue por uma linha reta com o azimute aproximado 307º23'23" com distância aproximada 19.749,50 metros, até o ponto 12, de coordenadas geográficas aproximadas 5º01'50"S e 50º23'20"Wgr, situado na cabeceira do Rio do Meio; OESTE: daí segue por uma linha reta com o azimute aproximado 13º56'00" com distância aproximada 10.912,63 metros, até o ponto 13, de coordenadas geográficas aproximadas 4º56'05"S e 50º21'55"Wgr, situado na cabeceira do Rio Pacajazinho, daí segue pelo referido Rio, sentido jusante, até o ponto 01, ponto inicial da descrição deste perímetro.

Art. 2º Revertem ao patrimônio devoluto da União para utilização e destinação pelas Centrais Elétricas do Norte do Brasil S. A. — ELETRONORTE, e pelo Grupo Executivo das Terras do Araguaia — Tocantins-GETAT, as terras da antiga reserva "Parakanã" e da Base de Atração "Pucurul", representadas pela superfície medial entre o antigo traçado da BR-422 e a nova variante da BR-230, delimitada geograficamente pelo Rio Bacuri, bem como pelo Córrego Andorinha e o Rio Pucurul.

Art. 3º As Centrais Elétricas do Norte do Brasil S. A. — ELETRONORTE, ressarcirá a comunidade indígena pela perda da posse, em decorrência da remoção para a outra área, na conformidade do parágrafo 4º, do artigo 20, da Lei 6.001, de 19 de dezembro de 1973, cujo valor será apurado pela Fundação Nacional do Índio, com assistência da ELETRONORTE.

Art. 4º A Fundação Nacional do Índio — FUNAI, isoladamente ou em conjunto com a ELETRONORTE e o GETAT, deverá adotar as providências que forem necessárias à execução deste Decreto.

Art. 5º Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, 05 de março de 1985; 164ª da Independência e 97ª da República.

JOÃO FIGUEIREDO  
Mário David Andreazza  
Danilo Venturini





SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

TERMO DE CONTRATO

IBDF - DG  
Fl. 182  
Rel. 1

CEDI - P. I. B.  
DATA 03 06 86  
COD. PK D23

CONTRATO ENTRE O INSTITUTO BRASILEIRO DE DESENVOLVIMENTO FLORESTAL E A EMPRESA AGROPECUÁRIA CAPEMI INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA, PARA EXPLOTAÇÃO DE LOTES FLORESTAIS NA ÁREA DO FUTURO RESERVATÓRIO DA USINA HIDRELÉTRICA DE TUCURUI.

O INSTITUTO BRASILEIRO DE DESENVOLVIMENTO FLORESTAL, doravante denominado IBDF, entidade autárquica criada pelo Decreto-lei nº 289, de 28.02.67, sediado em Brasília-DF - Av. L-4 Norte-SAIN, representado neste ato por seu Presidente, MAURO SILVA REIS, e a empresa Agropecuária Capemi Indústria e Comércio Ltda, com sede à Rua Voluntários da Pátria, nº 45, na cidade do Rio de Janeiro-RJ, CGC nº 30456719/0001-00, a seguir denominada simplesmente CONTRATADA, neste ato representada por seu Diretor-Presidente, ADEMAR MESSIAS DE ARAGÃO, e por seu Diretor-Gerente, FERNANDO JOSÉ PESSÔA DOS SANTOS, firmam o presente contrato, sob as cláusulas e condições seguintes:

1. OBJETO

1.1. O objeto deste contrato é o aproveitamento máximo dos recursos florestais disponíveis nas áreas a serem inundadas por ocasião do enchimento do reservatório da Usina Hidrelétrica de Tucuruí, no Estado

do Pará, na forma do Edital 002/80, compreendendo os lotes florestais especificados no item 7 do Edital 002/80, denominados como lotes "A", "B", "C" e "D" como também os lotes experimentais caracterizados por "E1", "E2" e "E3", abrangendo corte, extração, transporte, estocagem, produção de carvão vegetal e comercialização.

- 1.2. Todas as áreas a que se refere o item anterior estão indicadas em cartas cartográficas, as quais passam a fazer parte integrante deste contrato.
- 1.3. Integrarão igualmente o presente ajuste todos os Termos de Referência Técnica, Ordens de Serviço a serem emitidas pelo IBDF, bem como as normas constantes do Edital 002/80, o cronograma de referência de execução dos serviços e a garantia contratual.
- 1.4. Poderão ser solicitados pelo IBDF à CONTRATADA quaisquer serviços complementares julgados necessários aos objetivos almejados, em condições previamente acordadas, inclusive a extensão da exploração para áreas subjacentes, passíveis de inundação e não compreendidas nos lotes de que trata o item 1.1. deste contrato.

## 2. EQUIPE DA CONTRATADA

- 2.1. A CONTRATADA designará um Coordenador, aprovado pelo IBDF, que permanecerá em horário integral no local dos serviços visando à realização do objeto do presente contrato.
- 2.2. O Coordenador terá autoridade decisória, sendo responsável pelo andamento dos serviços, devendo, em especial, atender às seguintes exigências:



- 2.2.1. Seguir fielmente todas as diretrizes traçadas pelo IBDF quanto aos objetivos deste contrato.
- 2.2.2. Atender a todos os prazos estabelecidos.
- 2.3. Em caso de impedimento ocasional do Coordenador este será substituído por um de seus auxiliares diretos, também credenciado por escrito e aprovado pelo IBDF.

3. ORDENS DE SERVIÇO

As Ordens de Serviço emitidas pelo IBDF para áreas expressamente liberadas conterá instruções complementares julgadas necessárias à execução dos trabalhos. É facultada à CONTRATADA encaminhar proposta das tarefas a serem objeto de Ordens de Serviço, cabendo ao IBDF pronunciarse no prazo de 10 (dez) dias úteis a partir da data de recebimento da proposta. Toda e qualquer Ordem de Serviço deverá ser devolvida ao IBDF, por cópia, devidamente assinada, no prazo máximo de 10 (dez) dias úteis a contar da data de seu recebimento. As Ordens de Serviço conterão em especial:

- 3.1. Indicação da (s) Área (s) liberada (s) para exploração.
- 3.2. Planejamento básico de execução.
- 3.3. Prazos de referência.
- 3.4 Cronologia de recebimento das parcelas da remuneração do IBDF relativa (s) à (s) área (s) liberada (s), compatível com o cronograma de referência contratual.

4. CONDIÇÕES GERAIS DE EXECUÇÃO DOS TRABALHOS

- 4.1. A execução dos serviços será orientada mediante as diretrizes constantes dos Termos de Referência Técnica elaborados pelo IBDF, bem como através das exigências especificadas pelas Ordens de Serviço.
- 4.2. A CONTRATADA poderá apresentar metodologia alternativa descrevendo técnicas para execução dos vários tipos de serviços, dentro das imposições contratuais, a qual ficará, todavia, sujeita à aprovação do IBDF.
- 4.3. Será facultada a utilização de serviços subcontratados.
- 4.4. Os serviços subcontratados a que se refere o item anterior deverão ser prévia e expressamente autorizados pelo IBDF em cada subcontratação que ultrapassar a 20% do valor contratual.
- 4.5. É inteiramente vedado à CONTRATADA transferir os direitos totais de exploração, sem consentimento prévio e por escrito do IBDF.
- 4.6. No planejamento dos serviços a CONTRATADA deverá dar especial atenção à eliminação de situações perigosas, que possam trazer riscos a terceiros, bem como a seus próprios empregados, ou que possam resultar em condições de trabalho penosas ou improdutivas.
- 4.7. Todas as pessoas que participarem dos serviços deverão ser convenientemente instruídas e motivadas, dentro do espírito de segurança do trabalho.

153





- 5.4.2. 90 dias para montagem das estruturas de acampamento.
- 5.4.3. 180 dias para treinamento, experimentações e adaptação até o início dos serviços em operação normal.

6. REMUNERAÇÃO DO IBDF E VALOR DO CONTRATO

- 6.1. A remuneração cabível ao IBDF decorrente da execução do presente contrato é CR\$ 1.150.000.000,00 (um bilhão cento e cinquenta milhões de cruzeiros) que representa o valor contratual.
- 6.2. O valor fixado no item anterior compreende as estimativas de remuneração mínima também para exploração da área experimental "E2", incluída no lote "B", tudo conforme indicação nos mapas a que se refere o item 1.2 deste Contrato.
- 6.3. As condições do pagamento devido ao IBDF serão estabelecidas pelas Ordens de Serviço, com base no Cronograma de Execução dos Serviços e de Remuneração que fazem parte integrante do presente contrato.
- 6.4. A primeira parcela relativa à remuneração do IBDF deverá ser paga em 180 dias, contados do término do prazo a que se refere a cláusula 5.4.3.
- 6.5. A partir do pagamento da primeira parcela, as demais serão trimestrais, devendo ser recolhidas até o dia 10 (dez) do mês subsequente ao do trimestre a que se referirem.



- 6.6. Decorridos 12 (doze) meses do término do prazo a que se refere a cláusula 5.4.3, o saldo da remuneração cabível ao IBDF será reajustado anualmente de acordo com a variação das Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional - ORTN.
- 6.7. É facultado à CONTRATADA antecipar o pagamento das parcelas devidas ao IBDF detalhadas no "CRONOGRAMA BÁSICO DE EXECUÇÃO DOS SERVIÇOS E DE REMUNERAÇÃO DO IBDF", que integram o presente ajuste.
7. FISCALIZAÇÃO
- 7.1. O IBDF exercerá completa fiscalização dos serviços contratados sendo-lhe facultado exigir a apresentação de quaisquer documentos e/ou informações relativas aos serviços, bem como exercer quaisquer outras atividades fiscalizatórias visando à realização do objeto contratual.
8. OBRIGAÇÕES DO IBDF
- 8.1. O IBDF promoverá um amplo programa de divulgação das espécies de madeira amazônica nos mercados internacionais e nacionais e de apoio à comercialização de produtos madeireiros, cabendo-lhe, ainda, a classificação das madeiras. Constitui, também, responsabilidade do IBDF, a liberação das áreas objeto da exploração.
- 8.2. O IBDF poderá estabelecer diretrizes gerais para a comercialização dos produtos resultantes das explorações madeireiras.

3. Serão especificadas e fornecidas à CONTRATADA, pelo IBDF, guias de modelo especial para o transporte da madeira bruta ou beneficiada, extraída nas áreas objeto do contrato e destinadas à comercialização.


OBRIGAÇÕES DA CONTRATADA

A CONTRATADA caberão todas as obrigações decorrentes das Ordens de Serviço e demais cláusulas contratuais e em especial as seguintes:

- 9.1. Derrubada, arraste, transporte e estocagem da madeira, com a eliminação ou remoção integral de todos os refugos oriundos da exploração, mediante o emprego de processos adequados;
- 9.2. Executar o plano de aproveitamento dos resíduos, como carvão vegetal;
- 9.3. Construção de vias de acesso, pontes, campos de pouso, oficinas, acampamentos e todas as instalações necessárias à execução do objeto contratual, que não conflitem com a execução das obras e serviços da UHE de Tucuruí;
- 9.4. Somente empregar nos trabalhos, pessoal competente e qualificado com experiência satisfatória e comprovada em serviços análogos;
- 9.5. Reforçar o seu pessoal, se ficar evidenciada a insuficiência ou incapacidade técnica dos mesmos para o cumprimento dos prazos contratuais, sem quaisquer ônus para o IBDF.

11/15




- 9.6. Oferecer sempre que solicitado pelo IBDF, detalhes completos sobre qualquer método, tipo de material ou equipamento empregado nos serviços.
  - 9.7. Conduzir os trabalhos segundo o cronograma de execução aprovado.
  - 9.8. Executar e administrar todos os serviços contratados e assumir total responsabilidade pela perfeita execução dos mesmos.
  - 9.9. Manter permanentemente no local dos serviços, cópias de desenhos, plantas e todos os documentos fornecidos pelo IBDF, bem como o livro de registro diário das ocorrências que deverão estar sempre disponíveis para a inspeção e uso da fiscalização.
  - 9.10. Observar toda a legislação pertinente ao objeto do contrato, especialmente a referente à proteção da fauna e transporte de madeira.
  - 9.11. Arcar com todos os ônus decorrentes da legislação tributária responsabilizando-se por todos os impostos, taxas, contribuições e empréstimos compulsórios exigíveis pelas Fazendas Federal, Estadual e Municipal, que incidam direta ou indiretamente sobre a atividade de objeto da execução contratual.
  - 9.12. Reparar, corrigir, remover, reconstituir ou substituir, dentro do prazo que for estipulado pelo IBDF, os eventuais vícios, defeitos e incorreções constatados pela Fiscalização nos serviços ou nos materiais empregados, sem quaisquer ônus para o IBDF e sem direito a prorrogações e alterações de cronograma.
- 

13. Assumir toda e qualquer responsabilidade por eventuais danos que vierem a causar ao IBDF ou a terceiros, decorrentes de sua culpa ou dolo na execução do contrato.
- 9.14. Dentro dos limites e normas de gerenciamento e coordenação das diretrizes e procedimentos relativos à comercialização dos produtos resultantes das explorações madeireiras, estabelecidas pelo IBDF e de mais órgãos governamentais competentes, a CONTRATADA poderá promover a comercialização e industrialização da madeira extraída, sem quaisquer encargos ou restrições, inclusive de contingenciamento.
- 9.15. A CONTRATADA se compromete a executar o desmatamento e limpeza total da área "El", comprometendo-se, ainda, a entregar ao IBDF, a título de retribuição, face à inclusão do aludido lote experimental no objeto da exploração, 3% (três por cento) do volume de cada espécie de madeira comercializável acima de 40 cm DAP, extraída do referido lote.

#### 10. PENALIDADES

Na ocorrência de inadimplemento contratual, abrangendo os casos de inexecução dos serviços, execução imperita ou descumprimento de quaisquer outras cláusulas contratuais a CONTRATADA estará, sem prejuízo da responsabilidade civil e criminal que couber, sujeita às seguintes penalidades:

- 10.1. Multa de 0,1% (zero vírgula um por cento) sobre o valor do contrato e em dobro na reincidência, por infração de qualquer cláusula contratual.
- 



- 10.2. Multa de 0,01% (zero vírgula zero um por cento) sobre o valor do contrato, por dia de atraso no pagamento das parcelas devidas ao IBDF; a partir do 10º dia de atraso o contrato torna-se passível de rescisão.
- 10.3. Suspensão do direito de licitar e contratar pelo prazo de 1 (um) ano, dependendo da natureza e gravidade da falta cometida, consideradas ainda, as circunstâncias e os interesses do IBDF.
- 10.4. Declaração de inidoneidade para licitar e contratar em função da natureza e gravidade da falta cometida ou de faltas e penalidades anteriores ou em caso de reincidência.
- 10.5. O IBDF poderá ser considerado inadimplente na ocorrência de repetidas recusas ou atrasos na emissão das ordens de serviço, desde que, respeitado pela CONTRATADA, o disposto no item 3.
- 10.6. A ocorrência de inadimplemento na forma do item anterior, desde que provoque a rescisão contratual, imporá ao IBDF responsabilidade por perdas e danos.
- 10.7. Na hipótese de a promoção a nível nacional e/ou internacional das espécies não tradicionais nesses mercados, de responsabilidade do IBDF, não se mostrar suficientemente eficaz ou adequada, o que se caracterizará pela excessiva disponibilidade de mercadorias nos pátios e/ou depósitos, a CONTRATADA poderá realizar esta promoção, mediante prévio acordo, cujos custos serão levados a débito do IBDF, quando do pagamento das parcelas contratuais.
- 10.8. As justificativas e recursos acerca de penalidades

aplicadas nos termos deste contrato serao apreciadas pelo IBDF, que, a seu critério, decidirá sobre a acolhida ou rejeição dos motivos relatados.

11. DISPOSIÇÕES FINAIS

11.1. A garantia prestada por ocasião da concorrência ficará retida até o término do prazo contratual, sendo restituída após 30 (trinta) dias daquela data se o objeto contratual restou inteiramente cumprido.

11.2. Na contagem de quaisquer prazos excluir-se-á o dia de início e incluir-se-á o dia de vencimento, prorrogando-se este, automaticamente, para o primeiro dia útil, se recair em dia sem expediente no IBDF.

11.3. Ao assinar o contrato, a CONTRATADA declara que tomou conhecimento da natureza e condições da região onde serão executados os serviços objeto deste contrato, inclusive no que se refere a clima, índice pluviométrico, apoio logístico e todas as dificuldades peculiares à mesma.

11.4. O foro eleito para toda e qualquer ação e exe-



...ção decorrentes do contrato é o da cidade de Brasília-DF, renunciando-se a quaisquer outros, por mais privilegiados que sejam.

E por estarem assim justos e contratados lavrou-se o presente contrato em 4 (quatro) vias, composta cada uma de 13 fls. devidamente rubricadas e ao final assinadas pelas partes e testemunhas para que produza todos os efeitos de direito.

Brasília, 26 de agosto de 1980.

PELO IBDF

PELA CONTRATADA

*Mauro Silva Reis*  
MAURO SILVA REIS  
Presidente

*Ademar Messias de Aragão*  
ADEMAR MESSIAS DE ARAGÃO  
Diretor-Presidente

Testemunhas

*Fernando José Bessôa dos Santos*  
FERNANDO JOSÉ BESSÔA DOS SANTOS  
Diretor-Gerente

*[Handwritten signatures of witnesses]*